Universidade Estadual de Londrina

**TALYTA ELEN FERREIRA TEODORO**

# A COMUNICAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DAS ORGANIZAÇÕES DE MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA

Londrina

2024

TALYTA ELEN FERREIRA TEODORO

# A COMUNICAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DAS ORGANIZAÇÕES DE MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA

Dissertação apresentada junto ao Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientador: Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani

Londrina

2024

**TALYTA ELEN FERREIRA TEODORO**

# A COMUNICAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DAS ORGANIZAÇÕES DE MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA

Dissertação apresentada junto ao Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

**BANCA EXAMINADORA**

_____
Prof. Dr. Rozinaldo Antonio Miani (Orientador)
Universidade Estadual de Londrina - UEL

_____
Prof. Dr. Manoel Dourado Bastos
Universidade Estadual de Londrina - UEL

_____
Profa. Dra. Solange Inês Engelmann
Universidade Federal Fluminense - UFF

Londrina, 29 de abril de 2024.

## EPÍGRAFE

Escreverei sobre o não dito,
sem me importar com o suspiro de ultraje
do censor e da audiência.
Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever,
mas tenho um medo maior de não escrever.

GLORIA ANZALDÚA

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho não seria possível sem o apoio de minha família, em especial meu irmão Alessandro Ribeiro que sempre me incentivou a estudar e esteve comigo nos momentos mais difíceis; à minha mãe Aparecida Alves, que me ensinou a ver o mundo e as pessoas com humildade, e que me deu liberdade para aprender sobre a vida, a sorrir e chorar quando fosse preciso, mas principalmente a lutar pelo que acredito.

Não poderia deixar de agradecer ao meu companheiro Carlos Arturo, que esteve ao meu lado, ouvindo todas as minhas certezas e incertezas, e me proporcionou importantes reflexões sobre a Colômbia e a América Latina, me mostrando que preciso sempre questionar e investigar a fundo o contexto político.

Agradeço às minhas amigas Andressa Borges e Milena Celinski que desde a graduação em Relações Públicas foram meu porto seguro, e o sopro de alegria que faz com que eu me veja da melhor forma possível, além é claro dos infinitos debates sobre nossa profissão e as artimanhas do capitalismo. À companheira de mestrado Karime Peres, que compartilhou reflexões, lutas e alegrias no árduo e necessário processo de escrita. A Amanda Marcondes que em nossas conversas no trabalho sempre me incentivou e me mostrou a potência da escrita e de nossas vozes. A amiga e companheira de militância Viviane Bernardes que se propôs a ler e somar com reflexões sobre meu trabalho, além de me incentivar durante a jornada acadêmica.

Por fim, não poderia deixar de agradecer ao meu orientador Rozinaldo Antonio Miani, por acreditar em mim e por ter me mostrado uma nova forma de ver o mundo por meio do fazer comunicativo, por estar comigo no mestrado, mas também na Graduação, na Iniciação Científica e no Projeto com a CLACSO. Você é uma grande inspiração no campo da Comunicação Popular e da militância. Obrigada por ter entrado nesta aventura comigo.

TEODORO, Talyta Elen Ferreira. **A comunicação popular no contexto das organizações de movimentos sociais na América Latina**. 2024. 108 fls. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

## RESUMO

Este projeto de pesquisa tem como objetivo realizar uma pesquisa analítica partindo da seguinte questão: como a comunicação popular tem sido utilizada nos movimentos populares da América Latina? Para responder essa pergunta, investigamos a comunicação da ALBA Movimentos, que atua principalmente na Venezuela e em Cuba, mas possui representantes em diversos países latino-americanos e caribenhos, e o Congreso de Los Pueblos que se iniciou na Colômbia e atualmente está presente em diversos países. A pesquisa se deu por meio de pesquisa bibliográfica e de levantamento histórico da consolidação dos movimentos sociais, da comunicação e das lutas políticas na América Latina e também por meio de entrevistas com representantes dos referidos movimentos. A pesquisa buscou evidenciar práticas da comunicação popular que auxiliam no processo de integração da luta social dos países latino-americanos, tendo em vista que o ato comunicacional é um ato político pedagógico, na perspectiva de as classes oprimidas ocuparem os meios de comunicação para transmissão de sua luta. A pesquisa analisou a produção comunicativa da ALBA Movimentos e do Congreso de Los Pueblos como parte da produção de um conhecimento autóctone, que proporciona uma nova visão sobre o nosso continente, a partir da valorização de nossos saberes originários de nossa terra, Abya Yala.

**Palavras-chave**: Comunicação popular; América Latina; movimentos sociais; ALBA Movimentos; Congreso de Los Pueblos.

TEODORO, Talyta Elen Ferreira. **A comunicação popular no contexto das organizações de movimentos sociais na América Latina**. 2024. 108 fls. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

## ABSTRACT

This research project aims to carry out a descriptive research based on the following question: how has popular communication been used in popular movements in Latin America? To answer this question, we will investigate the communication of the Bolivarian Alliance for the Americas (ALBA), which operates mainly in Venezuela and Cuba, but has representatives in several Latin American and Caribbean countries. The research will be carried out through a historical survey of the consolidation of social movements, and from that, interviews will be carried out with representatives of the movement. The research seeks to highlight practices of popular communication that help in the process of integration of Latin American countries, through a communication that is specific to our territory and that arose from the need to make a new type of communication. Bearing in mind that the communicational act is a political and pedagogical act, one sees the need for the oppressed classes to occupy the means of communication for the transmission of their struggle. Therefore, the project seeks to study in detail this process of emancipation from the hegemonic media and the production of indigenous knowledge, which provides a new vision of our continent, based on the appreciation of our knowledge and our land, Abya Yala.

**Keywords**: Popular communication; Latin America; social movements; ALBA Movements; Congreso de Los Pueblos.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 ..... 40
FIGURA 2 ..... 43
FIGURA 3 ..... 44
FIGURA 4 ..... 47
FIGURA 5 ..... 49
FIGURA 6 ..... 51
FIGURA 7 ..... 59
FIGURA 8 ..... 61
FIGURA 9 ..... 62
FIGURA 10 ..... 63
FIGURA 11 ..... 65
FIGURA 12 ..... 66

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---|---|
| ALBA | Aliança Bolivariana para os Povos da América |
| ALCA | Área de Livre Comércio das Américas |
| CEPAL | Comissão Econômica para América Latina |
| CP | Congreso de Los Pueblos |
| CPC | Comunicação Popular e Comunitária |
| ELN | Exército de Libertação Nacional |
| ENFF | Escola Nacional Florestan Fernandes |
| FARC-EP | Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia |
| FBSP | Fórum Brasileiro de Segurança Pública |
| FMI | Fundo Monetário Internacional |
| Indepaz | Instituto de Estudios para el Desarrollo de la Paz |
| IPEA | Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada |
| MST | Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra |
| PT | Partido dos Trabalhadores |
| Unasul | União de Nações Sul-Americanas |

## SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO ..... 10**

**1. UM DEBATE SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS ..... 14**

1.1 BATALHAS POLÍTICAS DAS ÚLTIMAS DÉCADAS ..... 19

1.2 AS LUTAS SOCIAIS E O PAPEL DA COMUNICAÇÃO..... 22

**2. ANÁLISE DA ALIANÇA BOLIVARIANA PARA OS POVOS DA AMÉRICA - ALBA MOVIMENTOS ..... 34**

**3. ANÁLISE DO CONGRESO DE LOS PUEBLOS ..... 53**

**4. A PROBLEMÁTICA DAS REDES SOCIAIS E O INSTAGRAM ..... 69**

4.1 A COMUNICAÇÃO POPULAR E A DIFUSÃO DA LUTA POLÍTICA POR MEIO DAS REDES SOCIAIS ..... 74

**5. CONSIDERAÇÕES FINAIS ..... 80**

**REFERÊNCIAS ..... 81**

**ANEXOS ..... 84**

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe estudar a comunicação popular nos movimentos sociais em nosso continente, realizando uma análise histórica dos principais acontecimentos políticos e compreendendo como esses fatos foram repercutidos na sociedade e, consequentemente, na opinião pública. A partir desse levantamento será possível compreender a importância da comunicação popular e seu papel estratégico para os movimentos sociais, principalmente, em nosso território latino-americano, proporcionando assim a possibilidade de construção da nossa pátria grande e de nossa plena integração, entendendo a necessidade de se criar identificação e acesso ao conhecimento em que os meios de comunicação se constituem como o canal e os movimentos sociais os produtores da mensagem.

Em contrapartida às diversas ferramentas de comunicação no âmbito popular, enfrentamos a era da desinformação, das notícias falsas, da ascensão do projeto imperialista e, consequentemente, da dominação de nossos territórios e saberes. A segregação é o objetivo, pois em diversos momentos históricos foi possível observar a força que uma América Latina soberana e independente possui, como vimos com Mercosul e nas movimentações para implementação do Banco do Sul (UNASUL) (HARNECKER, 2019).

Além do potencial econômico, possuímos um histórico de luta e resistência frente ao laboratório neoliberal instalado em nossa Abya Yala - nome dado pelo povo Kunan ao nosso continente, segundo o Instituto de Estudos Latinoamericano, encunhado nos processos de emancipação e que visa um sentimento de unidade e pertencimento.

Atualmente, depois de um sonho efêmero sobre uma perspectiva revolucionária em países como Bolívia, Brasil, Equador e Uruguai que vivenciaram governos progressistas, nos encontramos novamente imersos na potência das mídias, que insiste em defender esse projeto de dominação e exploração. Portanto, se faz necessário pensar alternativas para reverter esse cenário por meio da classe trabalhadora nas ruas, organizada e disposta a criar uma forma política que respeite a pluralidade, a ancestralidade e, principalmente, as demandas da população. Quando Paulo Freire se refere à ideia de esperançar, é possível considerar que a

comunicação popular em conjunto com os movimentos sociais tem a capacidade de construir algo novo, que seja indo, afro y nuestro.

É notável o avanço da extrema-direita na América Latina e a colaboração das mídias para que isso se perpetue. Também é possível perceber o crescimento das mídias independentes nos processos sociais e o quanto isso se faz necessário neste momento. Para compreender tal processo, o objetivo deste estudo consiste na análise da comunicação da ALBA Movimentos e do Congreso de Los Pueblos. Partindo da premissa das lutas sociais, compreendendo os elementos que são utilizados para a manipulação da sociedade e as formas como isso acontece na ordem do modo de produção capitalista, pretendemos discutir os meios de comunicação e como os movimentos sociais precisam se apropriar das ferramentas da comunicação popular para informar e transformar, reconhecendo que é imprescindível uma comunicação que advenha das camadas populares.

Após um minucioso levantamento bibliográfico iremos realizar entrevistas qualitativas e semi-estruturadas, quando será possível a imersão do pesquisador para realizar uma interpretação da realidade que nos cerca (BRADLEY, 1993). Serão realizadas entrevistas com representantes de movimentos vinculados à Aliança Bolivariana para os povos de nossa América (ALBA Movimentos) e Congreso de Los Pueblos (CP). Nas entrevistas serão analisados o papel da comunicação nesses movimentos, as ações de visibilidade e as pautas internacionalistas que contribuem para o debate da integração latino-americana.

A pesquisa buscará responder como a comunicação popular tem sido utilizada dentro dos movimentos sociais na América Latina, principalmente, em frentes internacionalistas que visam um processo político pedagógico de integração, por meio das lutas travadas em nosso continente, como é o caso do Congreso de Los Pueblos que integra a ALBA Movimentos. A comunicação tem exercido um papel fundamental em nossa sociedade, tanto para potencializar o alcance de reivindicações sociais quanto, infelizmente, para propagar discursos de ódio.

> [...] alguns fatos recentes acionaram o sinal de alerta. Em diversos países foram eleitos políticos ultraconservadores, que se valeram da difusão de informações falsas por meio das redes sociais, aplicativos de mensagens e, muitas vezes, do apoio da mídia tradicional para chegar ao poder. (MARTINS, 2020, p.12)

Por meio dessa percepção, o trabalho pretende evidenciar a importância de uma comunicação que surja de outras camadas da sociedade, que venha de baixo para cima, na disputa dos meios hegemônicos, que seja a porta voz das reivindicações latentes em nossa sociedade e, principalmente, que seja uma ferramenta de desenvolvimento humano por meio da participação popular. A Constituição Bolivariana (1999) destaca a importância e a forma pela qual esse desenvolvimento é conquistado, conforme afirma Marta Harnecker (2019, p.107):

> Ali se diz que a participação do povo na formação, execução e controle da gestão pública é o meio necessário para conseguir o protagonismo que garanta seu completo desenvolvimento, tanto individual, como coletivo.

Um dos desafios que a comunicação popular coloca é romper com a passividade das pessoas, pois tradicionalmente somos educados a sermos receptores e, com isso, não nos damos conta de que existe uma forma de comunicação ao qual podemos nos inserir, porque muitas vezes é reproduzida uma visão alienada da comunicação, ou seja, como algo de outro. Precisamos romper com a ideia predominante que se tem dos meios de comunicação, pois esses meios podem ser participativos (PERUZZO, 1998). Cicilia Peruzzo propõe uma reflexão acerca da participação pensando no protagonismo das organizações populares, já que desde o período colonial vivemos uma reprodução eurocêntrica de valores totalitários, que restringe a participação. Afirma a referida autora:

> Diante dessa situação, concordamos com Demo, ao afirmar que a participação não é dada, é criada. Não é dádiva, é reivindicação. Não é concessão, é sobrevivência. A participação precisa ser construída, forçada, refeita e recriada. (PERUZZO, 1998, p.75)

A partir disso, Peruzzo (1998) classifica níveis de participação para contribuir com o avanço em qualidade participativa e na conquista de cidadania da sociedade, ao qual podemos pensar no contexto latino-americano, pois o trabalho busca discutir a participação popular na comunicação como um elemento significativo na ampliação dos saberes ancestrais e críticos de nosso continente. Para compreender o processo de integração, analisaremos a atuação dos movimentos sociais, buscando extinguir as definições limitantes que nos impedem de sermos

protagonistas de nossa própria história, de ocupar os meios de comunicação ditos massivos e sua apropriação simbólica, visto que a modernidade não é uma via de mão única, e que existem possibilidades, sendo possível uma comunicação que abarque diversas outras formas de manifestações culturais para que, assim, se possam construir representações plurais e verdadeiras. Dito isso, esta pesquisa buscará responder à seguinte questão: como a comunicação popular tem sido utilizada dentro dos movimentos sociais latino-americanos, mais especificamente o Congreso de Los Pueblos e a ALBA Movimentos?

# 1. UM DEBATE SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS E SEUS DESDOBRAMENTOS

Iniciaremos com a demarcação conceitual de movimentos sociais, visto que existe uma dificuldade prática em delimitar suas configurações na sociedade, muitas vezes pautada apenas como uma ação de reivindicação e não como movimentos organizados com um projeto político voltado para mudanças sociais. Consideramos que os movimentos sociais possuem algum tipo de institucionalização e uma atuação contínua, além de serem estruturados em redes de militância, buscando a mobilização e a organização dos povos.

Segundo Ilse Scherer-Warren (2014) o engajamento institucional dos movimentos sociais visa organizar a população para uma luta em comum na esfera pública, mas esse processo só é possível, segundo Ranulfo Peloso (2014), por meio do trabalho de base, que é fundamental para “acreditar de novo no sonho de liberdade, na qual os interessados se envolvem na construção de uma vida melhor para si e para todos.” (PELOSO, 2014, p.15).

Um dos debates mais latentes nos movimentos sociais latino-americanos têm sido as questões identitárias e a visão marxista ortodoxa de classe. Andréia Galvão (2011) aponta que nos anos 80, com o surgimento do que a sociologia vai chamar de reflexões políticas contemporâneas dos “novos movimentos sociais", teve início um processo de reformulação do marxismo a partir do debate de questões latentes em nossa sociedade - ligadas ao identitarismo - que, historicamente, estiveram apagadas dos processos políticos. Por sua vez, esse debate identitário na esfera pública tem sido questionado acerca do esquecimento da luta de classe, ocorrendo um distanciamento da luta contra o sistema capitalista e visando apenas a manutenção do sistema. A relação entre classes e movimentos sociais se dá a partir do conflito existente entre as duas classes centrais na ordem capitalista, bem como por meio das contradições estruturais que são agravadas pela conjuntura (GALVÃO, 2011), definida como um processo econômico-político-ideológico. Nesse contexto, os movimentos sociais desempenham um papel imprescindível na luta contra a exploração e a dominação capitalista.

A esse respeito, Galvão (2011) sistematiza três pontos para uma perspectiva marxista dos movimentos sociais; o principal deles diz respeito à “eclosão desses

movimentos à posição de classes de seus participantes” (GALVÃO, 2011, p.7) que, muitas vezes, não serão uniclassistas, mas terão pessoas de diferentes segmentos sociais participando, podendo ser classificados como pluriclassistas. A referida autora irá apontar alguns aspectos das lutas desses movimentos que não são excludentes: demandas pontuais ao Estado, que podem ser classificadas como a luta pela demarcação de terras indígenas, as ocupações urbanas, movimento dos sem terra, entre outros que lutam por questões práticas e pontuais para a existência humana e que dizem respeito a necessidades fundamentais como alimento e moradia. Outro aspecto é o das ”lutas por reformas”.

Galvão (2011) também aponta para a perspectiva da “mudança das práticas e dos valores sociais” expressados pelos movimentos de gênero, raça e etnias, que pautam uma mudança social para a consolidação de direitos, como o casamento homoafetivo, as cotas raciais e demais pautas que são essenciais para uma relação de igualdade no sistema capitalista, mas que, por vezes, não visam uma transformação estrutural. A esse respeito podemos nos referir a diversos pensadores latino-americanos que irão indicar o diálogo do marxismo com as pautas identitárias, mostrando ser possível uma construção socialista que abarque a pluralidade de cada território, como uma cosmovisão indígena e afrodiaspórica negra. A esse respeito, devemos considerar que a América Latina tem sido um território de muitas lutas e de resistência:

> Hoje, quando o neoliberalismo é alvo de uma crescente rejeição no mundo, devemos lembrar que a América Latina foi o primeiro cenário onde foram implantadas as políticas neoliberais [...]. Mas também foi a primeira região do mundo em produzir um processo de rejeição a essa políticas, que serviram apenas para aumentar a pobreza, incrementar as desigualdades sociais, destruir o meio ambiente e debilitar os movimentos dos trabalhadores e populares em geral. (HARNECKER, 2018, p.27)

Euclides André Mance (2007) argumenta que os objetivos definidos pelos movimentos sociais são elaborados e pensados visando estratégias políticas relacionadas a determinados partidos, igrejas, agrupamentos políticos, coletivos e demais iniciativas que criam um programa como forma de atuação e organização frente às demandas levantadas. Pensando a partir do espectro da história, a articulação dos movimentos parte de decisões democráticas desenvolvidas pelos

indivíduos que a compõem; nesse sentido, Mance (2007) aponta a importância de uma estratégia global para facilitar o avanço da luta pela superação do capitalismo.

Ainda a esse respeito, o pensador peruano Carlos Mariátegui também aponta a importância da integração latino-america para um processo de transformação concreto: “A emancipação econômica do país só é possível pela ação das massas proletárias, solidárias com a luta antiimperialista mundial.” (MARIÁTEGUI, 1982, p.77).

Foi por volta de 1950 que a pauta dos primeiros movimentos de libertação nacional começou a ganhar força, baseada na independência política e econômica dos países latino-americanos em relação aos países colonizadores. Esses movimentos, liderados por figuras como Fidel Castro em Cuba e Che Guevara em diversos países, inspiraram toda uma geração de jovens a se engajarem na luta por uma América Latina mais justa e igualitária.

Nesse contexto ocorreu de forma exitosa a Revolução Cubana, com um forte impulso do Movimento 26 de Julho que, em 1953, realizou o assalto ao quartel Moncada frente à escalada neoliberal e à submissão do governo ditatorial de Fulgêncio Batista aos Estados Unidos que, naquele período, tentava impor sobre os cubanos um “plano de reajuste” que causava a redução dos salários, demissões em massa e a retirada da legislação social conquistada por meio da luta dos trabalhadores; essas e outras medidas tomadas pelo ditador causou uma enorme insatisfação na população que, além da repressão, perseguição e assassinato de militantes, tornou a Revolução Cubana uma necessidade da população (LOWY, 2016).

Na década de 1960 surgiram os movimentos estudantis e os movimentos de guerrilha urbana, que lutavam contra as ditaduras militares que tomaram o poder em vários países na América Latina. Esses movimentos foram fortemente reprimidos pelos regimes autoritários, mas deixaram um legado importante de luta pela democracia e pelos direitos humanos. Faz-se importante ressaltar o discurso histórico de Fidel Castro pronunciado em 16 de abril de 1961, na ocasião do enterro de vítimas atingidas por um bombardeio de aviões, comandados pelo movimento contra revolucionário. No referido discurso, Fidel Castro apontava o caráter socialista da Revolução Cubana e, como consequência, “no dia seguinte, 17 de abril, vários milhares de contra revolucionários cubanos (armados e treinados pela CIA),

desembarcava na praia Girón, sendo derrotados em 72 horas pelas milícias operárias e camponesas.” (LOWY, 2016, p.287).

Nos anos 80 e 90 surgiram novos movimentos sociais, como os movimentos feministas, os movimentos LGBT, os movimentos ambientalistas e os movimentos de direitos humanos. Esses movimentos ampliaram a luta por justiça social, incluindo novas questões e demandas na agenda política. Hoje em dia, os movimentos sociais continuam a ser uma força importante na América Latina, lutando contra a desigualdade social, a exploração e a opressão em todas as suas formas. Esses movimentos são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva na região.

No Brasil, nos anos 80, acreditava-se no processo político como uma escada na qual o militante iria subindo; tratava-se de um pensamento polêmico, que se parece com o conceito de meritocracia, em que os indivíduos começavam com atuações de base em pastorais, depois iam para o movimento popular ou sindicato e, por fim, chegavam ao partido político (MANCE, 1980). Nesse contexto, qual seria a definição de movimento e qual seria seu aspecto popular? Para Mance (1980, p.6) poderíamos partir da seguinte premissa:

> Por movimento popular entendemos todas as formas de mobilização e organização de pessoas das classes populares diretamente vinculadas ao processo produtivo, tanto na cidade quanto no campo. São movimentos populares as associações de bairros da periferia, os clubes de mães, as associações de favelados, os grupos de loteamento clandestino, as comunidades de base, os grupos organizados em função da luta pela terra e outras formas de lutas e organizações populares. É também parte integrante do movimento popular o movimento sindical que, pela sua própria natureza, possui um caráter de classe definido pelas categorias profissionais que o integram.

Quando pensamos nas pautas desenvolvidas pelos movimentos e suas transformações ao longo do tempo, o referido autor aponta que durante o período da ditadura civil-militar os movimentos possuíam uma reivindicação comum: o fim da ditadura. Porém, com a derrocada do regime ditatorial e a instauração de um projeto de redemocratização, teve início uma nova fase em que os movimentos passaram a assumir “o papel de interlocutor junto ao Estado e enfrentou, igualmente, uma importante divisão de posições no campo político daqueles que, até então, estavam todos unidos na oposição à ditadura.” (MANCE, 2007, p.12). No processo de

redemocratização, o Estado assumiu uma postura mais assistencialista e populista e, nesse contexto, o debate identitário se tornou mais presente, surgindo diversos movimentos com esse tipo de pauta e, consequentemente, esse debate passou a se aprofundar dentro dos partidos políticos.

Outro tema latente na sociedade e que vinha crescendo é a questão da desigualdade entre homens e mulheres, além de um aprofundamento ainda maior entre brancos e pretos. Lélia Gonzalez (2020), em seu livro *"Por um Feminismo Afro Latinomaricano",* aponta que o feminismo desempenhou um papel fundamental na luta, conquista, formação de grupos e redes e em uma nova maneira de ser mulher na perspectiva da luta contra a exploração capitalista e patriarcal. Também foi possível o debate na sociedade sobre sexualidade, violência, direitos reprodutivos, dentre outros temas, impulsionando uma mudança nas diversas concepções estabelecidas e estruturadas a respeito dessas questões.

Porém, apesar das contribuições do movimento feminista ao debate da sexualidade no mundo todo, no Brasil e em outros países não ocorreu o debate da perspectiva racial. Gonzalez (2020, p.140) aponta, por exemplo, que "ao se deparar com a produção feminista, é notável o esquecimento das pautas raciais" e segue afirmando que tanto o sexismo quanto o racismo partem de diferenças biológicas para se estabelecer como ideologias de dominação.

Por sua vez, é importante ponderar que a partir dos anos 80, apesar do surgimento de novos movimentos sociais e do êxito na derrubada da ditadura civil-militar, as organizações populares e partidos políticos falharam na politização das bases, que foram cada vez mais se afastando de uma perspectiva de classe, sendo esse aspecto evidente até os dias atuais, conforme indica Mance (2007, p.13):

> Além dessa fragilidade técnica, evidenciava-se igualmente uma fragilidade política: as reivindicações dos movimentos - por falta de uma definição mais precisa de objetivos históricos e estratégicos - ficavam apenas no caráter conjuntural, imediato, não avançando para intervenções sobre elementos mais estruturais da organização da cidade e da sociedade.

Outra dificuldade constatada, que converge com o pensamento de Mance (2007) e Galvão (2011), é a fragmentação de objetivos e a dispersão das lutas populares, resultado do aumento do número de movimentos e a diversidade de

representações que possuíam. Também se tornou mais comum que lideranças desses movimentos migrassem para os sindicatos e partidos políticos.

Por outro lado, alguns movimentos ou articulações políticas buscam superar essa fragmentação ou dispersão, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que trava uma luta nacional pela reforma agrária, ou como o movimento bolivariano na Venezuela, que possui uma perspectiva de atuação internacionalista, ou ainda o exemplo dos movimentos indígenas presentes em países como Bolívia, Peru e Equador, que buscam por meio de suas reivindicações específicas, a superação do capitalismo inspirados por uma prática marxista. A luta desses movimentos tem sido marcada por tentativas de discriminação e de criminalização, pois os movimentos sociais defendem reivindicações latentes da sociedade frente à intensa exploração capitalista.

### 1.1 BATALHAS POLÍTICAS DAS ÚLTIMAS DÉCADAS

Quando pensamos nas lutas políticas que ocorreram de forma mais recente no cenário latino-americano é importante ressaltar que entre 1999 e 2011 a esquerda triunfou em processos eleitorais democráticos para a escolha de governos em 25 países da região - e manteve tais governos por mais de um período na maioria deles (18) - o que representa uma situação sem precedentes na história da região segundo o cientista político uruguaio Jorge Lanzaro (2007). Além disso, tivemos um avanço ainda maior no número de movimentos sociais que surgiram na última década, tratando de diversas temáticas e reivindicações, como o movimento indígena - que há séculos reivindica os direitos dos povos originários, mas somente na última década passou a ter mais visibilidade na mídia e nos movimentos sociais - e a retomada dos movimentos populares nos bairros e campos, como no México e na Argentina. A esse respeito, afirma Maria da Glória Gohn (2008, p.441):

> Outros movimentos que estavam na sombra e tratados como insurgentes, emergem com força organizatória, como os piqueteiros na Argentina, cocaleiros na Bolívia e Peru, zapatistas no México. Outros, ainda, articulam-se em redes compostas de movimentos sociais globais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra no Brasil) e a Via Campesina.

No Brasil, tivemos um avanço das pautas do movimento negro, como a denúncia do genocídio da população preta e pobre nas periferias do país e a ampliação da política de cotas raciais, que foi um importante marco na luta política antirracial possibilitando um enegrescer da ciência brasileira e uma maior presença da classe trabalhadora negra dentro das universidades públicas. Tivemos também o avanço do movimento feminista em toda região, como por exemplo, a conquista do direito ao aborto na Argentina, por outro lado, contraditoriamente, na Guatemala, Joana Santigo, uma parteira que lutava pelo direito das mulheres em seu país, foi brutalmente assassinada a tiros, a exemplo do que ocorreu com a vereadora e militante negra Marielle Franco, no Brasil. Essa situação demonstra que, mesmo com a crescente onda do feminismo, ainda é necessária uma longa luta para a construção de uma sociedade onde não se mate outro ser humano baseado em seu gênero, etnia ou posicionamento político.

Alinhado às lutas políticas do último século, o imperialismo segue camuflado pela mídia e aprofunda suas mazelas por meio do avanço de seu projeto neoliberal. Um exemplo dessa situação é relatada por Marta Harnecker (2018) em sua obra *"Um mundo a construir"*, trazendo detalhes da negociação ocorrida em 2009 quando naves, armas e dispositivos de ponta em espionagem foram transferidas às bases militares situadas entre a fronteira da Venezuela e do Equador; esse acordo entre os dois países foi realizada em segredo e o governo colombiano de Álvaro Uribe garantiu cerca de quarenta milhões de dólares por este pacto militar abrangendo "a ocupação social, do político ou governamental, do econômico, do territorial e do ecológico. Os estrategistas do Pentágono chamam este fenômeno de 'dominação do espectro completo'" (HARNEKER, 2018, p.68) em que, por meio da mídia, da economia e do militarismo têm-se todos os mecanismos necessários para atuar livremente em outros países.

Nesse cenário, os movimentos sociais têm um papel importante na dinâmica política, pois é por meio deles que se muda a lógica de dominação, que as pautas são reivindicadas e, principalmente, que setores da sociedade se organizam e se formam politicamente com visão crítica sobre os fatores que os cercam. No caso da luta latino-americana tem-se pautado cada vez mais a importância de uma pátria grande, da construção de uma luta continental que abarque os povos submetidos às mazelas do neoliberalismo.

Assim como o povo latino-americano historicamente é reprimido, também há uma luta histórica incansável na perspectiva de superação do capitalismo e que, por meio da luta inspirada pelo ideário marxista, seja possível organizar a classe trabalhadora para que, de forma global, se transforme a estrutura de exploração em um processo de colaboração e coletividade a partir de uma revolução mundial que derrube o sistema capitalista, afinal, como Marx e Engels afirmam, a emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores.

Segundo Michel Löwy (2016, p.52), o sucesso da direita no Brasil se deve ao capitalismo internacional, às forças armadas e aos meios de comunicação. A construção da Pátria Grande é um importante marco na luta latino-americana, pois visa uma abordagem de perspectiva continental, buscando a união e a emancipação dos países submetidos ao neoliberalismo, que esmaga povos e trava guerras das quais esses povos são vítimas; portanto, é necessário enfatizar a busca histórica por superar o capitalismo por meio da luta marxista, como um meio de organização da classe trabalhadora em um espectro global, que busca uma verdadeira transformação da estrutura de exploração.

A superação do capitalismo possui um profundo debate dentro das universidades e movimentos sociais, que constantemente buscam se basear nas ideias de Marx e Engel numa luta pela emancipação dos trabalhadores, alcançada de forma coletiva por meio de uma ação global. O pensador Charles Bergquist (1988) em seu livro *"Los trabajadores en la historia latinoamericana"* aponta que muitas vezes a historiografia latino-americana não reconhece a importância e o papel decisivo do movimento de trabalhadores e das organizações sindicais nas formas de integração da economia, que se intensificaram com o desenvolvimento do capitalismo. A esse respeito, o referido autor aponta que a Comissão Econômica para América Latina (CEPAL).

> Construyeron tipologías sistemáticas de las economías exportadoras y, de manera muy lúcida, delinearon las implicaciones que cada una de ellas conllevaba para el desarrollo económico nacional de la periferia latinoamericana del sistema capitalista mundial. (BERGQUIST, 1988, p.25)

Um dos acontecimentos mais notáveis vivenciados no continente e que marcou o início de importantes transformações na região foi a posse de Hugo

Chávez como presidente da Venezuela em 1999, que buscou impulsionar um processo de transformação da realidade do povo venezuelano por meio da nacionalização de indústrias e implementação de programas de distribuição de renda, no que ele irá chamar de “socialismo do século XXI”, termo criado pelo sociólogo alemão Heinz Dieterich que teve grande influência no processo de implementação do projeto bolivariano na Venezuela.

As lutas travadas na América Latina em busca de vida digna e igualdade é uma pauta constante dos movimentos sociais e partidos políticos que resultou, dentre outros importantes desdobramentos, na eleição do primeiro presidente indígena na Bolívia, Evo Morales, no ano de 2006, bem como em importantes movimentos de luta e resistência em vários países da região, em especial, na Colômbia.

Destacar o papel estratégico que a Colômbia exerce na América Latina é fundamental porque, mais adiante em nossa pesquisa, iremos desdobrar em uma análise do *Congreso de Los Pueblos*, movimento que se articula em conjunto com a ALBA Movimentos e que possui uma forte representação política no país, sendo possível ter uma compreensão mais aprofundada sobre os enfrentamentos atuais e desafios no continente.

### 1.2 AS LUTAS SOCIAIS E O PAPEL DA COMUNICAÇÃO

Para pensar a comunicação no contexto das lutas sociais, é importante fazer uma análise do que vem sendo feito na prática: O que é possível observar e quais os desafios enfrentados atualmente? Para isso, partimos das reflexões do pesquisador Rozinaldo Antonio Miani que reconhece que, apesar de a comunicação ser estratégica na difusão das lutas dentro dos movimentos sociais, ainda assim ela tem ocupado um papel secundário, pois a maioria das organizações populares não possui uma política de comunicação bem estruturada. O referido autor aponta que as práticas comunicativas são desempenhadas dentro dos movimentos e partidos, mas que essas organizações não conseguem desenvolver seu papel informativo e formativo como a comunicação popular e comunitária pressupõe. Segundo Rozinaldo Antonio Miani e Ludmilla Andrade Fregonesi (2008, p.61) as políticas de comunicação são definidas por meio de um conjunto de diretrizes, que conformam

práticas comunicativas “planejadas e executadas de forma participativa e dentro de parâmetros de eficiência e eficácia, desempenhando um papel formativo e informativo”.

Mesmo com a crescente popularização das lutas por meio das chamadas redes sociais é importante observar de forma crítica se esse ambiente promove uma comunicação participativa e se, de fato, garante a qualificação do debate a partir da informação; trata-se de uma problemática ainda mais complexa se considerarmos o contexto de desinformação que vivemos em nossa era.

A América Latina é o laboratório neoliberal do sistema capitalista, mas, por outro lado, um dos primeiros territórios a lutar contra suas políticas; nesse sentido, é considerado um exemplo de luta para outros países que viram em Cuba e, posteriormente, após importantes vitórias de candidaturas de esquerda na América Latina a partir da década de 1990 - principalmente, com Hugo Chávez em 1998 na Venezuela -, uma forma de resistência à realidade imposta.

> Em alguns países, como Venezuela, Bolívia e Equador, o colapso ou o enfraquecimento extremo da institucionalidade neoliberal conduziu governos líderes que capitalizaram o descontentamento dos cidadãos, apesar de não contar de início com fortes partidos de esquerda. Em outros, como o Brasil e Uruguai, foi o acúmulo organizativo e político da esquerda o que levou seus candidatos à presidência. (HARNECKER, 2018, p.29)

Harnecker (2019) apresenta uma breve revisão das mobilizações mais importantes que ocorreram na América Latina. Segundo a autora, os movimentos populares surgem a partir da crise de legitimidade do neoliberalismo, que partem da dinâmica existente em determinados contextos sociais como forma de resistência a medidas impostas. Um exemplo dessa luta foi o *Caracaço* na Venezuela, em 27 de fevereiro de 1989, que eclodiu após o governo de Carlos Andrés Pérez impor um pacote de medidas econômicas neoliberais acordado com o Fundo Monetário Internacional (FMI) que pretendia privatizar empresas estatais, reduzir o gasto público e liberar os preços para o comércio estrangeiro, dentre outras ações. As manifestações terminaram com um massacre da população que estava na rua: “Segundo o reconhecido intelectual francês Ignácio Ramonet, o povo venezuelano foi o primeiro do mundo que se sublevou contra a tirania do neoliberalismo.” (HARNECKER, 2019, p.30).

Um grande exemplo da luta indígena e o papel da comunicação foi o Levante Indígena que ocorreu no Equador, iniciado em 28 de maio de 1990, com a ocupação pacífica da Igreja de Santo Domingo por parte de um grupo de indígenas; o movimento aos poucos foi se espalhando para outras regiões do Equador, assumindo diversos graus de intensidade, bem como formas de expressões diferenciadas, tais como ocupação de órgãos públicos, interdição de estradas centrais, paralisação dos transportes (o que gerou o bloqueio parcial do país e, inclusive, o desabastecimento em várias de suas regiões), ocupação de praças e ruas das capitais e principais cidades das províncias, ocupação de fazendas acompanhada da exigência de sua desapropriação, entre outras. As manifestações priorizaram formas pacíficas e festivas de expressão, com cânticos, danças típicas e a ostentação de símbolos indígenas, como ponchos, sombreiros e, principalmente, a Wipala, que passou a ser a bandeira-símbolo do movimento indígena. Contudo, em algumas localidades as manifestações transcorreram num clima tenso, em razão da repressão, muitas vezes violenta, do Exército. “Graças à resistência indígena o neoliberalismo no Equador não conseguiu privatizar empresas estratégicas como o petróleo, a eletricidade, as comunicações, dentre outras.” (HARNECKER, 2019, p.31).

Essas táticas de mobilização continuam sendo utilizadas até os dias atuais. A Colômbia se apresenta como um dos principais países latino-americanos que ainda possui guerrilhas, expondo a profundidade do conflito armado que existe no país e os índices alarmantes de desigualdade social gerada pelo comércio de cocaína, colocando a vida de milhares de pessoas em risco diariamente por interesse do capital internacional, principalmente dos Estados Unidos, que lucra com o conflito armado no país e é o principal consumidor de cocaína no mundo.

São muitas as análises que podem ser feitas, mas o principal objetivo dessa pesquisa é analisar a importância dos movimentos sociais e de sua comunicação dentro de contextos tão brutais como o da Colômbia e de diversos outros países da América Latina. Uma das principais formas de atuação dos movimentos colombianos é em pequenos congressos regionais e, posteriormente, em nível nacional onde são apontadas as principais necessidades de determinados territórios.

Além da construção política nacional, o movimento Congreso de Los Pueblos, em sua cartilha, aponta a importância de “fortalecer una agenda internacional para avanzar en la integración de los pueblos” (CARTILHA, 2021, p.5). Desde sua

criação, o movimento passou por diversos processos políticos importantes em sua mobilização nacional, como as “mingas” que são mobilizações massivas das comunidades indígenas, trabalhadoras e afrodescendentes que caminham pelo país com suas reivindicações políticas, gerando grande visibilidade às pautas levantadas e trazendo maior integração e unidade desses povos em sua luta.

Um dos principais temas pautados dentro da política colombina nos últimos anos foi o processo de paz. O comunicador popular Julian Alvaran do Congreso de los Pueblos, em entrevista concedida para esta pesquisa, comenta sobre a importância de construir um país onde se possa avançar no debate, por meio de um plano de vida digna nacional, pautando uma mudança estrutural nas causas do conflito armado que ocorre no país, que tem raízes históricas, marcadas pela desigualdade, e que ainda não foram superadas. E segue afirmando que, enquanto não forem alteradas essas causas, o conflito que ocorre há mais de seis décadas não irá acabar.

Para Mariátegui (1982) a revolução só seria possível na América Latina se tivesse um viés anti-imperialista e objetivos agrários. Ele aponta que o socialismo latino-americano teria muito mais possibilidades de se desenvolver a partir da luta campesina, pelo resquício do “Comunismo Inca”. Segundo Mariátegui (1982, p.77) “só a ação proletária pode estimular primeiro e realizar depois as tarefas da revolução democrática-burguesa, que o regime burguês é incompetente para desenvolver e cumprir”.

Dentre essas tarefas, certamente, está a necessidade de romper com as heranças do patriarcalismo colonial. Heloisa Buarque de Hollanda (2020) - pensadora de grande importância no contexto latino-americano e autora da obra “*Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*” - tem realizado produções pertinentes a esse respeito. A referida autora inicia suas reflexões apontando a profunda crise que vivemos no sistema capitalista e a necessidade de combater os retrocessos em decorrência do avanço da extrema direita; na linguagem política do feminismo, esse movimento é chamado de “quarta onda”.

> Nesse quadro, o feminismo eurocentrado e civilizacional começa a ser visto como um modo de opressão alinhado ao que rejeita, uma branquitude patriarcal, e informado na autoridade e na colonialidade de poderes e saberes. (HOLLANDA, 2020, p.13)

Uma das questões apontadas por Hollanda (2020) é como construir um feminismo sem levar em conta as epistemologias originárias? Essa dúvida nos direciona para a origem do pensamento feminista “decolonial” e a urgência de inserir os saberes indígenas e afrodispóricos para a luta das mulheres brasileiras a partir das reflexões de intelectuais latino-americanas, propondo o que ela vai chamar de “contraepistemologias” para lutar contra o imperialismo e o colonialismo.

A compreensão do Brasil como um país afro-indígena possibilita entender as estruturas que nos limitam e impulsiona um movimento de levante e retomada dos saberes que foram apagados da história, pois o feminismo eurocêntrico não abarca as mulheres camponesas, periféricas e sem terra. A pergunta necessária a ser feita a partir disso é: como podemos explicar esse "esquecimento" por parte do feminismo das pautas raciais e de classe?

Segundo Lélia Gonzalez (2020) e diversos pensadores das ciências sociais, a resposta está no mito da democracia racial, no racismo velado e em uma visão eurocêntrica e neocolonialista que possuímos no Brasil e em toda América Latina. Portanto, para se construir um feminismo autóctone e popular é necessário pautar o caráter multirracial e pluricultural das sociedades latino-americanas, para não se cair em um racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco que possuímos dentro dos movimentos sociais brasileiros, para que o antirracismo seja parte do movimento de mulheres.

Gonzalez (2020) aponta que o racismo latino-americano é sofisticado, mantendo os negros e indígenas na condição de subordinado por meio da ideologia do branqueamento, que é transmitida pelos meios de comunicação e pelos aparatos ideológicos tradicionais; sendo assim, é possível compreender o mito da superioridade branca que produz a negação de nossas raízes e identidade ao ponto de muitos países latino-americanos abolirem o uso de indicadores raciais em seus censos (como atualmente no Brasil).

Os indígenas foram colocados como símbolos místicos de resistência contra a agressão colonial e neocolonial, mas ao mesmo tempo é mantida a subordinação dos indígenas aos brancos. Com os negros desenvolveu-se o famoso mito da democracia racial. Uma das exceções em nosso continente é a Nicarágua que em setembro de 1987 aprovou o Estatuto da Autônima das Regiões da Costa Atlântica que garante a participação da comunidade na definição de projetos que beneficiam a

região e reconhece o direito sobre as terras comuns; além de promover a igualdade, reconhece direitos religiosos e linguísticos (GONZALEZ, 2020).

Outro fator muito importante a ser considerado é que no interior dessas profundas camadas de desigualdade em nosso continente há a desigualdade sexual. Ainda é preciso reconhecer uma dupla opressão sofrida pelas ameríndias e amefricanas, pois o caráter sexual as torna mais oprimidas e exploradas em uma região de capitalismo patriarcal-racista dependente, portanto, produzindo uma desigualdade tripla, visto que essas mulheres em sua maioria fazem parte da classe trabalhadora afro-latino-americana. A esse respeito, Gonzalez (2020, p.147) afirma:

> Cabe aqui um fato importante de nossa realidade histórica: para nós, amefricanas do Brasil e de outros países da região - e também para as ameríndias -, a consciência da opressão ocorre antes de tudo por causa da raça. A exploração da classe e a discriminação racial constituem as referências básicas da luta comum de homens e mulheres pertencentes a um grupo étnico subordinado.

Em suas reflexões, a referida autora contextualiza Virginia Vargas e as diferentes modalidades de participação dentro do movimento: popular, político-partidário e feminista. E é justamente no popular que encontraremos a maior participação de mulheres afro-americanas e ameríndias, pois muitas vezes elas estão preocupadas com a sobrevivência familiar e procuram se organizar coletivamente. Porém, é importante apontar o papel dos movimentos étnicos como movimentos sociais, a exemplo do movimento indígena que vem se fortalecendo na América do Sul e América Central, buscando a reconstrução de sua identidade, resgate da própria história, além de propor discussões sobre as estruturas sociais (GONZALEZ, 2020).

Gonzalez (2020) aponta que o caráter racial é a razão dos processos de opressão no Brasil, principalmente, durante a escravidão que foi sofrida por homens e mulheres. Por sua vez, também foi dentro dessa comunidade escravizada que se desenvolveu formas político-culturais de resistência, como a capoeira. O mesmo exemplo é válido para as comunidades indígenas. Portanto, a presença nos movimentos étnicos é fundamental, pois as mulheres negras e indígenas nesses espaços desenvolvem uma participação ativa e muitas vezes de protagonistas. Porém, essa participação dentro desses movimentos também deixa visível a

discriminação sexual, pois muitas vezes os homens reproduzem as práticas sexistas do patriarcado dominante e tentam excluir as mulheres da esfera de decisão; é justamente por esse tipo de situação que muitas mulheres procuram o movimento feminista, acreditando que ali poderão encontrar a irmandade, mas, novamente são silenciadas e excluídas.

O silêncio vem de cima. Um exemplo é o caso de Marielle Franco, preta, bissexual, socióloga e política brasileira, que foi assassinada em 14 de março de 2018; esse episódio evidencia uma mensagem de que cada vez mais o povo negro, a mulher negra, deve ser silenciado. A morte de Marielle Franco foi um “aviso” de que o movimento de mulheres negras está cada vez mais sendo combatido em todo país. Isto ocorre devido ao efeito que essas mulheres causam na estrutura política, ideia evidenciado por Angela Davis (2017) quando a referida autora e militante política se refere à mulher negra como uma desestabilizadora de relações desiguais de poder neste sistema capitalista.

> Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras. Com isso, muda-se a base do capitalismo. (DAVIS, 2017)

A alternativa encontrada por essas mulheres no movimento feminista foi se organizar como grupos étnicos, pois lutando nessas duas frentes contribuem para o avanço do movimento étnico e do movimento de mulheres. Segundo Gonzalez (2020), em 1975 no Brasil houve um encontro histórico de mulheres latinas, que marcou o início do movimento de mulheres no Rio de Janeiro. A autora também aponta a animalização dos corpos amefricanos e ameríndios, alinhando a exploração socioeconômica à super-exploração sexual das mulheres.

Fica evidente como outras mulheres latino-americanas se organizam a partir do movimento negro e não do movimento de mulheres, pois, apesar de tudo, ocorre um espírito crítico de familiaridade histórica e cultural, além do que, muitas vezes, dentro do movimento de mulheres, as manifestações negras foram vistas com maus olhos, sendo caracterizada de "racismo reverso" "antifeministas", etc.

Por outro lado, as relações entre os movimentos não são apenas de discórdia; na década de 1980, graças às mudanças comportamentais e ideológicas, a solidariedade se expandiu. Foram criadas redes de articulação e de combate ao

racismo e ao patriarcado sob uma perspectiva anti-imperialista, como os movimentos Taller de Mujeres de las Américas e Dow/Mudar (GONZALES, 2020).

Essas novas redes proporcionaram o reconhecimento do racismo pelo movimento feminista, pautando as mulheres negras e indígenas e possibilitando esperançar novos horizontes para o movimento de mulheres, que respeite a diversidade e seja popular, indo, afro y nuestro. Portanto, como compomos a base da sociedade, não basta ser uma mulher e antirracista, precisamos ser anti-imperialistas, contra esse projeto neoliberal que encarcera a negritude na prisão e acentua ainda mais as desigualdades existentes na sociedade latino-americana para que, a partir disso, possamos construir um movimento de mulheres que valorize a pluralidade étnica e cultural de nosso território e carregue em seu seio a força para lutar todos os dias contra esse sistema patriarcal.

De modo geral, a respeito dos movimentos sociais se constituírem como instrumentos de luta dos trabalhadores, reconhecendo as demandas raciais e sexuais como constitutivas e fundamentais, Peruzzo (1998, p.54) afirma:

> Os movimentos sociais populares têm limitações e podem ser transitórios, mas desde o contexto em que despontaram até os dias atuais manifestam características inovadoras. […] Os movimentos ocupam um espaço cujas expectativas e reivindicações os canais vigentes não estavam conseguindo absorver, como aqueles relacionados às necessidades de moradia, de melhorias e de acesso a bens de consumo coletivo, às discriminações raciais e sexuais, às condições gerais de vida. Todavia, no decorrer do processo, também esses vão se fortalecendo como instrumentos de luta dos trabalhadores. (PERUZZO, 1998, p.54)

Analisando os fatos levantados, a comunicação popular tem um papel fundamental, pois por meio de uma comunicação transformadora é possível vislumbrar um caminho diferente do construído, sendo possível criar novas narrativas e contar diferentes histórias, de povos plurais e saberes ancestrais. Diferente de “dar voz", o objetivo é fomentar para que essas vozes ecoem ainda mais longe e estremeçam as estruturas enraizadas do sistema capitalista, tirando o individualismo da cena e tornando a comunicação uma ferramenta coletiva.

Por isso, é possível verificar um crescente número de movimentos sociais na América Latina que tem utilizado a comunicação popular como ferramenta de luta por uma nova sociedade e também pela disputa dos meios de comunicação,

buscando democratizar o acesso à informação e, assim, poder narrar as principais pautas políticas em que todos, de forma simples, podem acessar e refletir sobre as informações. É por meio da comunicação que os movimentos sociais têm ganhado cada vez mais força e atingido mais gente; algumas experiências criam escolas de formação para que pessoas do campo e das periferias possam acessar o conhecimento para além dos muros da universidade, somando forças e desenvolvendo métodos de planejamento e de difusão da luta política. A esse respeito Peruzzo (2004, p.29) afirma:

> Nem tudo está em decomposição no Brasil. Partes sadias do corpo social continuam pulsando e esforços vêm sendo feitos para alcançar, preservar ou resgatar direitos eminentemente humanos, para amenizar as carências e para construir uma sociedade justa e livre. Há desilusão, sim, mas também permanece acesa a esperança.

A ALBA Movimentos se constitui como uma excelente referência para estudar os aspectos da comunicação popular nos movimentos sociais da América Latina por ser um espaço que aglutina e busca formar militantes de diversas organizações políticas latino-americanas, possuindo uma atuação continental que abarca a diversidade de pautas e busca, a partir da organização política, traçar um caminho rumo à construção de uma pátria grande. Em documento oficial (ALBA MOVIMENTOS, 2022), que apresenta de forma mais aprofundada os direcionamentos e a linha política do movimento, é apontada a importância da comunicação popular em um processo de integração e uma agenda de lutas comuns.

> Como ALBA Movimientos entendemos que la comunicación y la formación política son elementos clave de esta batalla. Por eso se conciben y gestionan de forma mancomunada y complementaria. La Comunicación Popular es un eje transversal y eminentemente político para el fortalecimiento los procesos orgánicos nacionales y continentales, la educación y la movilización; y potencia, además, la articulación de medios contrahegemónicos, desde lo popular y alternativo, en vínculo con medios de comunicación aliados, potenciando las experiencias y aprendizajes mutuos; pensado y gestionado desde una estrategia integral y coherente con nuestro proyecto. (ALBA MOVIMENTOS, 2022, p.24)

Esse debate se desenvolve a partir do desafio de como o conceito e a prática social de comunicação e cidadania estão ligados e começa a ser construído em meados da década de 80. Primeiramente, quando pensamos em cidadania como o exercício de direitos e deveres e quando fazemos a reflexão desse tema vamos de encontro à ideia de que a comunicação facilita o exercício da cidadania, pois o ato de produzir comunicação é um direito de todo cidadão. Nesse momento, os movimentos sociais, organizações sem fins lucrativos, movimentos populares, etc. passam a se apropriar de canais e veículos de comunicação para poderem também participar do exercício de produzir comunicação no meio em que estão inseridos. Portanto, faz-se necessário que essas organizações possuam o seu espaço para a construção de uma comunicação anti-hegemônica, e que represente seus ideais, pois os veículos de comunicação tendem a servir aos interesses da classe burguesa.

É necessário utilizar a comunicação como facilitadora e articuladora para que um determinado grupo faça e exerça sua prática social e política propondo mudanças do ambiente, debates políticos, conscientização, ou seja, todo trabalho político que a grande mídia não propõe; nesse sentido, a produção comunicativa dos movimentos sociais tem um grande papel no exercício da cidadania, porque a comunicação popular traz o potencial de mudança na sociedade quando propõe fazer diferente do que vinha sendo feito.

Portanto, esta pesquisa busca evidenciar o caráter transformador dessa forma de se fazer comunicação e seu potencial questionador, político e integrador, pois entende os indivíduos como sujeitos históricos capazes de narrar a realidade que os cerca. Alinhando formação política e cultura, trazemos a poesia de Mel Duarte, que reafirma o racismo estrutural de nossa sociedade e diz para as mulheres negras que lutam todos os dias pela sua existência: “Quanto mais você se omitir, mas eles vão continuar a nossa história escrevendo.” (DUARTE, 2015, p.1). Esse trecho evidencia a necessidade da democratização dos meios de comunicação e de formas alternativas que visem dar voz, visibilidade e representatividade.

Os movimentos sociais na América Latina são plurais e diversos, porém existem pontos que se interligam e propiciam um objetivo conjunto, como por exemplo, a luta contra a dependência e dominação histórica imposta pela Europa e pelos Estados Unidos e a marginalização do povo preto, pobre, campesino e

indígena. Essa luta começa a se evidenciar após o processo de “colonização” - melhor dizendo, “invasão” - da Abya Yala, com mecanismos de dominação genocida e de exploração dos povos originários que aqui habitavam, bem como dos negros trazidos violentamente da África para nosso continente. No livro “Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina”, o sociólogo Florestan Fernandes (1975) aponta um pouco sobre o processo de dominação ao qual estamos imersos e nossos desafios:

> Em consequência a institucionalização política do poder era realizada com a exclusão permanente do povo e um sacrifício consciente de um estilo democrático de vida. A integração nacional como fonte de transformações revolucionárias e desenvolvimento econômico, sociocultural e político tornou-se impossível. (FERNANDES, 1975, p.13).

A insatisfação com esse sistema de dominação fomentou a luta popular e a necessidade de se ter voz, e para que isso ocorra é necessária a disputa pelos meios de comunicação, para além do ato de se fazer ouvir, mas, principalmente, pelo fazer político. Atualmente, vivemos na América Latina um cenário de ascensão da direita, que se deu a partir de golpes em países que vinham propondo políticas públicas progressistas, ocorrendo a desestabilização da democracia e fazendo de nosso território um espaço de exploração da mão de obra e recursos naturais, dando continuidade a uma política imperialista de massacre dos povos e destruição de culturas, para se perpetuar um sistema de dominação.

A escolha pela Aliança Bolivariana para os Povos de nossa América (ALBA) e pelo Congreso de Los Pueblos (CP) para nossa pesquisa se deu pela diversidade de territórios que abrange e por suas pautas e reivindicações, pois assim se torna possível contemplar as principais demandas da conjuntura política latino-americana. Esse movimento possui um histórico de luta e de resistência nos territórios em que está inserido e possui como ferramenta a comunicação popular.

Na Cartilha da ALBA Movimentos, por exemplo, é evidenciado como o poder hegemônico busca se sustentar por meio da presença das corporações transnacionais, que visa a exploração da classe trabalhadora e, para isso, se utiliza dos aparatos de repressão, da polícia militar e do paramilitarismo, no que o movimento vai denominar como “guerra híbrida”, uma batalha política, econômica,

ideológica e cultural, sempre com a utilização dos meios de comunicação. “Los medios de comunicación y las trasnacionales de las infocomunicaciones, y su incidencia negativa en la opinión pública nacional e internacional, en lo que hemos denominado como guerras híbridas.” (ALBA MOVIMENTOS, 2022, p.7).

Nesse contexto, a estratégia adotada pelos partidos conservadores e ultraliberais só foi possível por meio da utilização dos meios de comunicação hegemônicos para seus interesses. Vários exemplos poderiam ser apresentados como o processo de desconfiguração da imagem do Partido dos Trabalhadores (PT) no Brasil, por meio de acusações propagadas pela mídia; a imagem distorcida e com parcialidade que se tem da Venezuela, baseada no que se passa na televisão e não em um estudo sobre os avanços sociais decorrentes do processo revolucionário; a demonização da mídia sobre tudo o que diz respeito a Cuba; dentre outros exemplos. Evidente que o processo de globalização impacta diretamente nos meios tradicionais de comunicação da “grande mídia”, porém precisamos analisar de forma crítica até onde a globalização chega, pois muito do que vemos atualmente é uma exportação da cultura eurocêntrica e estadunidense impulsionada pelos meios de comunicação.

Portanto, cabe aos movimentos sociais utilizar suas formas de comunicação popular para despertar o interesse da sociedade e, principalmente, trazer a consciência coletiva da abundância de saberes ancestrais que nosso continente carrega, e o quanto nossa história tem sido marginalizada pela globalização. Nossa pesquisa pretende contribuir com o conhecimento a respeito dessas práticas e seus desafios.

## 2. ANÁLISE DA ALIANÇA BOLIVARIANA PARA OS POVOS DA AMÉRICA - ALBA MOVIMENTOS

A Aliança Bolivariana para os Povos da América (ALBA) surgiu em 2004 a partir de Hugo Chávez e Fidel Castro como projeto de integração regional, após a imposição da Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) por parte dos Estados Unidos aos países da América Latina; ou seja, tratava-se de um projeto de neoimperialismo para dominar a América Latina. Nesse período, ficou conhecida mundialmente a expressão “ALCA, al Carajo”, proferida por Hugo Chávez no discurso da V Cúpula das Américas em 2007, marcando o início da luta de resistência às medidas imperialistas e pela construção de uma unidade em luta para América Latina. Em contraposição à Cumbre das Américas foi construída a Cumbre dos Povos.

Com a derrota da imposição da ALCA surgiu mecanismos de integração, dentre eles, o mecanismo de cooperação energética Petrocaribe, a União de Nações Sul-Americanas (Unasul) e o aprofundamento do Mercosul. Posteriormente, foi realizado no Brasil o Foro Social de Belém do Pará, marco importante de lançamento da Carta dos movimentos sociais da América (carta de Belém), que marcou a base política da ALBA Movimentos. Em entrevista, Florencia Abregu faz um relato sobre as bases do surgimento do movimento:

> Alba nasceu a pedido do Comandante Chaves na verdade porque a Alba TCP já existia como articuladora do países da região para poder trabalhar na moeda regional, naquele momento a discussão era poder unir todas as forças da América Latina e do Caribe para a construção deste moeda, como existe uma Alba de governos com o sonho de uma Pátria Grande, naquela época havia uma integração regional que estava sendo possível levar adiante; Chaves propõe para os movimentos populares também ter uma articulação continental. (ABREGU, 2024)

Maria da Glória Gohn (2010) analisa a perspectiva de movimentos “globais ou globalizantes” e coloca como exemplo o Fórum Social Mundial. A esse respeito, a referida autora afirma: "São lutas que atuam em redes sociopolíticas e culturais, via fóruns, plenárias, colegiados, conselhos etc. Essas lutas são também responsáveis pela articulação e globalização de muitos movimentos sociais.” (GOHN, 2010, p.439).

Em 2004, Hugo Chaves e Fidel Castro criaram a Aliança para as Américas, mas foi no Fórum Social Mundial que Chaves defendeu que a ALBA deveria incorporar os movimentos sociais, integrando o ALBA PCT. A proposta cresceu com a derrota da ALCA e, a partir de então, começou a se construir um projeto para a unidade continental, combinando processos revolucionários históricos latino-americano, como o projeto bolivariano de Simón Bolívar, e rompendo o poder hegemônico e colonial para propor uma nova forma de soberania entre os povos.

> Este poder hegemónico pretende sostenerse a través de la presencia de corporaciones transnacionales,la superexplotación de los y las trabajadores/as; con violencia militar y paramilitar, y la combinación de viejas y modernas formas de arremeter contra los estados y los pueblos, en una franca batalla política, económica, ideológica y cultural, con una férrea utilización de los medios de comunicación y las trasnacionales de las infocomunicaciones, y su incidencia negativa en la opinión pública nacional e internacional, en lo que hemos denominado como guerras híbridas. (ALBA MOVIMENTOS, 2022, p.7)

A ALBA Movimentos busca trabalhar com base da história, pois sua herança vem da luta contra o imperialismo, principalmente, com a vitória de governos populares no início do século XXI na América Latina, a exemplo de Hugo Chávez na Venezuela, Rafael Correa no Equador, Luiz Inácio Lula da Silva no Brasil, Nestor Kirchner na Argentina e Evo Morales na Bolívia.

Com a construção da Aliança Alternativa para as Américas, o projeto de integração começou a se expandir para outros países; nesse sentido, em 2006 foi realizado um encontro entre os movimentos sociais da região. Nesse momento se consolidou a construção de um processo de integração latino-americana que, aos poucos, foi se intensificando com a derrota da ALCA, buscando o legado de Simon Bolívar e de José Martí como um caminho possível entre os movimentos populares e os governos.

Em 2008 esse processo teve um rumo mais organizativo, ocorrendo uma importante atividade na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), espaço formativo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), movimento este que tem grande importância na criação e articulação da Alba, sendo inspiração para diversos movimentos da América Latina e possuindo bases solidas na formação e atuação políticas. Segundo Gonzalo Armura, integrante da ALBA Movimentos em entrevista para o Instituto Diplomacia para a Democracia, nesse

encontro foi possível organizar uma proposta para os povos e os governos populares que, posteriormente, foi lançado em 2009 no Fórum Social Mundial, gerando a chamada “Carta de Belém”, que é baseada na articulação, solidariedade, cooperação e unidade continental, evidenciando a necessidade da mobilização das massas, a formação política e a articulação da comunicação popular entre os movimentos.

Atualmente, a ALBA Movimentos articula mais de 400 organizações de 25 países, pautando a luta pela integração latino-americana e a construção de um projeto político emancipatório, por meio da luta anticapitalista, antiimperialista, anticolonialista, antiracista, feminista, eco-socialista e por um socialismo “indo, afro y nuestro americano”. A cada três anos é realizada uma assembleia continental, quando os movimentos se reúnem e decidem a linha estratégica do movimento e projetam a atuação dos próximos quatro anos, pensando na formação e organização política.

De acordo com a cartilha da ALBA Movimentos, a agenda de luta do movimento atua sob seis eixos temáticos, dentre eles, “Unidad de Nuestra América e Internacionalismo”, que visa o processo de integração continental rumo à construção da Pátria Grande, por meio do internacionalismo.

> Así mismo, el internacionalismo, refiere la ética y práctica militante basadas en la unión y ayuda recíproca entre las fuerzas revolucionarias y anti-imperialistas de todo el mundo, que asumen como propias las luchas emancipatorias de forma solidaria, protagónica, respetuosa de la diversidad y la autodeterminación de los pueblos; que promueve un mundo multicéntrico y pluripolar donde Nuestra América sea un nuevo polo sin dependencia ni colonialismos. Por eso retomamos los términos de Simón Bolívar para decir que la “Patria es América” y de Fidel para reafirmar que “ser internacionalistas es saldar nuestra propia deuda con la humanidad”. (ALBA MOVIMENTOS, 2022, p.18)

O principal objetivo desse eixo é travar uma luta constante contra a hegemonia dos Estados Unidos e seus bloqueios econômicos - como acontece em Cuba e na Venezuela - e, para isso, estabelece as linhas estratégicas; são elas: Defensa de las revoluciones; Paz continental; Descolonización, independencia y autodeterminación de los pueblos; Restitución y reparación de los derechos de los

pueblos; Territorio limítrofe como espacio de encuentro; Derechos migrantes e ciudadanía universal; e Pedagogía del internacionalismo.

Florencia Abregu, integrante da ALBA Movimentos na função de secretária operativa, aponta que o internacionalismo é o manifesto fundacional do movimento, afirmando que “é papel da nossa construção política ser internacionalista, para nós é ideológico, é política a luta internacionalista impulsionada pela solidariedade, que é o valor que mais fortalece toda nossa articulação.” (ABREGU, 2024). Definitivamente, essa não é uma pauta fácil, visto que os movimentos de um mesmo país têm suas pautas locais, que são muito importantes e que ocupam a agenda de tais movimentos tornando difícil inserir a questão do internacionalismo. Justamente pensando nesse tipo de questão é que a ALBA Movimentos cumpre um papel fundamental no processo de formação política e exerce grande peso no interior dos movimentos e de suas formas de atuação.

O segundo eixo temático do movimento é a “Batalla ideológica - cultural y descolonización” que visa o processo de pertencimento, de valorização da cultura popular e de luta conta a comunicação hegemônica. Neste eixo está presente a comunicação popular como forma de construção, assim definido: “articulando procesos de comunicación popular y contra hegemónica; que recupere el sentido del trabajo como base de construcción de la humanidad” (ALBA MOVIMENTOS, 2022, p.24). As linhas estratégicas deste eixo são: Fortalecimiento de nuestra comunicación y disputa de las matrices de opinión hegemónicas; Comunicación Macro y micro de forma combinada y articulada; Nuevos aportes teóricos, narrativas y estéticas; Democratización de la comunicación contra la mercantilización; Democratización de la comunicación contra la mercantilización y concentración; Articulación de procesos existentes de formación política; Gestión de la formación; Recuperación de nuestras luchas e historias; Descolonización de nuestros paradigmas de pensamiento; Interculturalidad contra todo tipo de fundamentalismos.

O terceiro eixo temático da Alba Movimentos é a “Defensa de la Madre Tierra y Soberanía de los Pueblos”, que diz respeito ao cuidado com a terra e sua importância por ser considerada “un sujeto de derechos; alimenta y es el hogar que contiene, sostiene y reproduce a todos los seres vivos, los ecosistemas, la biodiversidad” (ALBA MOVIMENTOS, 2022, p.30). A partir dessa definição, as linhas estratégicas delimitadas pelo movimento são: Articulación de experiencias de lucha

relacionadas con los derechos de la madre tierra; Reforma agraria integral y defensa de los derechos campesinos, indígenas, negras y poblaciones urbanas; Lucha contra el modelo de despojo, extractivista y los agrotóxicos; Rescate y difusión del conocimiento ancestral y tradicional, e integración a la modernidad científica y tecnológica.

O quarto eixo temático diz respeito à “Economia para el buen vivir” que segundo o movimento, busca um projeto alternativo de sociedade, pautando a importância da defesa da natureza, contra a acumulação do capital e do neoliberalismo “Proponemos la construcción de nuevas relaciones autogestionarias y de control popular del Estado para disputar medios de planificación y reproducción de las condiciones materiales de vida” (ALBA MOVIMENTOS, 2022, p.36). O eixo busca pensar um novo modo de vida, atuando com as seguintes linhas estratégicas: Organización, promoción y gestión de experiencias de economía popular; Por la agroecología y la recuperación de la producción comunitaria; Defensa de la diversidad de economías productivas y sustentables; Fortalecimiento de modos de producción comunitarios; Soberanía alimentaria; Economía para la descolonización y la despatriarcalización e a Transición económica factible y posible.

Os outros dois eixos são: “Democratización y Construcción de Poder Popular”, que apresenta as seguintes linhas estratégicas: Defensa de los Derechos Conquistados; Democratización y Participación en Instancias Internacionales; Movilización Popular; Derecho a la Rebelión de los Pueblos; Instrumento Político Para la Soberanía de los Pueblos; Proceso Constituyente Continental; Poder Popular y Democracia Participativa y Protagónica. E, por fim, o eixo referente aos “Feminismos Populares”, com as seguintes linhas estratégicas: Feminismo intercultural; Identificación y articulación para la lucha; Despatriarcalización de la cultura política; Reivindicación de derechos como proceso de empoderamiento; Educación y formación en feminismos.

Dentre as formas de fortalecimento da luta destacamos a formação política e a comunicação que, alinhadas com os objetivos dos movimentos, criam brigadas e encontros que visam dar solidez ao trabalho político. Segundo Gonzalo Armura, o movimento coloca em foco a crise da civilização do capital, bem como ao conceito de estado-nação, construído como base do capitalismo. A combinação da crise do capital e de sua institucionalidade com o momento da transição geopolítica e da

aparição de múltiplos atores internacionais põe em crise a hegemonia dos Estados Unidos; trata-se de um momento complexo que gera instabilidade e incertezas, mas que também é um momento de oportunidade para os povos impulsionarem uma transição de hegemonia. No entanto, não podemos negligenciar que a direita também se utiliza desse momento para tentar fragilizar a participação política e popular. Por isso, é necessário intensificar a batalha da comunicação, com meios alternativos e projetos populares.

Para compreendermos o impacto desses movimentos e sua presença *online*, realizaremos a análise de algumas postagens da ALBA Movimentos no Instagram para termos uma visão mais ampla sobre o tipo de conteúdo veiculado, suas estratégias e objetivos. Para essa análise utilizaremos alguns conceitos da Raquel Recuero (2017) que pondera sobre como a presença dos indivíduos nas redes sociais determina o tipo de conteúdo que irá receber, baseado nas conexões que possuí; para a referida autora, “do mesmo modo, as estruturas dessa rede são constituintes de e constituídas por essas interações e pelas decisões dos atores sobre ela” (RECUERO, 2017, p.8).

Para Florencia Abregu, o Instagram é fundamental e o movimento organiza toda semana um calendário de postagens, pois é a rede social com maior alcance de público atingindo, principalmente, os jovens:

> É muito útil ter uma publicação em que o título é um gancho ou fazemos algo bastante educativo [...] porque também usamos as nossas redes não só para informar o imediato, digamos comunicados de imprensa ou comunicados políticos sobre uma determinada situação, mas também usamos como uma ferramenta educativa. (ABREGU, 2024)

Florencia também aponta a função estratégica da rede, que permite articular diversas organizações da América Latina com equipes de comunicação de outras regiões pela mediação da Secretaria da ALBA. Considerando todos esses aspectos, faremos a análise de algumas publicações realizadas pela ALBA Movimentos em sua página no Instagram.

A primeira figura retrata o período eleitoral na Argentina em 2023, exatamente alguns dias antes da realização do segundo turno das eleições presidenciais no país (Figura 1). A imagem apresenta um sol, com a cor azul ao fundo, em referência à

bandeira nacional da Argentina. Na imagem também é possível reconhecer pessoas com a cabeça coberta por algum tipo de bandana, remetendo ao intenso momento político que a Argentina vivia, sob a ameaça de uma possível vitória de um governo de direita ultraconservadora no país. A figura carrega a seguinte frase “Nunca más, nunca Milei”, apresentando uma crítica ao processo ditatorial vivido no passado e seus reflexos nos dias atuais, com a afirmação de que aquilo nunca mais poderia se repetir e que era preciso impedir que Javier Gerardo Milei, do partido Libertad Avanza, vencesse as eleições e assumisse a Presidência do país.

**FIGURA 1**

***Fonte***: https://www.instagram.com/alba_movimientos/; novembro de 2023.

Apesar do desdobramento do referido fato - que confirmou a vitória eleitoral de Milei - a postagem reafirmava a importância de toda a América Latina juntar forças na batalha histórica de garantir a conquista da democracia que durava 40 anos e também destacando o risco que Milei representaria ao campo popular no país caso saísse vitorioso e viesse a adotar medidas de enfraquecimento da economia nacional, promovendo uma subordinação ao imperialismo por meio da dolarização da Argentina.

A postagem busca trazer à tona a necessidade de todos os movimentos sociais que constroem a ALBA Movimentos defenderem a democracia na Argentina,

por meio da informação e da difusão da história de luta que o país enfrentou até estabelecer a democracia, afinal, um candidato como Milei colocaria em risco não só o país, mas todo o projeto latino-americano de integração, visto que a Argentina sempre exerceu um importante papel na luta das esquerdas. Na publicação, o movimento destaca que o candidato visava capitalizar a inconformidade e criar uma crise de legitimidade em relação à democracia:

> […] creando la posibilidad real de un gobierno de extrema derecha en uno de los países con mayor tradición democrática y pluralista de la región, y convirtiéndose en un suño a punto de hacerse realidad para las fuerzas fascistas que acechan nuestro continente. (POSTAGEM ALBA MOVIMIENTOS, 2023)

O fato é que os representantes da direita neoliberal na Argentina são defensores da desigualdade social e de sistemas totalitários e, com a vitória de Milei, isso passará a ser praticado no país, com o apoio de diversos políticos de direita da América Latina, como Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil que esteve presente em sua posse. A condução do governo argentino será marcada pelo tradicional capachismo às políticas estadunidenses, impulsionado pela dolarização, que enfraquecem a indústria nacional e promovem o encarecimento de produtos básicos, aumentando a pobreza e a desigualdade no país. Vale destacar, ainda, que seus pronunciamentos beiram o grotesco, propondo desde a venda de órgãos humanos até a privatização da saúde, da educação e dos fundos de aposentadoria, segundo informações disseminadas pela ALBA Movimentos. Milei recebeu apoio do partido VOX da Espanha, de Ivan Duque da Colômbia e de Sebastián Piñera do Chile, além de ter sido respaldado pelo líder do fascismo na Argentina, demonstrando os riscos que esse governo representa aos movimentos populares e ao povo argentino, podendo desempenhar uma grande repressão movida por questões políticas.

Em relação à eleição de Milei na Argentina, Florencia Abregu comenta sobre o papel das mídias sociais frente ao crescente discurso de extrema direita:

> Na última assembleia continental a gente esteve com um companheiro do Equador que é membro do movimento. Ele é um colega político camponês e a sua declaração foi muito forte sobre esta questão, porque também disse que temos de rever o que está acontecendo com as novas tecnologias, porque hoje em dia estas novas direitas, estes discursos fascistas de extrema-direita, estão

> utilizando o twitter, os meios digitais para poderem impermeabilizar toda a sociedade e ter mais alcance, aqui na Argentina; infelizmente, temos um presidente agora, Milei, que só trabalha no twitter, o tipo retweeta mais de três mil tweets por dia, está lá o tempo todo e a sua campanha e a sua audiência foram construídas, os seus seguidores foram construídos através do twitter, não podemos tirá-lo da nossa análise da questão das novas tecnologias. (ABREGU, 2024)

Para travar essa luta contra a extrema-direita a principal linha estratégica da ALBA Movimentos é a unidade da América Latina e o internacionalismo, que estabelece a unidade dos povos da Pátria Grande, e que aponta uma necessidade histórica econômica e cultural de integração, por meio da "defensa clara de los processos populares y progressistas que sean atacados por el imperialismo y las derechas locales" (ALBA MOVIMENTOS, 2022, p.18). Outra bandeira que é fortemente abraçada pelo movimento e que está pautada na cartilha é o direito sobre seu território, reiterando que as Malvinas são da Argentina e contra toda forma de dominação colonial e imperialista. Por meio dessa postagem, o movimento buscava a união e o apoio ao povo argentino em um momento decisivo na história de luta desse país. Esse tipo de postagem tem um papel fundamental na difusão da informação e da necessidade de compreensão do cenário político latino-americano como um todo, na perspectiva de construção de uma pátria grande.

A segunda postagem que iremos analisar aborda a questão palestina (Figura 2). Na imagem, podemos ver uma mulher, com a mão empunhada, segurando a bandeira da Palestina, acompanhada da seguinte frase "Nuestra América junto a la resistencia Palestina". Com essa postagem, a ALBA Movimentos pretende reiterar o apoio a esse país e ao seu povo que, historicamente, tem sido atacado pelas forças militares de Israel, camuflando a atuação direta dos Estados Unidos no genocídio ao povo palestino. Atuando como um estado terrorista, Israel ocupa o território palestino com bombardeios lançados de aviões e tanques de guerras e enviam soldados que expulsam a população de sua terra. Na postagem o movimento destaca que

> […] una vez más Israel ataca Palestina con todo su aparato industrial militar y con el beneplácito de la comunidad internacional, bombardea zonas residenciales y hospitalares en la franja de Gaza. Mientras los poderosos aplaudem la ocupacíon ilegal y sionista de Israel sobre territorio palestino, tienen el descaro de hablar de paz en conferencias internacionales. (POSTAGEM ALBA MOVIMENTOS, 2023)

**FIGURA 2**

***Fonte***: https://www.instagram.com/alba_movimientos/; outubro de 2023.

A mensagem apresentada evidencia a intensa resistência do povo palestino frente aos aparatos de repressão utilizados por Israel e reforça a importância do apoio e da solidariedade de todo o mundo em defesa da luta do povo palestino que está sendo massacrado há décadas, ao passo que Israel conta com o apoio da imprensa internacional e dos Estados Unidos, que legitimam o assassinato de milhares de pessoas. Um importante eixo temático do movimento que dialoga com o cenário atual da Palestina é a Paz Continental, que luta pela desmilitarização e pela retirada das bases imperialista na América Latina, mas que se desdobra para o contexto palestino, além da restituição e reparação do direitos dos povos, que busca o julgamento dos crimes contra a humanidade cometido pelo imperialismo estadunidense. “Luchamos contra el capital financiero, las multinacionales, las corporaciones comunicacionales, el complejo militar industrial de EE.UU y las instituciones de dominación financiera” (ALBA MOVIMENTOS, 2022, p.20). Como na postagem anterior é evidente o papel pedagógico da comunicação da ALBA Movimentos, principalmente, de sua ligação com a luta dos povos oprimidos de todo o mundo.

A terceira postagem a ser analisada aborda a rememoração de um dos momentos mais importantes da história da Revolução Cubana. A imagem utilizada

mostra a fachada do antigo Quartel Moncada - a construção de cor amarela - com diversas bandeiras pequenas de Cuba expostas nas janelas e uma grande bandeira cobrindo toda a faixa central, com o número 26 no topo do prédio e destacando a presença de algumas pessoas observando a situação (Figura 3). Para homenagear o marco histórico da revolução cubana, a postagem apresenta a seguinte manchete: “A 70 años del asalto al Cuartel Moncada. ¿Sabes cómo se preparó la operación que dio inicio a la Revolución Cubana?”. Toda a imagem pretende retratar o dia 26 de julho de 1953, que exerceu um papel fundamental no processo revolucionário cubano, quando um grupo favorável a Fidel Castro ocupou uma das principais fortalezas militares do país à época. Na postagem, a ALBA Movimentos apontou que “con esta fecha como estandarte, conformaron el Movimiento 26 de Julio que conseguiu, cinco años y medio después, el triunfo de la Revolución Cubana.” (POSTAGEM ALBA MOVIMIENTOS, 2023).

**FIGURA 3**

***Fonte***: https://www.instagram.com/alba_movimientos/; julho de 2023.

Naquele momento político Cuba enfrentava o golpe de Estado impulsionado por Fulgêncio Batista em 1952, em meio a uma crise institucional pelos profundos problemas sociais existentes e pela intensa repressão contra quem se opunha à sua política. Como resistência, segundo postagem da ALBA Movimentos, um grupo de

jovens decidiu “assaltar” uma das maiores fortalezas militares do país com uma estratégia de desvio de atenção para que a força militar não pudesse encaminhar reforços.

> El reclutamiento se realizó con la participación directa de Fidel Castro: el movimiento se formó con jóvenes humildes de origen obrero, campesinos, empleados, estudiantes, bajo una concepción unitaria, con medida clandestinas y una compartinación a tal nivel que aún siendo de la misma familia desconocían si eran miembros del mismo. (POSTAGEM ALBA MOVIMIENTOS, 2023)

Essa ação foi realizada por pessoas diretamente impactadas pelo governo totalitário de Fulgêncio Batista; eles conseguiram armas, munições e uniformes do Exército que usaram como elemento surpresa no ataque, sendo que muitos desses itens foram comprados com a venda de bens pessoais das pessoas que colaboraram na ação direta. Na noite do “assalto”, as forças foram renovadas com um discurso de Fidel Castro em que ele enaltece a ação daqueles revolucionários e apontava que o movimento iria triunfar. E foi dessa maneira que 131 revolucionários, divididos em três grupos, triunfaram frente à força militar do país e se tornaram mais próximos das aspirações de José Martí caminhando rumo à libertação com ideais e ação.

Uma linha estratégica do movimento que reflete essa postagem é a defesa das revoluções, que destaca que o apoio aos processos revolucionários é uma responsabilidade dos movimentos que integram a ALBA Movimentos, tendo como prioridade a defesa e apoio à Revolução Bolivariana da Venezuela e o reconhecimento e defesa do processo histórico da Revolução Cubana, além da denúncia ao bloqueio criminal imposto pelos Estados Unidos contra Cuba (ALBA MOVIMENTOS, 2022, p.18).

Essa forma de postagem realizada pela ALBA Movimentos traz à tona o sentimento de que a revolução pode e será feita pela classe trabalhadora, com um sentimento de revolta e uma esperança no processo revolucionário cubano, que serviu como exemplo para o mundo todo. Portanto, além de ser uma perspectiva histórica sobre o acontecimento, possibilita reviver a sensação de que a chama da revolução continua acesa a ponto de jovens e campesinos serem capazes de

“assaltar” uma fortaleza militar e que, com esse sentimento, é possível continuar caminhando rumo ao processo revolucionário latino-americano.

Esse tipo de postagem, chamada carrossel, possibilita que quem tenha acesso ao conteúdo possa saber de forma mais detalhada o assunto tratado. Foi uma estratégia adotada pelos produtores do conteúdo para que, por meio de uma publicação mais interativa, despertasse um interesse maior no conteúdo, visto que muitas vezes as pessoas não leem o texto de descrição, sendo então possível informar por meio das imagens e prender por mais tempo a atenção do público pretendido. A ALBA Movimentos, e demais movimentos, têm utilizado esse tipo de formato para propagar a informação acerca das questões políticas, oferecendo, de forma eficaz, informação e reflexão ao que está sendo abordado, levando o leitor a se aprofundar no tema de uma forma mais interativa. Nessa postagem específica é possível entender o sentimento revolucionário que impulsionou o assalto ao Quartel Moncada e, principalmente, os acontecimentos que antecederam a ação.

O dia 14 de março de 2018 ficou marcado no Brasil como o dia do assassinato de Marielle Franco, mulher negra e periférica que deixou um legado de luta e de resistência. Na imagem da quarta postagem analisada podemos observar Marielle Franco de cabeça erguida, transparecendo serenidade e convicção, com um olhar ao horizonte, simbolizando a determinação em relação aos ideias que ela buscava alcançar (Figura 4). Na arte está explicitada sua data de nascimento e a data em que foi brutalmente assassinada. São utilizadas cores quentes que contrastam entre si; na parte inferior da imagem vemos a logomarca dos 40 anos do MST, o que nos leva à conclusão de que foi uma postagem produzida originalmente pelo setor de comunicação do referido movimento brasileiro e que foi compartilhada e disseminada pela ALBA Movimentos.

A pergunta lançada na postagem e refeita por todos diante do acontecimento é: Quem mandou assassinar a Marielle? A denúncia feita com a publicação de que os mandantes continuam impunes, seis anos após sua morte e mesmo o caso tendo tido repercussão internacional, é o tipo de postagem que integra o calendário de luta do Movimento Negro brasileiro, que adotou a data do assassinato de Marielle Franco como um dia de luta, visando manter sua imagem viva e a denúncia latente de um Estado que encarcera e assassina afrodescendentes.

**FIGURA 4**

***Fonte***: https://www.instagram.com/alba_movimientos/; março de 2024.

Em discurso realizado no dia de sua morte, a então vereadora apontava como o mandato de uma mulher negra, favelada, periférica, precisava estar pautado junto aos movimentos sociais, junto à sociedade civil organizada, para a construção de uma sociedade mais igualitária. Para seguirmos com nossa análise, vale realizar um breve levantamento de dados: em 2018, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) fez uma pesquisa com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) que apontou um quadro sobre a violência contra as mulheres. No Atlas apresentado foi revelado que 4.645 mulheres foram assassinadas no país naquele ano, o que representava uma taxa de 4,5 homicídios para cada 100 mil brasileiras. O aumento em dez anos foi de 6,4% - em 2006, haviam sido mortas 4.030 mulheres no Brasil e a taxa de homicídio feminino havia ficado em 4,2 por grupo de 100 mil. O assassinato de maior comoção registrado no contexto da pesquisa foi, justamente, o da vereadora Marielle Franco, assassinada a tiros no dia 14 de março de 2018 na região central do Rio de Janeiro. Com estes dados, podemos compreender um pouco como está a situação da mulher negra e como a sua vida se encontra ameaçada no Brasil e em toda América Latina.

Diante disso, vários movimentos intensificaram suas pautas e suas lutas ressaltando a importância das ações políticas impulsionadas pelas mulheres, em sua

maioria, negras. Essas pautas não se limitavam a conferir maior visibilidade contra a situação de opressão a que estavam acometidas, e sim, uma oportunidade de denunciar a brutalidade cometida contra essas mulheres.

> O movimento de mulheres negras e suas organizações específicas cumprem papel fundamental no enfrentamento das questões estruturais que oprimem e empunhando bandeiras que expressam, sobretudo, princípios como: a dignidade, ao direito à vida. (RIBEIRO, 1995, p.4)

Um dos eixos estratégicos de luta da ALBA Movimentos são os feminismos populares, que busca pautar a construção do Socialismo combinado com um projeto político de luta contra as opressões e explorações na construção do poder popular. Na cartilha da ALBA Movimentos é evidenciado que o feminismo é um posicionamento ético-político e prático sobre a realidade “Cuyo objetivo es construir prácticas sociales y culturales orientadas a superar el orden racista, imperialista y patriarcal” (ALBA MOVIMENTOS, 2022, p.50), apontando a necessidade de um exercício de síntese teórica, que acaba sendo difundido e denunciado nas ruas, mas também nas redes sociais do movimento, como é o caso dessa postagem que, por meio da articulação entre os movimentos, possibilita que pautas específicas de determinados países possam circular e chegar a diversos lugares, em forma de luta, de denúncia e repúdio à violência contra mulher.

A próxima postagem que iremos analisar se refere à rememoração dos 200 anos da Doutrina Monroe e apresenta uma imagem com o presidente estadunidense Theodore Roosevelt (1901-1909) caminhando sobre as águas do Caribe, como se este território estivesse sob seu domínio, transformando-o em um lago particular dos Estados Unidos (Figura 5). Na imagem, o presidente carrega um taco de baseball com a palavra “big stick”, que se refere à ideologia praticada por Roosevelt e que se constituía como uma estratégia militar que impunha sua dominação aos países da região. Na postagem também podemos ler a frase: “Más allá de Suramerica. Invasiones de EE.UU en el Caribe y Mesoamerica”, criticando a dominação histórica dos Estados Unidos sobre o Caribe e América Central.

> Queremos visibilizar las numerosas invasiones que Estados Unidos adelantó en la Zona que tiene más próxima de Nuestra América: el

> Caribe, pionero de independencia y rebeldía, y Mesoamérica con su resistencia milenaria. (POSTAGEM ALBA MOVIMENTOS, 2023)

Para refletir sobre essa temática, a ALBA Movimentos aponta os principais afetados pela imposição imperialista destacando, principalmente, o caso de Cuba, que foi invadida pelos Estados Unidos em 1898 durante a guerra contra Espanha e que, apesar de ter construído sua revolução socialista, continua sob ameaça estadunidense e submetida há mais 60 anos sob um bloqueio econômico. Também mereceu destaque o caso de Porto de Rico que foi brutalmente bombardeado pelos Estados Unidos em 1898, visando estabelecer um bloqueio da capital do país para poder manter o controle político e militar da ilha, visto que esse país tem um posicionamento geográfico estratégico para promover o controle do Caribe.

**FIGURA 5**

***Fonte***: https://www.instagram.com/alba_movimientos/; dezembro de 2023.

Na postagem, a ALBA Movimentos ainda destacou o ocorrido em Granada, que uma semana antes da impetração de um golpe de Estado contra o então primeiro ministro, os Estados Unidos realizaram, em 25 de outubro de 1983, uma invasão aérea, marítima e terrestre na ilha, utilizando sete mil soldados e deixando 70 granadinos mortos e mais de 350 feridos, sob a alegação de que temia a propagação de ideias socialistas na região. E mais, lembrou que na Guatemala, em

junho de 1954, os Estados Unidos deram um golpe de Estado por meio da CIA contra o presidente Jacobo Arbenz, que havia impulsionado a reforma agrária no país, além de aprovar uma série de leis que beneficiava os guatemaltecos; nesse episódio, novamente, a brutalidade foi justificada com o argumento de neutralizar a ameaça comunista na região.

A postagem faz parte de uma série de outras postagens que busca apresentar e defender os ideais de Simon Bolívar oferecendo alternativas à Doutrina Monroe. Bolívar, nascido em 24 de julho de 1873 na Venezuela, é importante figura no processo de libertação da América Latina e ficou conhecido como “Libertador”, tendo sido responsável por fundar a República da Colômbia, além de contribuir ativamente no processo de independência da Venezuela, Bolívia, Equador, Panamá e Peru.

Simon Bolívar possuía uma grande popularidade na América Latina e na Europa devido aos seus grandes feitos. Nascido em uma pátria dominada pela Espanha desde 1812, decidiu exercer um papel ativo na luta pela libertação de seu povo, optando por armar-se para se livrar dos largos anos de opressão causados pela Coroa e pelo poder militar espanhol. De acordo com Simón Rodríguez (2019, p.41) em sua obra “Bolívar contra Bolívar”, “con muy cortos medios y recursos se presentó ante un pueblo abatido, reanimó su valor, excitó su energía, formó guerreros y soldados, y su vida desde entonces no fue más que una serie continuada de victorias y triunfos.”.

O general, em suas diversas faces, desempenhou um papel fundamental no processo de emancipação dos povos latino-americanos, além de ser até os dias atuais uma inspiração de luta; seu projeto ressoa na busca da integração e do desenvolvimento da Pátria Grande. Portanto, a ALBA Movimentos busca resgatar as ideias de integração do libertador em oposição à doutrina (Monroe) que buscava dominar e frear o processo de emancipação que ocorria na América Latina e no Caribe.

A última postagem da ALBA Movimentos a ser analisada apresenta três mulheres sorridentes; uma delas está na direção e as outras duas estão do lado de fora de um veículo (Figura 6). As mulheres retratadas são as irmãs Mirabal, que ficaram mundialmente conhecidas pela luta travada durante a ditadura de Rafael Leonidas Trujillo, na República Dominicana; o nome delas é Patria, Minerva e Teresa Mirabal. Desde muito cedo, elas estiveram inseridas no cenário político do

país, no contexto de uma das ditaduras mais sangrentas da América Latina, segundo a postagem. Na década de 1950 elas foram essenciais no “Agrupacion 14 de Junio” que lutou ferozmente contra o governo de Trujillo, porém, dez anos depois, no dia 25 de novembro de 1960, elas foram levadas a uma emboscada e brutalmente assassinadas por agentes do governo.

**FIGURA 6**

***Fonte***: https://www.instagram.com/alba_movimientos/; novembro de 2023

A postagem destaca que a morte das irmãs se converteu em um símbolo da luta dominicana e que em memória dessas mulheres, no dia 25 de novembro, passou a ser comemorado o Dia Internacional da Eliminação da Violência Contra a Mulher. Conhecidas como “Las Mariposas”, elas têm seu legado preservado pelo movimento que sempre as homenageia e destaca a importância da construção do feminismo. “El pacto anti neoliberal es el horizonte de los feminismos revolucionarios y populares que luchan contra la violencia política ejercida por el poder.” (POSTAGEM ALBA MOVIMENTOS, 2023).

Como desdobramento desse debate do feminismo, ao analisarmos a “quarta onda” do feminismo (HOLLANDA, 2020), percebemos que esta perspectiva proporciona um debate acerca dos processos coloniais e imperialistas que apontam ao movimento feminista latino-americano a necessidade de um movimento que seja

representativo e plural. Nesse sentido, constatamos que as mulheres negras e indígenas não encontravam a abertura para o debate étnico racial dentro do movimento feminista e, para tanto, passou a ser utilizada a abordagem de Lélia Gonzalez (2020) que apontou as barreiras encontradas por essas mulheres e as possibilidades de uma nova abordagem. Por essa perspectiva, a base para a unidade em luta de Nuestra América define como linha estratégica da ALBA Movimentos o Feminismo Intercultural, para somar o acúmulo da luta de diversas mulheres, dos mais diversos contextos, respeitando as especificidades de cada território, buscando incorporar diálogo com os diferentes processos, cosmovisões e percepções, na construção de um feminismo popular que contemple a diversidade (ALBA MOVIMENTOS, 2022, p.50).

## 3. ANÁLISE DO CONGRESO DE LOS PUEBLOS

O *Congreso de Los Pueblos* é um dos movimentos que estão articulados com a ALBA Movimentos integrando a sua coordenação política, que nasce a partir da necessidade de um projeto de vida nacional, que garanta a dignidade dos povos e sua devida representação dentro dos processos sociais que ocorrem na Colômbia, país que enfrenta a duras penas uma forte interferência paramilitar, que desplaza e violenta a população diariamente, principalmente, as comunidades campesinas e indígenas. As lideranças sociais são frequentemente ameaçadas, o país tem o maior índice de massacre de líderes de direitos humanos no mundo, segundo o Instituto de Estudios para el Desarrollo de la Paz (Indepaz), um dos institutos de pesquisas e levantamento sobre o assunto; só em 2023 já foram mais de cinquenta líderes assassinados e, diariamente, esse número aumenta. O país também possui altos índices de desplazamiento (deslocamento) da população, em que milhares de pessoas são retiradas de forma forçosa de suas terras pelos atores armados, além da crescente violência gerada pela polícia que persegue e mata representantes dos movimentos sociais.

> Em 1995, o Estado colombiano reconheceu pela primeira vez o desplazamiento como um fenômeno importante e com graves conseqüências sociais. A face visível do fenômeno eram as populações, naquele momento estimadas em 600.000 pessoas, que migravam forçosamente para centros urbanos em condições de vulnerabilidade social. A causa oficial e, também a face invisível disso, eram as constantes violações de direitos humanitários a que eram submetidas pelos atores do conflito armado (guerrilheiros e paramilitares) até culminar na expulsão territorial. (RODRIGUES, 2013, p.7)

Nesse contexto, um movimento que tem ganhado cada vez mais força na Colômbia, mobilizando grande parte da população indígena e campesina e que possui um profundo trabalho dentro e fora das universidades e espaços políticos, é o denominado *Congreso de Los Pueblos*. O movimento surgiu no ano de 2010 e possui como principal proposta possibilitar a atuação das camadas populares em mandatos, para que seja possível a implementação de um projeto político em nível nacional.

> Es un proceso de articulación que viene juntando diferentes dinámicas de pueblos, sectores y regiones en torno a la transformación del panorama nacional, que permita disfrutar de una vida digna a la mayoría de la población. Convoca a todas aquellas dinámicas populares y sociales que estén dispuestas a emprender una construcción legislativa común, a juntar esfuerzos y a sumar propuestas para conseguir un mandato popular para el futuro y presente de nuestro país. (CARTILHA, 2021, p.4)

O movimento se organiza a partir de eixos temáticos, entre eles o desenvolvimento de um plano de vida digna nacional que será aplicado no "mandatos de mandatos", que nada mais é do que os cargos de lideranças políticas responsáveis por levar as demandas das comunidades organizadas em prol do "Plano de Vida Digna Nacional".

Como já apontado anteriormente, sua principal forma de atuação é por meio de pequenos congressos regionais e, posteriormente, com a realização de um congresso em nível nacional onde são apontadas as principais necessidades dos territórios; além disso, tem nas "mingas" uma das principais estratégias de articulação e de fortalecimento do movimento. Com o avanço das mobilizações políticas pelo território "se decide desde la Minga convocar a la realización del *Congreso de Los Pueblos*, como el escenario donde se podrían encontrar tanto los espacios rurales como urbanos para confluir en una propuesta de país común." (CARTILHA, 2021, p.8).

O movimento possui sete eixos temáticos principais que guiam a luta popular: "Terra, território e soberania" que visa a autonomia e a autodeterminação dos povos; "Economia para a vida digna", que busca pautar uma economia que diminua as desigualdades sociais e crie uma aproximação com a natureza; "A construção de poder para o bem viver", apontando a potencialidade coletiva e uma vida digna para a sociedade; "Cultura, diversidade e ética do comum", valorizando a ancestralidade e os saberes populares, a partir da compreensão da diversidade de povos; "Vida, justiça e caminho para a paz", em que o movimento aponta que só a partir de um processo de paz e justiça é possível garantir uma vida melhor para a população; "Violação de direitos e acordos incumpridos", que aponta que todos os acordos feitos com o governo foram marginalizado e negligenciados, e que muitos direitos foram violados; e, por último, "A integração dos povos e globalização da luta", apontado a importância das relações internacionais e do intercâmbio das lutas.

A partir desses direcionamentos o movimento foi se expandindo, realizando encontros e aprofundando suas pautas, como o Congreso de Tierras, Territorios y Soberanías que apontou a importância de defesa da terra e dos recursos naturais para uma vida digna, para a consolidação da soberania popular. Houve ainda o Congreso para la Paz, que teve um papel estratégico nos diálogos de paz que ocorreram na Colômbia e reverberam até hoje na história recente do país; esse congresso aconteceu no ano de 2013 na cidade de Bogotá, buscando estabelecer os diálogos de paz entre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC-EP), o governo e alguns setores do ELN (Exército de Libertação Nacional).

> Es una necesidad imperante terminar la guerra en la que vivimos cotidianamente. Pero no basta con decir “que termine Ya éste conflicto”. La sociedad en general debe actuar para el logro de salidas reales. En la base estructural del conflicto se encuentran las desigualdades sociales, la inequidad en la distribución de la riqueza, la falta de garantías para la organización y movilización social, las continuas violaciones a los derechos humanos y un régimen antidemocrático que ha favorecido el saqueo, el despojo, la corrupción y el asesinato; un régimen, al servicio de los intereses del “A nuestro juicio, no podrá consolidarse una sociedad en paz sin los cambios necesarios que ataquen de manera decidida las raíces del conflicto y sin revertir las acciones d que vulneran los derechos de los pueblos. A servicio de los intereses del gran capital, que ha gobernado el país por más de 200 años. La guerra y la paz son asuntos estructurales en nuestro país. (CARTILHA, 2021, p.15-16)

Um dos principais temas pautados dentro da política colombiana nos últimos anos foi o processo de paz. De acordo com Julian Alvaran (2023), o Plano Nacional de Vida Digna direciona a construção de uma paz real, diferente do que vem sendo chamado na Colômbia de paz total, pois a luta do movimento é direcionada a solucionar os fatores que geram a injustiça, a desigualdade e a miséria no país. Para isso, o *Congreso de Los Pueblos* busca trazer a perspectiva de unidade para confluir na mobilização social. A esse respeito, Muniz Sodré (2015) faz um apontamento muito importante sobre a noção de “formas sociais” que, segundo o referido autor, é uma representação simbólica concretizada em instituições sociais; essa noção de formas sociais tem reflexo na dialética, gerando uma unidade capaz de superar dualidades, de uma identidade originária entre o ser e pensar.

Porém, fica a pergunta: como criar unidade em um país que assassina diariamente suas lideranças sociais? Em 22 de fevereiro de 2022, um dos

fundadores do *Congreso de Los Pueblos* e militante da Coordenação Nacional Agraria, Teofilo Acuña, foi brutalmente assassinado pelos paramilitares por defender o direito de milhares de cidadãos colombianos; esse fato representa um retrato da política de morte implementada pelo imperialismo no país. Importante ressaltar que a Colômbia possui sete bases militares estadunidenses e mais de 45 instalações no país.

O historiador colombiano Renan Vega (2021) aponta que a Colômbia é uma base operacional dos Estados Unidos na América Latina, se transformando em um importante pólo de treinamento e de informação dos EUA. Os exemplos mais explícitos dessa interferência é o Plano Colômbia que foi um acordo bilateral no qual o governo estadunidense investiu financeiramente nas forças armadas colombianas, legalizando a atuação militar colombiana em prol de seus interesses e, principalmente, investindo no assassinato de lideranças sociais, na chacina de comunidades indígenas, no desplazamiento dos campesinos e extermínio da classe sindical.

A luta política na Colômbia, historicamente, foi brutalmente silenciada. Um dos casos de maior comoção nacional foi a morte de Jorge Eliécer Gaytan em 9 de abril de 1948, que gerou grande revolta na população culminando no Bogotazo, quando cerca de um milhão de colombianos foram às ruas durante três dias. Annelise Gomes de Carvalho (2017) em sua pesquisa sobre a Colômbia aponta que o referido líder social se popularizou a partir da denúncia do massacre das bananeiras, que foi promovido pelo exército colombiano a mando dos Estados Unidos e que matou diversos trabalhadores da multinacional United Fruit que estavam em greve por melhores condições de trabalho (CARVALHO, 2017, p.23-24).

É sabido que lutar em território latino-americano é lutar contra um império, contra um sistema econômico que lucra com a morte das lideranças políticas. Segundo o telejornal de notícias *Telesur*, um grupo de elite chamado “Comando Jungla” ocupa território chileno e colombiano e foi responsável por reprimir e assassinar as comunidades Mapuches na Araucania. Isso porque a Colômbia exerce um papel geopolítico importante na região, pois o país possui fronteira com a Venezuela, Brasil, Equador e Peru.

> É quase automático que assim que Chávez ganha as eleições, em 1998, se aprove o Plano Colômbia, que é de contrainsurgência não somente no país mas na zona andina e, portanto, se aponta a perspectiva de converter a Colômbia em pivô estratégico dos Estados Unidos no terreno militar para sabotar os processos nacionalistas em marcha na Venezuela, Equador e Bolívia. (VEGA, 2021)

Essa gestão do país, atravessada pela mediação do governo dos Estados Unidos, é denunciada por diversos militantes, como aponta Carlos Mario Marin, uma das lideranças na mobilização do pacto histórico na região de Quebrados e que foi entrevistado para nossa pesquisa. Segundo Marin (2023), o objetivo do *Congreso de Los Pueblos* é mudar a realidade vivida pela América Latina, em especial, a realidade da Colômbia, por se tratar de uma realidade de muita dificuldade para os setores populares, que são oprimidos pela elite e poderes dominantes. Para o referido militante, a unidade de ação tem que ser o resultado da politização desses setores para modificar a realidade e buscar melhores condições de vida. Marin ainda especifica que as formas de luta são muitas, mas que a primeira é gerar unidade e consciência nos setores populares, por afinidades territoriais ou setoriais, de identidade de gênero, dos setores culturais, das expressões que possam potencializar a unidade entre esses povos. Alinhado à unidade, Marin (2023) destaca a formação política e empírica como fundamentais:

> A formação empírica que, por exemplo, o campesinato de nossos países, que não tiveram tanto acesso a educação formal, mas através de seu trabalho, da prática, também fazem uso do método científico, porque trabalham, porque fazem teste, porque observam e escrevem. É dizer, fazem o exercício de erro e acerto até que consigam entender como funciona a terra, como são as relações do meio ambiente com o ser humano, e vice versa.

Outro militante entrevistado, Julian Alvaran (2023), aponta que o movimento *Congreso de Los Pueblos* passou por diversas mudanças ao longo dos quase treze anos de atuação, mas que em essência mantém o propósito inicial de avançar no país (Colômbia) com uma proposta de vida digna, por meio da construção do poder popular, em que os povos sejam os que organizam e definem a política econômica, social e cultural, a partir de uma perspectiva anticapitalista e em busca da superação do capitalismo baseada na visão marxista e leninista da luta de classes: “Esse é nosso propósito: a legislação popular, a construção de mandatos que nos permitam

exercer poder popular e avançar para a formação de uma sociedade diferente, superadora do capitalismo.” (ALVARAN, 2023).

Uma das figuras importantes na história de luta e resistência na Colômbia foi o padre Camilo Torres que trazia um discurso sobre o amor eficaz e os processos revolucionários. Em obra organizada sobre o marxismo na América Latina, Michael Löwy (2016), ao descrever os processos de guerrilha, disponibiliza a carta escrita pelo referido padre ao povo colombiano, marcando um espectro da luta e do cristianismo nos movimentos sociais, vinculado à Teologia da Libertação. A carta de Camilo Torres foi escrita quando ele estava nas montanhas com a guerrilha, pouco antes de sua execução; na carta, o padre faz uma grande crítica às instituições e reafirma a importância de lutar até a morte pela libertação do povo colombiano; em seu notável discurso, suas palavras ecoam:

> Quando o povo pedia um chefe e o encontrou em Jorge Eliécer Gaytan, a oligarquia o matou. Quando o povo pedia paz, a oligarquia semeou violência no país. Quando o povo não resistia mais a tanta violência e organizou as guerrilhas para tomar o poder, a oligarquia inventou o golpe militar para que as guerrilhas, enganadas, se entregassem. Quando o povo pedia democracia, ele tornou a ser enganado com um plebiscito e uma Frente Nacional que lhe impunha a ditadura da oligarquia. (*apud* LOWY, 2016, p.318)

Será por meio da atuação das classes populares que o processo revolucionário se consolidará e é a partir dessa potencialidade que o *Congreso de Los Pueblos,* assim como diversos movimentos sociais latino-americanos, busca construir sua luta e seu processo comunicativo. Finalizamos essa breve análise sobre a origem e as principais características do *Congreso de Los Pueblos*, bem como uma breve contextualização histórica da Colômbia, com a frase presente na cartilha do referido movimento, na qual baseamos nossa pesquisa, em conjunto com as entrevistas e os principais veículos de comunicação que possuem: "Que país de abajo legisle. Que los pueblos manden. Que la gente ordene el territorio, la economía y la forma de gobernarse. Que camine la palabra.” (CARTILHA, 2021).

A partir desse levantamento histórico realizaremos a análise de quatro postagens do *Congreso de Los Pueblos* em sua página no Instagram para se ter uma perspectiva atual do processo de luta e de informação que o movimento vem desempenhado nas redes sociais.

A primeira postagem que iremos analisar do *Congreso de Los Pueblos* traz a memória de um companheiro de luta do movimento, Aury Sará Marrugo. Na imagem podemos ver um homem em meio à natureza, com ferramentas e um capacete com o logotipo do *Congreso de Los Pueblos* (Figura 7).

**FIGURA 7**

***Fonte***: https://www.instagram.com/congresodelospueblos/?hl=pt, dezembro de 2023.

Esse tipo de postagem é usualmente utilizado por movimentos populares para manter viva a memória de lutadores e lutadoras que exerceram um papel fundamental na luta e na defesa dos ideais políticos. Sará Marrugo foi presidente da subdiretoria do movimento em Cartagena até ser brutalmente assassinado por paramilitares da cidade. O movimento destaca que há indícios de a morte ter sido mandada pela inteligência militar que estava relacionada a setores econômicos e políticos da indústria petrolífera na região do Caribe. O militante se destacava pela capacidade de liderança e pelo compromisso com as causas sociais, lutando pela transformação da realidade de Cartagena e de toda Colômbia.

> Aury denunciaba la entrega a la multinacional Glencore de la operacíon de la refinería de Cartagena y algunos casos de corrupción dentro de la refineria. Precisamente, en esa semana de su secuestro, Aury estaba preparando su presentación para un foro

> petrolero donde se tratarían esos temas de política minero energética. (POSTAGEM CONGRESO DE LOS PUEBLOS, 2023)

Ele se organizava por meio de uma fundação, onde fortalecia as relações e as atividades das organizações populares e dos bairros periféricos; porém, o movimento aponta que, com a chegada dos paramilitares na região, vários líderes sociais foram assassinados com a complacência das forças públicas. Essa denúncia foi apresentada por diversos órgãos de direitos humanos, mas não houve apuração; e como apontado anteriormente, casos como esse colocam a Colômbia como um dos países que mais mata líderes sociais no mundo. Portanto, a postagem além de trazer à tona a história de uma das lideranças políticas colombianas, também denuncia o genocídio e o massacre cometido diariamente pelo paramilitarismo na região, que é camuflado pela mídia e apoiado pelos Estados Unidos, que possui um domínio militar na região.

Na próxima postagem analisada é possível encontrar uma diversidade de mulheres, que representa a luta feminina no continente latino-americano, contendo a seguinte frase “día de la mujer tabajadora” (Figura 8). A postagem foi feita no dia 08 de Março, conhecido internacionalmente como um dia de luta dentro do movimento feminista, pois sua origem vem da luta de mulheres trabalhadoras em busca de condições dignas de trabalho durante a revolução industrial que, historicamente, resultou na morte de milhares de mulheres trabalhadoras devido às péssimas condições de trabalho a que estavam submetidas.

Naquele período, o movimento feminista começou a ganhar forma e repercutiu em diversas “ondas”, como classifica Heloisa Buarque de Hollanda (2019), pois, o movimento foi se adaptando aos contextos sociais e às necessidades de cada época. Uma das questões apontadas por Holanda é como construir um feminismo sem levar em conta as epistemologias originárias? Essa questão nos direciona para a origem do pensamento feminista e a urgência de inserir os saberes indígenas e afrodispóricos para a luta das mulheres a partir das reflexões de intelectuais latino-americanas, propondo o que ela vai chamar de “contraepistemologias” para poder lutar contra o imperialismo e o colonialismo.

**FIGURA 8**

***Fonte***: https://www.instagram.com/congresodelospueblos/?hl=pt, março de 2024.

O feminismo popular, privilegiando a contestação à colonialidade do saber, também aponta caminhos de avanço político agora na chave latino-americana, conforme indica Hollanda (2020, p.15-16) ao propor

> [...] uma revisão epistemológica radical das teorias feministas eurocentradas, o que inclui o fim da divisão entre teoria e ativismo, característica de nossos feminismos desde sempre. Se nas décadas de 1960-1990 o feminismo branco norte-americano e europeu foi incorporado com facilidade ao feminismo latino-americano e brasileiro, hoje essa aceitação acrítica traz problemas. A consciência da violência e da opressão dos processos colonizadores faz surgir um campo de reflexão com o qual o feminismo passou a dialogar.

A compreensão do Brasil como um país afro-indígena possibilita entender as estruturas que nos limitam e impulsiona um movimento de levante e retomada dos saberes que foram apagados da história, pois o feminismo eurocêntrico não abarca as mulheres camponesas, periféricas e sem terra.

A postagem seguinte busca evidenciar a ligação entre a Colômbia e Israel, no marco do massacre que ocorria na Palestina em 2023. A imagem traz o símbolo que representa a bandeira de Israel com um soldado militar ao centro; ao redor é

possível observar aviões munidos com bombas e a bandeira da Colômbia nos cantos inferior e superior. Completa a cena a seguinte frase: “Colombia-Israel: Mucho más que buenos amigos” (Figura 9).

**FIGURA 9**

***Fonte***: https://www.instagram.com/congresodelospueblos/?hl=pt, novembro de 2023.

Na postagem, o movimento recorda que desde 2003 a oligarquia colombiana firmou um acordo para criar um grupo bilateral de trabalho e de diálogo político-militar entre Colômbia e Israel com o propósito, dentre outros objetivos, de discutir as alianças entre militares dos dois estados, além da compra armamentícia de diversas empresas israelenses.

> La policía y el ejército usan tecnología de ciber represión de las empresas israelíes Cellebrite e Intelexa, esta última le vendió el Estado el software predator. Veículos de asalto Sandcat, fabricados por Plasan, se han utilizado para reprimir poblaciones indígenas al sur de Colombia y a campesinos en el oriente del mismo país. (POSTAGEM CONGRESO DE LOS PUEBLOS, 2023)

Portanto, o *Congreso de Los Pueblos* busca denunciar como o militarismo israelense está infiltrado na produção de armas na Colômbia, além de adquirir *softwares* e inteligências cibernéticas que buscam controlar e reprimir lideranças sociais no país. Esse tipo de postagem causa um grande impacto no público, pois

muitas vezes traz à tona informações que não são difundidas pela grande mídia, além de ter um forte apelo sobre acontecimentos atuais que repercutem não apenas no Oriente, mas também em diversos países da América Latina.

Na sequência, temos uma postagem que trata de uma convocatória para o Primeiro Foro Nacional sobre trabalho informal na Colômbia e a reforma laboral. Essa é uma temática que contempla diversos trabalhadores na atualidade que sofrem com a precarização de seus trabalhos (Figura 10). Na imagem podemos observar vendedores ambulantes, entregadores de aplicativo e, inclusive, uma criança ao lado de sua mãe que, possivelmente, está trabalhando para o sustento de sua família.

**FIGURA 10**

***Fonte***: https://www.instagram.com/congresodelospueblos/?hl=pt, junho de 2023.

Nessa convocação, o movimento destaca a crise econômica e social que o país vive de forma estrutural e aponta que as soluções se darão por medidas de longo prazo em termos de políticas públicas, pois a situação atual do país se mostra insustentável e não tem bases em uma política de transferência de renda e de incentivo à economia popular. De acordo com o *Congreso de Los Pueblos*,

> Al problema laboral y productivo del país, se articula en la misma línea el déficit de la organización y participación política de millones de trabajadores informales y precarizados, que carecen de

> expresiones de organización sectorial que les permitan adelantar la gestión social y política de sus demandas e derechos, hasta el punto que la defensa de sus condiciones laborales ha sido asumida por los sectores más antiobreros de la política nacional. (POSTAGEM CONGRESO DE LOS PUEBLOS, 2023)

A postagem foi realizada durante a realização de um debate sobre a implementação de uma reforma laboral no país e procurava, por meio do evento, organizar politicamente os trabalhadores autônomos na busca de uma melhoria no setor para que, de forma organizada, pudesse ser cobrado os direitos e as garantias para a classe trabalhadora. Na publicação é apresentado um dado importante de que existe mais de 12 milhões de trabalhadores informais no país e que, portanto, é necessário garantir o direito de uma vida digna a essa população. Postagens como essa tem o objetivo de divulgar as ações do movimento e apresentar suas análises conjunturais, baseadas no debate sobre a classe trabalhadora na Colômbia, visando trazer mais militantes para o *Congreso de Los Pueblos*.

Na próxima postagem é apresentada uma análise da situação da Presidência de Naybi Bukele, atual presidente de El Salvador. A imagem retrata o referido presidente com as duas mãos para cima e com uma tinta vermelha nos olhos; ao fundo, em segundo plano, vemos fotografias de manifestações sendo que, na imagem inferior, o efeito é de uma imagem em chamas e, na imagem superior, percebemos se tratar de uma manifestação sob repressão policial (Figura 11). As cores e os efeitos remetem a algo diabólico, tudo acompanhado da seguinte frase: “Bukele, demagogo y dictador”.

A postagem tem um viés de denúncia, na medida em que o *Congreso de Los Pueblos* aponta que nos quatro anos do governo Nukele foi evidenciado o totalitarismo, a não separação de poderes, a ausente independência judicial e a militarização e criminalização dos movimentos sociais no país. Dentre as principais denúncias o movimento destaca: ausência de ordens de captura administrativa ou judicial, sem investigações prévias; detenções ilegais e duplo julgamento; busca ilegal na casa ou domicilio; detenção por denúncias anônimas; segunda detenção de pessoas com ordem judicial de liberdade; detenções baseadas na existência de antecedentes penais ou policias; estigmatização de tatuagens; ausência de informação aos familiares sobre o lugar de detenção e a falta de comunicação com

os familiares. Dentre diversas outras críticas apontadas pelo movimento em relação às medidas do atual presidente, estão:

> El gasto militar, entre 2019 y el 2022 aumentó en un 91% mientras que, para la única universidad pública del país, la UES, el presupuesto sufrió entre 2021 y el 2022, un recorte de más de 11%. Otro ejemplo de la prioridad dek govierno Bukele en su política hacia las juventudes, es que muentras en campaña, prometió la construcción de 4 sedes de la universidad, en la realidad, solo ha avanzado en la construcción de una mega cárcel “contra el terrorismo” con capacidad de retener cerca de 90 mil personas. (POSTAGEM CONGRESO DE LOS PUEBLOS, 2023)

Além disso, o *Congreso de Los Pueblos* criticou a censura imposta por Bukele, que ameaça prender jornalistas ou fechar meios de comunicação por até 15 anos, caso difunda mensagens ou faça alusão ao controle territorial do governo. O movimento denuncia que no ano de 2022 pelo menos 20 jornalistas saíram do país como exilados e, segundo a Associação de Jornalista de El Salvador, foram registradas mais 129 agressões a jornalistas e comunicadores sociais, além de ameaças e interceptação ilegal de telefones e computadores.

**FIGURA 11**

***Fonte***: https://www.instagram.com/congresodelospueblos/?hl=pt, junho de 2023.

Enfim, de modo geral, a postagem, que também destaca que o atual presidente de El Salvador é constantemente elogiado pela mídia internacional, busca evidenciar os feitos totalitários exercidos por Bukele. O *Congreso de Los Pueblos*, assim como a ALBA Movimentos, busca exercer a comunicação popular em suas mídias, evidenciando as pautas políticas atuais, proporcionando o debate e denunciando as atrocidades que cercam os países da América Latina e do mundo.

A última postagem do *Congreso de Los Pueblos* a ser analisada retrata Manuela Sáenz (Figura 12), mulher que cumpriu um papel fundamental no processo de libertação da Colômbia, com uma trajetória de luta política e de disciplina militar exemplar, que chegou a ser reconhecida como “coronela” do exército colombiano, este que era comandado por Antonio José Sucre; Manuela Sáenz lutou ao lado dele em diversas batalhas de independência, como a do Equador e do Peru. Na arte, ela aparece projetada três vezes, em fotografia, escultura e pintura, logo abaixo de um destaque que apresenta sua data do seu nascimento, 28 de dezembro de 1797.

**FIGURA 12**

***Fonte***: https://www.instagram.com/congresodelospueblos/?hl=pt, dezembro de 2023.

Como ocorre com diversas mulheres lutadoras, sua história é propositalmente esquecida e muitas pessoas não sabem, até os dias de hoje, quem foi Manuela Sáenz. Apesar de sua importante contribuição nos processos de libertação de povos

latino-americanos, no cinema ela foi retratada como a “grande paixão” de Simón Bolívar, devido ao envolvimento amoroso entre os dois, tendo sido reduzida a participante de uma história de amor, ocultando sua intelectualidade e sua luta pela construção da Pátria Grande, inspirada por seus ideais bolivarianos. “Se ha buscado reducir a Manuela a la amante y la paison de Bolívar, aunque sin duda alguna, esa tambíen fue una de sus facetas más radicales y coherentes con la liberación, porque tambien en el amor fue irreverente.” (CONGRESO DE LOS PUEBLOS, 2023).

Em um estudo de Emanuella Oliveira e Mônica Martins (2016) sobre a atuação de Manuela Sáenz na Guerra de Libertação da Grã-Colômbia no século XIX, as autoras realizam um levantamento sobre a história de Manoela; seu pai, Simón Sáenz, era governador da cidade de Quito e casado com Juana Maria Campo, enquanto sua mãe, advinda de uma família rica de Quito, se chamava Joaquina Aizpuru, que morreu quando ela ainda era criança. Como filha “ilegítima”, enfrentou adversidades, estudou em conventos onde teve uma importante formação em grego e latim, e se desenvolveu intelectualmente e culturalmente devido à classe social da qual fazia parte. Porém, foi aos quinze anos que sua trajetória política começou a se desenvolver, após tomar conhecimento do massacre cometido pelo exército real espanhol contra “os primeiros patriotas que se organizavam em Quito pela libertação da América” (OLIVEIRA; MARTINS, 2016, p.156). Uma das principais características dos revolucionários no país era que, em sua maioria, se tratavam de filhos de espanhóis com mulheres negras e indígenas, chamados de “crioulos”, com os quais ela se identificava

> Como ela, outras mulheres e jovens passaram a compor a frente anticolonial. Nesse período, começa a se reunir em segredo com patriotas quitenhos. Uma das que mais se empenhou no trabalho da independência, inicialmente, Manuela colava cartazes pelas ruas e quartéis, levava escondida sob suas roupas a propaganda revolucionária. (OLIVEIRA; MARTINS, 2016, p.156)

A partir desse período, Manuela Sáenz começou a desempenhar um papel estratégico no movimento revolucionário, demonstrando grandes habilidades, já que ela utilizava seu sobrenome para poder espionar o exército espanhol e ajudar as forças revolucionárias; posteriormente, se tornou uma figura muito importante dentro do movimento. Sua aproximação com Simón Bolívar se deu em uma visita do

Libertador a Quito que, segundo relatos da época, se apaixonou por Sáenz ao conhecer sua inteligência e, principalmente, suas ideias para a construção da Grã-Colômbia. A partir desse momento, ela foi atingindo altos cargos militares no exército revolucionário e sua atuação foi tão importante que “Manuela também ajudou estrategicamente na criação da Bolívia, nação que possibilitou um maior equilíbrio de forças entre Peru, Argentina e Grã-Colômbia” (OLIVEIRA; MARTINS, 2016, p.156).

Quando o *Congreso de Los Pueblos* realiza uma postagem como essa, o movimento reaviva a memória e a lembrança de uma grande lutadora latino-americana, que muitas pessoas desconhecem, tanto sua história pessoal como sua importância histórica. Trata-se de uma mulher que, apesar de ter nascido de uma família nobre, doou todo seu dinheiro para a revolução, que se tornou “coronela” por sua perspicácia e visão estratégica, que salvou a vida de Simón Bolívar diversas vezes, que acabou exilada após a morte de Bolívar e que, sem recursos, se tornou vendedora de doces e tabacos até sua morte. A história de Manuela Sáenz remete a uma reflexão de quantas mulheres tiveram um papel tão importante quanto o dela nos processos revolucionários e que até hoje sequer são conhecidas? Portanto, assim como as diretrizes do movimento que busca construir uma vida digna e uma plena integração, Manuela Sáenz lutou por esses ideais e toda a história de nosso continente está marcada, dentre outras coisas, por sua bravura.

## 4. A PROBLEMÁTICA DAS REDES SOCIAIS E O INSTAGRAM

Ao realizar uma reflexão sobre o papel das mídias nos movimentos sociais da América Latina, em especial da ALBA Movimentos e do *Congreso de Los Pueblos,* nos deparamos com o desafio de analisar a problemática do engajamento de suas publicações nas redes sociais e se, de fato, o Instagram pode ser considerado uma ferramenta de comunicação popular. Iniciaremos pensando sobre o contexto das redes sociais e a necessidade do engajamento para alcançar determinado público, visto que a partir desse conceito são estabelecidas as métricas de interações e reações, determinando o número de pessoas que a página irá alcançar.

Para pensar de forma mais aprofundada o engajamento, partimos das reflexões de Pablo Nabarrete Bastos (2020, p.194-195) que aborda a temática a partir da necessidade de um olhar crítico dos comunicadores, sobre "as contradições políticas e de classe que compõem a totalidade na qual as interações midiatizadas estão inseridas", evidenciando o quanto esse processo está alinhado com o desenvolvimento do sistema capitalista, por meio das mídias sociais, e que expressa um alinhamento do interesse das grandes empresas com o comportamento dos usuários. Nesse sentido, torna-se importante uma reflexão sobre o engajamento ter se tornado um conceito relacionado às redes sociais e, por outro lado, sobre a necessidade de ser retomada sua significação política, que se torna cada vez mais complexa, visto que o poder exercido pelos meios de comunicação atualmente perpassa aspectos psicológicos, cada vez mais interligados com sensações e emoções, provocando a necessidade constante da utilização da tela que, paralelamente, molda o interesse de acordo com o conteúdo criado para determinados segmentos da sociedade. Afirma Bastos (2020, p. 198):

> Se o indivíduo gosta de determinada organização e do conteúdo desenvolvido por ela, pressupõe-se determinado conhecimento anterior para a formação deste gosto, a existência de determinações econômicas, sociais e culturais, o vínculo com determinada ideologia, cada vez mais midiatizada.

No contexto de conteúdos políticos fica ainda mais evidente a parcialidade ideológica de determinados meios de comunicação e o quanto essas mídias exercem uma influência psicológica na sociedade, levando a ações extremas como a

perseguição política, o adoecimento psicológico de militantes, a tortura e até a morte, baseadas na ideologia de dominação capitalista, que continua perseguindo e marginalizando movimentos sociais e se opondo a processos emancipatórios e de integração latino-americana. Florencia Abregu, responsável pela comunicação da ALBA Movimentos, aponta que a comunicação é fundamental e que a partir dela são trabalhados inúmeros elementos nos processos de mobilizações internacionais, especialmente, em processos de mobilização internacional que estão de certa forma ancorados, como no exemplo citado:

> Por exemplo, o dia 30 de março é o Dia da Terra e é também um dia de luta de solidariedade com a Palestina, estamos a organizar uma mobilização mundial, estamos a coordenar tudo isso e a comunicação é fundamental, senão não teríamos como chegar na Palestina, por exemplo, com camaradas de outras regiões com quem temos que nos articular e é fundamental porque há aí uma disputa ideológica. (ABREGU, 2024)

Florencia Abregu evidencia que são construídos outros sentidos a partir da linguagem do movimento, com estratégias de construção dos próprios símbolos e signos linguísticos dentro do que a ALBA Movimentos quer manifestar, dentro dos parâmetros de censura do Instagram, ao qual ela dá o exemplo de palavras que eles muitas vezes não podem usar: “Por exemplo, anti-imperialismo é um exemplo que muitas vezes o Instagram e o Twitter te proíbem, ou seja, te escondem; tu pões anti-imperialismo num título e a sua publicação não aparece em lado nenhum” (ABREGU, 2024). A militante pontua que há políticas de privacidade dessas redes que controlam a execução das mensagens, do que pode ser transmitido ou não; ela considerar que são mecanismos de sensibilidade e que a ALBA Movimentos luta contra esses mecanismos, porque o Instagram pode esconder uma publicação do movimento, mas, em seguida, eles circulam o material em outras redes, denunciando o fato ocorrido e trazendo a reflexão do porquê isso ocorre.

Para refletir sobre isso, não podemos deixar de considerar o papel cumprido pela indústria cultural. Theodor W. Adorno (1991), que aborda o papel da música no século XX, aponta o processo de coisificação que o fetichismo desempenha sobre a sociedade, de caráter silenciador, muitas vezes usado para substituir as relações humanas, ou como nos termos de Adorno (1991, p.398) “a morte da linguagem como expressão”, que opera como um segundo plano para preencher o vazio do silêncio.

As redes de entretenimento, assim como os conteúdos do Instagram, servem apenas como fundo, pois se o indivíduo já não é mais capaz de falar, também não é capaz de ouvir. É nesse momento que podemos partir para uma das críticas mais contundentes apresentadas por Adorno quanto à perda da audição, ou de forma mais geral, dos sentidos, que cada vez mais é substituído pelas imagens que direcionam o público e tornam as pessoas espectadoras passivas. Há uma comparação com a ideia da República de Platão, em que o Estado disciplina o gosto, e que se reverbera no controle do capitalismo sobre a indústria cultural, em que o prazer dos sentidos e a consciência diferenciada são raridade e os elementos da felicidade são meras aparências. Para Adorno (1991, p.399), "até o fim da pré-história, o equilíbrio musical entre prazer parcial e totalidade, e ter expressão e síntese, entre superficial e profundo permanece tão precário quanto os momentos de equilíbrio, entre a oferta e a procura na economia burguesa.".

Na era do capitalismo existe uma tendência à coisificação da comunicação como um objeto de alienação, assim como das mídias sociais, que mostra para os usuários um prazer irreal em ver determinado conteúdo ou mesmo certa "variedade" que faz com que os indivíduos não precisem pensar, levando-os a uma visão "adequada", sem que seja contestado ou que se veja sua totalidade. Criam-se, assim, meros consumidores que apenas engajam determinados conteúdos, mas que não sabem de fato como foi o seu processo de fabricação e de criação.

Nesse contexto, o fetichismo destrói suas funções únicas que poderiam dar sentido, colocando o sucesso como principal objetivo, fazendo com que seja consumido sem que seja compreendida ou apreendida pelo consumidor. Ou seja, se uma mídia social não tem um grande número de seguidores, então ela se tornaria irrelevante, pois se tem a concepção de que apenas conteúdos que chegam a milhares de pessoas têm qualidade e potencial, tornando a batalha comunicacional ainda mais aprofundada no campo das mídias. Em sua reflexão, Bastos (2020) evidencia o equívoco em analisar apenas o engajamento de interações que são criadas e moldadas sem se verificar também o que está sendo produzido nas interações sociais. De acordo com o autor:

> Portanto, torna-se um equívoco epistemológico e político conceber como engajamento o volume de interações midiatizadas sem verificar a circulação e produção de sentido para além do ambiente on-line, sem investigar a

> maneira como o vínculo com narrativas e/ou instituições se realiza nas interações sociais cotidianas. (BASTOS, 2020, p.202)

Uma reflexão muito importante para pensarmos a partir da ótica dos movimentos analisados parte da afirmativa do militante Carlos Mario Marin do *Congreso de Los Pueblos* que aponta que existe uma iconografia própria dos setores populares, campesino e trabalhador, que é a serigrafia, que se constituiu como uma forma antiga de replicar imagens em tecidos e cartazes, rompendo a lógica da atuação somente no digital. Quando pensamos nesses movimentos, pensamos em ações que perpassam as mídias, visto que conteúdos políticos são frequentemente boicotados, por meio da lógica do engajamento, que apresenta conteúdos irrelevantes e que minimiza reflexões políticas que se opõem ao imperialismo. Outro militante do *Congreso de Los Pueblos*, Julian Alvarenga, também aponta ações mais específicas da comunicação popular como os megafones e os jornais murais, além do processo formativo:

> Acredito que é uma dinâmica mais para lá das redes, porque efetivamente se vê hoje um acesso muito massivo ao tema das redes; digamos que é difícil, muita gente tem acesso ao whatsapp, ao facebook, mas não é a todo mundo que chega, e nem todo mundo tem facilidade com as rede, então há que seguir insistindo em outras formas de difundir e gerar comunicação, a parte de todo o tema digital e das redes sociais. (ALVARENGA, 2023I)

Nesse aspecto, Bastos (2020, p.206) aponta a necessidade de construção crítica e reflexiva de engajamento como superação dialética, como uma “superação da cotidianidade, da pseudoconcreticidade, por meio da educação crítica e da práxis política”. A partir da construção de um engajamento crítico e reflexivo, diferente da forma como vem sendo aplicada pelas mídias hegemônicas, e analisando as publicações no Instagram da ALBA Movimentos e do *Congreso de Los Pueblos*, é possível notar que a construção de conteúdo é baseada no caráter educativo, por meio do resgate histórico das lutas ocorridas no continente latino-americano e da análise atual de conjuntura, possibilitando realizar uma reflexão acerca do cenário político a partir de suas redes sociais.

Se pensarmos em números, a página não consegue alcançar amplamente as diferentes camadas da sociedade, mesmo contando com o apoio de diversos movimentos sociais; porém, se analisarmos o principal público dessas páginas, encontraremos uma diversidade de militantes, comunicadores populares, formadores

e lideranças políticas que se articulam por meio dessas organizações, criando um engajamento que perpassa as métricas definidas pelos acionistas estadunidenses que controlam de forma global os meios de comunicação, uma métrica que diz respeito ao processo de integração e que, em síntese, cumpre seu papel político nas redes, lutando contra a máquina constante de criação de notícias falsas, de desinformação acerca da realidade de países como a Venezuela e a Colômbia. Portanto, temos nessas redes um espaço de debate, de circulação e de difusão do pensamento crítico e histórico.

Para além da lógica midiatizada de engajamento, propõe-se um trabalho político diferente do realizado pelas grandes mídias e que projeta sua atuação nas mais diversas formas de comunicação, que inclui a classe trabalhadora não só da cidade, mas também do campo, das comunidades indígenas e dos territórios mais afastados, dos países ignorados e esquecidos propositalmente pela mídia.

Quando pensamos no processo de visibilidade, é necessário analisar a estrutura econômica do capitalismo que molda e controla o gosto dos usuários, conforme apontado por Adorno (1991) e desenvolvido por Bastos (2020), que faz uma contribuição muito importante sobre os processos de busca, que personaliza o conteúdo de acordo com o que é buscado frequentemente, dificultando o acesso a conteúdos que sejam considerados “divergentes” em relação à lógica de funcionamento do sistema capitalista e de seus interesses.

Por sua vez, quando pensamos no projeto de “modernidade”, e por conseguinte, de “pós-modernidade”, tal qual se referiu Jürgen Habermas (1980) ao apontar a ruptura entre cultura e sociedade, entre modernidade cultural e as exigências do sistema econômico, produzindo um eterno vazio das sensações, marcada pelo consumismo, narcisismo e, principalmente, por uma regressão econômica e social que não intervém diretamente nos fenômenos aos quais está inserida, é preciso considerar o que está ocorrendo tanto no meio cultural quanto no social, que faz da comunicação algo que está dentro do sistema, para o sistema, e não ao contrário, favorecendo a dominação burguesa. Portanto a decadência política e social em que vivemos é um reflexo da transformação que vivenciamos em todas as camadas de nossa existência, desde nossas relações que são ditadas pelas redes sociais até nossos sentidos condicionados pela dominação midiática em suas várias manifestações.

Precisamos compreender que na maioria das vezes não está ocorrendo uma mudança, mas apenas uma manutenção do sistema capitalista. De modo geral, quando vemos no Instagram o debate sobre algumas temáticas relacionadas à questão política, não estamos presenciando, de fato, um debate sobre a respectiva temática, muito menos um processo de formação política mais profundo; o que percebemos, na verdade, é a apropriação e o esvaziamento de pautas importantes para a sociedade. Porém, em relação ao Instagram da ALBA Movimentos e do *Congreso de Los Pueblos*, podemos reconhecer que há um propósito voltado para a conscientização e para o debate e a formação políticas, com conteúdos que dizem respeito à conjuntura política e à história de luta e resistência dos povos latino-americanos.

## 4.1 A COMUNICAÇÃO POPULAR E A DIFUSÃO DA LUTA POLÍTICA POR MEIO DAS REDES SOCIAIS

Quando pensamos em comunicação popular, pensamos para além das redes sociais, mas também em ações concretas e participativas que envolvem a comunidade ao qual está inserida. Porém, com o crescente número de mídias sociais e a necessidade de os movimentos de se atualizarem e estarem nessas redes, se desdobra um debate acerca do que é comunicação popular e se ela pode ser desenvolvida por meio das redes sociais, como o Instagram, que está relacionado à análise proposta nesta dissertação.

Para uma breve reflexão a esse respeito, temos como ponto de partida as contribuições dos entrevistados, que evidenciam como a comunicação popular vem sendo trabalhada dentro dos movimentos, mas também iremos utilizar as contribuições de autores que poderão embasar nossa reflexão. Para Carlos Mario Marin (2023) a comunicação popular é fundamental dentro do *Congreso de Los Pueblos*, visto que os meios de comunicação são geridos pela classe dominante na manutenção e em prol dos interesses do sistema capitalista.

> Porque os meios de comunicação desde a invenção da impressão sempre foi publicado o que o dono da gráfica, do meio de comunicação quer, para defender seus interesses e demonstrar suas posturas; com isso através do desenvolvimento desse processo comunicativo foi concentrado precisamente nas elites, então é totalmente necessário que a gente tenha

> nossos próprios meios de comunicação para mostrar a realidade dos setores populares.

A comunicação popular não tem propriamente uma data de nascimento, mas teve sua popularização no Brasil e na América Latina durante os regimes ditatoriais na região que, frente à mídia hegemônica que defendia os interesses dos Estados Unidos e compactuava com a expansão do autoritarismo no continente, forçou os movimentos sociais a encontrar meios de denunciar a brutalidade e a violência cometida pelo Estado.

Quando se debate a criação de meios populares e comunitários, uma palavra que tomou forma no pensar em rede foi a definição de comunidade. E pensando na própria derivação epistemológica da palavra comunicação, como vinculado à ideia de comum, do qual se participa em comunidade, Raquel Paiva (1998) discute sobre esse conceito e de como a mídia e a globalização influenciam na definição deste tema. Segundo Paiva (1998, p.68**)** na perspectiva filosófica e política, comunidade é "uma relação social radicalmente distinta, pela qual existe a possibilidade de participação nas decisões que o grupo deve tomar, visando o direito de ser consultado".

Ao se analisar a estrutura do conceito de comunidade em sua totalidade, é inegável perceber a incompatibilidade que existe entre o sistema econômico instalado atualmente em nossa sociedade e o desenvolvimento de uma comunidade. A referida autora levanta a questão da globalização que trouxe uma nova realidade, o virtual. Com essa nova realidade, é inviável pensar na ausência da comunicação. Julian Alvaran (2023), que atua com a comunicação do *Congreso de Los Pueblos*, aponta a importância de uma comunicação popular que seja desenvolvida pela comunidade para que, de fato, seja possível o fazer comunicativo que parta de outras camadas:

> Este esforço de juntarmos como processo nacional de comunicações está direcionado a construir uma estratégia de comunicação do Congreso de Los Pueblos, estratégia que se complementa em um enfoque de comunicação popular, é dizer, construir uma comunicação que seja desenvolvida e voltada pelas comunidades, pelos processos organizativos e demais.

Paiva (1998) define a comunicação comunitária como o melhor meio comunicacional possível de se atender às demandas necessárias, valorizando seu

processo histórico e seu contexto social. De acordo com as reflexões de Paiva, é possível notar como o excesso de informações que o globalismo produz e a manipulação do sistema capitalista sobre a mídia tornam a comunicação comunitária uma forma essencial para os movimentos sociais. Analisando tais apontamentos e pensando a importância que esse tipo de fazer comunicativo tem para os movimentos sociais latino-americanos, é possível vislumbrar uma sociedade mais justa e igualitária por meio da coletividade da classe trabalhadora, na construção da esperança que diversos povos depositam no processo educativo da comunicação.

Por sua vez, Cicilia Maria Krohlnig Peruzzo (2023, p.24) em seu artigo que aborda a comunicação popular, comunitária e alternativa na era digital, traz reflexões sobre o caráter da comunicação popular:

> As utopias estão no âmago da busca por liberdade de expressão representada nas lutas pela democratização da comunicação no Brasil e sua efetivação também por meio das mídias comunitárias e alternativas de modo a ampliar a dimensão cívica da cidadania que ganha força e mais alcance diante das possibilidades de ampliação de canais e espaços de interação que a internet potencializa.

Julian Alvaran (2023) acredita que, na medida em que as pessoas se juntam em função de suas lutas e possam comunicá-las, cria-se um nível de organização que permite a construção de uma identidade, pois com o surgimento da internet houve um crescente número de acessos e, consequentemente, uma percepção da ampliação das vozes e das causas antes silenciadas pelas mídias tradicionais. Porém, como apontado anteriormente, as grandes empresas dominam a internet, minimizando o acesso a conteúdos políticos e controlando a percepção dos usuários.

Diante disso, Peruzzo (2023, p.26) aponta que empresas como Google, Apple, Facebook e Amazon, para aparentar naturalidade, “reformam o poder econômico-político e redefinem o sentido social - dos hábitos cotidianos ao significado do trabalho, ao consumo e à comunicação ou isolamento das pessoas”, para exercer o controle dos algorítmicos, os mesmos utilizados como métrica para o engajamento de determinado conteúdo. Nesse sentido, os movimentos sociais exercem um papel importante na difusão da comunicação popular, rompendo com as barreiras impostas pelo capital e recriando a lógica comunicativa, por meio de rádios comunitárias, dos jornais, das produções audiovisuais e dos conteúdos criados para as redes sociais a partir de um conhecimento coletivo, mostrando que a

comunicação pode e deve ser feita pela população, e que serão utilizados todos os meios de comunicação para difundir a luta dos povos oprimidos, marginalizados e apagados historicamente.

Uma importante experiência no uso de redes sociais que podemos identificar é o Instagram do MST que acumula quase um milhão de seguidores, rompendo as barreiras impostas e difundindo sua luta por meio das redes sociais. Porém, esse trabalho só é possível em conjunto com as ações políticas e concretas do movimento que encontra no Instagram uma forma de difusão das práticas políticas e pedagógicas, até porque entendemos que se trata de um espaço limitado porque muitas pessoas não têm acesso a essas redes, tornando importante o desenvolvimento das formas convencionais de comunicação, como os carros de som, cartazes, murais e rádios, para fazer chegar a mais pessoas a sua informação. Também podemos registrar que diversos jornais alternativos também conseguem driblar as métricas para promover notícias que muitas vezes não são veiculadas nas grandes mídias.

A forma como a comunicação tem sido feita causa diversos questionamentos nas mais distintas camadas da sociedade. Florencia Abregu, da ALBA Movimentos, aponta que, atualmente, há algumas análises muito negativas de como se configura a esquerda e os projetos progressistas afirmando que “muitas vezes não falam com o trabalhador e com a trabalhadora, e falam de uma forma muito acadêmica, de estudantes universitários, para brancos, para pessoas aptas, digamos.” (ABREGU, 2024); a militante segue afirmando que é muito importante colocar isso em debate dentro dos movimentos sociais. Rompendo com a tentativa de silenciamento histórico do sistema capitalista sobre nossos corpos e direitos, é importante ressaltar que a comunicação popular é um fazer comunicativo que se expande para diversas outras regiões da América Latina. A esse respeito Marialva Carlos Barbosa irá dizer que:

> São atos de comunicação que materializam a mistura entre tecnologias possíveis (oral e escrita) e que deixam transparecer vivências, sonhos, projetos e, sobretudo, sofrimentos cotidianos. São escritas como atos de vida, e ditadas pela tecnologia da voz migraram para as tecnologias do traço, capazes de produzir o enigma e o milagre de ultrapassar fronteiras de espaço e de tempo. (BARBOSA, 2019, p.10)

A partir dessa perspectiva é possível entender a importância da comunicação popular dentro dos movimentos de integração latino-americanos, se tornando um

instrumento na construção da almejada Pátria Grande de Martí e dos ideais internacionalistas de Che Guevara. Florencia aponta que um dos temas mais importantes é o fortalecimento de como se dá a disputa de sentido do “comum” a partir dos meios de comunicação alternativos e populares, pois organização como a ALBA Movimentos são, muitas vezes, fonte desses meios: “no caso desse mapa midiático que estamos construindo com a ALBA Movimentos, um dos eixos do nosso trabalho é a batalha cultural ideológica e a descolonização” (ABREGU, 2024).

Nesse eixo de trabalho, o movimento busca estabelecer uma comunicação que se soma à luta maior, não só do ponto de vista operacional, de escrever notícias e de contar o que está acontecendo nos movimentos, mas também da disputa contra-hegemônica, de desvendar os discursos de ultra-direita, pois, segundo Florencia, agregar os meios de comunicação popular é estratégico para a luta anti-imperialista; ou seja, não é só a possibilidade de mostrar o que a ALBA Movimentos faz, mas é uma estratégia que vai contribuir para alcançar o sonho que Fidel, Chaves e que Che Guevara propuseram. Por isso, para Florencia, não se pode deixar de lado os meios de comunicação, porque eles são fundamentais para a luta, não só por possibilitarem escrever, contar histórias e notícias, mas também por construir instâncias de formação, pois a comunicação popular “nos permite chegar à base, à base militante” (ABREGU, 2024).

Para atingir seus propósitos, além do Instagram a ALBA Movimentos utiliza diversas outras redes sociais; porém, também por depender do acesso à tecnologia, muitas vezes as comunidades campesinas e indígenas, ou regiões periféricas da cidade, acabam não incluídas. Por isso, de acordo com Florencia, para atingir essa população - principalmente, a campesina que é a base da ALBA Movimentos - são utilizadas rádios populares ou outros meios de comunicação para disseminar as discussões para que todos tenham acesso às informações.

No *Congreso de Los Pueblos* a comunicação se dá, segundo Julian Alvaran (2023), também por meios de um jornal físico que é entregue diretamente nas comunidades do campo e nos bairros; além disso, também se utilizam rádios comunitárias com emissoras regionais, além de ações mais específicas “com os megafones e os jornais murais [...], além de todo o tema gráfico, dos grafiteiros, dos cartazes, que está muito ativo hoje em dia”. Apesar disso, para Alvaran, essas alternativas precisam ser ampliadas, inclusive, com o desenvolvimento de pesquisas

(como essa nossa) que possam contribuir de forma positiva para o movimento: “esse estudo que você pretende realizar, é muito importante no sentido que também nos leve a racionalizar melhor o que estamos fazendo”. (ALVARAN, 2023).

Portanto, quando falamos nessa forma de comunicação, estamos falando da luta dos movimentos populares, das diversas formas de organização e de mobilização da sociedade que buscam uma ferramenta acessível para transmissão de sua luta, voltadas para um processo de mudança social. Partindo dessa premissa, a comunicação popular está relacionada com a ação como um todo, com a luta travada e os meios necessários para difundi-la. Precisamos compreender a comunicação popular como um conjunto de práticas políticas e sociais e, nesse contexto, o Instagram pode ser considerado um dos meios para a prática da comunicação popular.

> Nas práticas sociais, os processos comunicacionais são holísticos. Não se dissociam de mobilizações mais amplas e podem assumir um hibridismo de linguagem, finalidades, formatos, conteúdos e práticas de produção. Os elementos principais que caracterizam a comunicação como popular, comunitária e/ou alternativa estão no processo, nas práticas sociais, nas relações que se estabelecem, e não no tipo de veículo utilizado, nem em outra característica qualquer (linguagem, propriedade, formato) tomada isoladamente. (PERUZZO, 2009, p.140)

A partir dessa perspectiva, Peruzzo (2009) nos leva à reflexão de que não basta apenas criar canais de comunicação, é preciso criar a participação popular e, para isso, é preciso um grande trabalho político para além das redes sociais que, posteriormente, será um dos veículos de comunicação utilizado para informar, formar e comunicar sob uma perspectiva crítica e participativa. Portanto, quando analisamos as postagens feitas pelos movimentos é possível identificar o caráter e a perspectiva da produção de uma comunicação popular, visto que, para os movimentos, essa é uma das principais ferramentas que possuem para difundir sua luta, frente ao poder das mídias tradicionais, se tornando um processo não só comunicativo, mas pedagógico, que leva à organização e formação política dos participantes e, nesse contexto, as redes sociais acabam sendo uma forma de compartilhar processos e experiências e, principalmente, uma forma de articulação entre as diversas organizações do movimento popular.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão acerca dos movimentos sociais na atualidade passa diretamente pela comunicação que se constitui, de fato, como uma decisiva ferramenta de difusão das reivindicações e dos objetivos das organizações políticas a partir de uma concepção de comunicação popular. Por outro lado, toda a "indústria da comunicação", concebida como "grande mídia", possui uma grande influência dos Estados Unidos, na medida em que, a partir de uma visão colonialista, impõe sua política de dominação sobre os povos latino-americanos, baseada na desvalorização dos saberes ancestrais, bem como na difusão de um modo de vida americano, que massacra a cultura popular e promove golpes de Estado visando a manutenção de um sistema de exploração e de dependência.

A partir de todos os fatores analisados percebemos a necessidade de romper com o padrão de consolidação das mídias hegemônicas e ir contra a corrente, pensando a comunicação sob uma nova perspectiva, uma perspectiva autóctone, construída no seio das reivindicações políticas; estamos nos referindo à comunicação popular.

E, por isso, a comunicação tem profunda ligação com os movimentos sociais, se tornando uma ferramenta importante para o protagonismo social, principalmente, para a integração latino-americana por meio da transmissão do conhecimento verdadeiro da nossa história, de nossa importância enquanto continente, de nossa pluralidade cultural e étnica, da trajetória política de resistência e criatividade em construir uma realidade, baseada no que somos, sentimos e vivemos.

Portanto, acreditamos na importância e na responsabilidade que possuímos de construir uma comunicação que expresse a luta de classe dos trabalhadores das fábricas e do campo, travada por essa terra que luta e sangra todos os dias para continuar existindo nesse sistema de dominação. É preciso mostrar a força que os movimentos têm por meio dos processos de integração e de organização em prol de suas lutas e de suas vozes, para que todas e todos sejam ouvidos e estejam plenamente na esfera pública gerando debates, trocas e conhecimento na construção da comunicação popular nos movimentos sociais da América Latina.

## REFERÊNCIAS


ABREGU, Florencia. Entrevista concedida à autora, 2024.

ADORNO, Theodor W. O fetichismo na música e a regressão da audição. *In*: **Os Pensadores**: Horkheimer e Adorno, Nova Cultural, São Paulo, p.77-105, 1991.

ALBA MOVIMENTOS. **Bases para la unidad em lucha de nuestra América [Cartilha]**, abril 2022.

ALVARAN, Julian. Entrevista concedida à autora, 2023.

BARBOSA, Marialva Carlos. Comunicação e história: confluências. **Interin**, v.24, n.2, 2019. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/5044/504459802002/html/.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Dialética do engajamento: uma contribuição crítica ao conceito. **Matrizes**, São Paulo, v.14, n.1, 2020, p.193-220.

BERGQUIST, **Los trabajadores en la historia latinoamericana**. Colombia: Siglo veintiuno editores, 1988.

BRADLEY, Jana. Methodological issues and practices in qualitative research. **Library Quarterly**, v.63, n.4, p.431-449, Oct. 1993.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. Movimentos sociais na América Latina. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.1, n.3, 1987. Disponível em: https://anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_03/rbcs03_02.htm.

CARTILHA CONGRESO DE LOS PUEBLOS, 2021.

CARVALHO, Annelise Gomes de. **O 9 de abril de 1948**: tragédia política e motim urbano na Colômbia. 2017. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo. 2016.

DAVIS, Ângela. Entrevista realizada na Universidade Federal da Bahia, 2017.

DOXSEY J. R.; DE RIZ, J. **Metodologia da pesquisa científica**. ESAB - Escola Superior Aberta do Brasil, 2002-2003. Apostila.

DUARTE, Mel. **Não desiste**. Audácia, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.melduartepoesia.com.br/videos. Acesso em: 09 de outubro de 2020.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FUSER, Bruno. **Comunicação para a cidadania**: caminhos e impasse. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

GALVÃO, Andréia. Marxismo e movimentos sociais. **Crítica Marxista**, n.32, p.107-126, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Abordagens teóricas no estudo dos movimentos sociais na América Latina. **Cadernos CRH**, Salvador, v.21, n.4, p. 439-455, set/dez. 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações no Brasil contemporâneo**. 2.ed., Petrópolis: Vozes, 2010.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Abya Yala.** 2009. Disponível em: http://iela.ufsc.br/povos-origin%C3%A1rios/abya-yala. Acesso em: 09 de outubro de 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano**. Rio de Janeiro: Zahar. 2020.

HABERMAS, Jürgen. **A modernidade: um projeto inacabado?**. Frankfurt: Prêmio Adorno, 1980.

HARNECKER, Marta. **Um mundo a construir**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo. 2020.

LÖWY, Michel. **O marxismo na América Latina**: uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

MANCE, Euclides André. **II Encontro - Documento de Taboão da Serra**, julho de 1980.

MANCE, Euclides André. https://euclidesmance.net/docs/movpop.pdf.

MANCE, Euclides André. **O papel estratégico do movimento popular para a democracia popular**: o aprendizado dos anos 80 e 90. IFiL, Curitiba, ago.2007. Disponível em: http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/movpop.pdf.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Princípios programáticos do Partido Socialista. In: BELLOTO, Manoel L.; CORRÊA, Anna Maria M. (Org.). **Mariátegui**: Política. São Paulo: Ática, 1982.

MARIN, Carlos Mario. Entrevista concedida à autora, 2023.

MARTINS, Helena. **Comunicação em tempos de crise:** economia e política. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

MIANI, Rozinaldo Antonio; FREGONESI, Ludmilla Andrade. A política de comunicação como fator de organização e mobilização dos movimentos sociais e populares. *In*: FUSER, Bruno (Org.). **Comunicação para a cidadania**: caminhos e impasses. Rio de Janeiro: E-papers, 2008, p.53-63.

OLIVEIRA, Emanuella; MARTINS, Monica. Atuação de Manuela Sáenz na Guerra de Libertação da Grã-Colômbia no século XIX. **Rev. Bra. Est. Def.** v. 3, nº 1, jan./jun. 2016, p. 153-173.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro, Mauad, 1998.

PELOSO, Ranulfo**. Trabalho de base.** Expressão Popular, São Paulo, 2014.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Comunicação popular, comunitária e clternativa na era digital: entre utopias freireanas e distopias. **Media & Jornalismo**, v.23, n.42, p.23-38, 2023.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Galáxia**, v.17, p.131-146, 2009.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Relações públicas no modo de produção capitalista**. São Paulo: Cortez, 1982.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017.

RODRIGUES, Vera. Simbioses de um conflito: desplazamiento e identidade negra na Colômbia. **Revista CS**, v.12, p.129-156, 2013.

RODRIGUEZ, Simón. **Bolivar contra Bolivar**. Venezuela: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2019.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros:** identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

VEGA, Renan. **Colômbia é base operacional dos EUA. Desafio de Petro é mudar isso**. [Entrevista concedida a] Caio Teixeira. Vermelho, Brasília, Maio, 2022.

## ANEXOS

Florencia Abregu. Entrevista realizada dia 20 de Março de 2024

**ENTREVISTA: FLORENCIA ABREGU - SECRETÁRIA OPERATIVA DA ALBA MOVIMIENTOS**

**Quais são as principais formas de luta do movimento?**

A Alba é na verdade uma plataforma continental que reúne mais de 200 organizações em todo o continente na América Latina e no Caribe e chamamos de plano de trabalho, que tem diferentes eixos de trabalho que estão baseados na luta de movimentos populares que integramos, além do mais em olhar antiimperialista, sobre a resistência contra o imperialismo Norte Americano, Alba nasce no ano de 2013 em Belém do Pará no Brasil, quando uma carta é assinada com todos os movimentos popular, Alba nasceu a pedido do Comandante Chaves na verdade porque a Alba TCP já existia como articuladora do países da região para poder trabalhar na moeda regional, naquele momento a discussão era poder unir todas as forças da América Latina e do Caribe para a construção deste moeda, como existe uma Alba de governos com o sonho de uma Pátria Grande, naquela época havia uma integração regional que estava sendo possível levar adiante; Chaves propõe para o movimentos popular também ter a articulação continental, então, um pequeno grupo de companheiros e companheiras, muito pequeno, naquela época éramos 5 ou 6, um colega nosso daqui da Argentina, outro de Cuba, uma do Brasil começa a viajar pelo continente para bater de porta em porta de todos as organizações para construir a articulação e, com muitos dificuldades sobre tudo econômica, não é simples para os movimentos populares assegurar a estrutura que exige uma integração regional, que seja capaz de financiar nossas lutas porque precisamos de dinheiro para poder sustentá-la, bem, nesse momento nossos companheiros saíram para percorrer toda a América Latina e foram somando diferente movimentos populares. Isso era no ano de 2013, e a partir desse momento inicia-se um processo organizacional de aprofundamento dos debates, é realizada a primeira assembleia continental no ano seguinte, quando todos os movimentos começam a se reunir para

poder construir o plano de trabalho. Existem vários eixos de trabalho, são eles 6 eixos de trabalho que tem a ver com a batalha cultural ideológica, a luta antiimperialista, também com o projeto de economias regionais que possam sustentar a construção desta moeda regional, é um resultado que ainda segue pendente, mas bom, com o correr dos anos e o avanço da direita a nível continental, é um dos eixos de trabalho que mais custa, então nosso plano é baseado nessas lutas, acima de tudo, também devido ao forte enraizamento na ruralidade, as primeiras organizações que integraram os movimentos da Alba eram organizações camponesas, havia os companheiros do MST, que é a organização que mais promoveu esse processo e que para nós é um farol sobre todos, porque é o movimento popular mais grande de toda América latina nesse momento, ao mesmo tempo a Via Campesina, a CUC na Guatemala, os companheiros e companheiras das organizações camponesas da Colômbia, com forte raízes daquele sujeito e daquele trabalhador do campo, e isso é importante porque depois, bem, estamos num momento de grande refluxo do campo popular então sempre é importante lembrar qual são as bases de nosso lutas e como tudo começa, porque agora há algumas análises muito negativas de como se configura a esquerda ou esses projetos mais progressistas, muitas vezes não falam com o trabalhador e com a trabalhadora, e falam de uma forma muito acadêmica. de estudantes universitários, para brancos, para pessoas aptas digamos, e é necessário colocar isso em discussão, tem que colocar bastante em discussão.

**Como a Alba trabalha com os movimentos sociais associados?**

Temos várias instâncias orgânicas, uma deles é nossa coordenação política que é composto por todas as organizações, ou seja, há um delegado e uma delegada de cada organização que integra a Alba Movimentos representando seu país. Cada capítulo da Alba está composta por capítulos, cada capítulo é um país, e ao mesmo tempo esse capítulo está composto por muitas organizações daquele país, no caso do Brasil, por exemplo, existem várias organizações, têm o MST, o Levante, os companheiros do MTD, quer dizer, tem muitas organizações, a Marcha Mundial das Mulheres que são do Brasil, todas essas organizações se reúnem, constroem o capítulo e então esse capítulo tem um delegado e uma delegada na coordenação política de Alba. Depois temos outra instância que é a secretária operacional, nossa

tarefa é operacionalizar tudo o que surge na coordenação política, e se discutir lá para executar projetos, para executar as assembleias, nossas reuniões, as iniciativas, as campanhas, as atividades, digamos que tudo é executado da secretária e aí temos duas instâncias muito importantes, que são as assembleias, temos uma assembleia de coordenação política que fazemos todos os anos, uma assembleia continental de coordenação política e a assembleia continental da Alba, que é uma ampla assembleia que acontece a cada quatro anos e reúne a coordenação política e também a outras organizações e movimentos que estão dentro nosso, digamos militante e que talvez não fazem parte da Alba, mas seu país dão muitas contribuições, também queremos que eles se juntem à Alba, digamos então que a instância de assembleia seja ampla, aberta e realizada a cada quatro anos.

**Como se produz a construção do internacionalismo?**

O internacionalismo para as organizações que fazem parte de Alba é o nosso manifesto fundacional, somos internacionalistas porque assim quis Che Guevara (risos), além do mais é papel da nossa construção política ser internacionalistas, para nós é ideológico, é político e se não houver luta internacionalista e impulsionada pela solidariedade, que é valor que mais fortalece toda nossa articulação. Não seria possível, digamos, nós não podemos pensar em política de forma encapsulada, apenas o que acontece em nosso país e se enraizar nessa realidade, porque a geopolítica termina depois, Bem tem bastante incidência na realidade nacional, portanto, o internacionalismo para nós é muito importante para as organizações da Alba, às vezes custa muito porque a realidade da situação nacional e as coisas que acontecem nos nossos países são avassaladores e exigem uma demanda muito grande do corpo todos os dias, então, às vezes, parece que nas agendas políticas sobre cada um dos nossos movimentos, é difícil colocar a questão do internacionalismo quando há tantas coisas acontecendo que absorvem completamente o nosso dia, mas aí estamos travando essa luta e é por isso que também existem movimentos na Alba, para que as discussões que ocorrem na articulação possamos transferi-las para as nossas organizações e torná-las parte, e não apenas das discussões políticas do âmbito programático, mas também ter a escola por exemplo, Alba movimentos junta todos as escolas da formação política,

da formação popular e da educação popular do continente, então para nós, Alba é um apoio muito grande na formação. Existem instâncias formativas que são propostas por Alba Movimentos e as organizações, nós executamos e levamos adiante como uma tarefa militante porque nos fortalece, porque acreditamos que a formação é fundamental para a nossa militância, o mesmo também acontece com a rede de mídias alternativas e populares que fazem parte da articulação, embora nossas organizações sejam aliadas de nossas lutas, muitas não tem a capacidade de ter nossos próprios meios de comunicação, então apoiamos a Alba Movimentos, isso também acontece com nossos projetos, por exemplo, intercâmbio entre a economia popular,  ano passado nós da federação com os colegas do MST pode fazer nossa primeira troca de mercadorias entre duas cooperativas, e é possível dizer que não é que precisamos trabalhar com uma multinacional para podermos comercializar nossos alimentos, aqui na Argentina se produz azeitonas, pegamos azeite e azeitonas e fomos para o Brasil com 300 quilos de mercadoria para a feira da reforma agrária, e lá levamos 300 quilos de café por por exemplo, o café não é produzido na Argentina, e para nós é muito valioso alianças de economias regional, se dão para a Alba Movimentos, se a gente não formar parte de uma articulação, talvez não tenhamos a chance de conhecer muitos organizações e levar adiante esse tipo de projeto.

**Como a comunicação popular contribui na batalha de ideias frente a mídia hegemônica?**

Bom, acho que o que temos feito, primeiro acho que um dos pontos mais importantes do fortalecimento de como se dá essa disputa de sentido comum a partir dos meios de comunicação alternativos e popular que nós organizações somos a fonte desses meios. No caso desse mapa midiático que estamos construindo com a Alba Movimentos, um dos eixos do nosso trabalho é a batalha cultural ideológica e a descolonização, então nesse eixo de trabalho estamos fortalecendo esse caminho, buscando meios de comunicação que se somem a essa luta, mas não só do ponto de vista operacional, de escrever notícias e contar o que está acontecendo nos nossos movimentos, mas também da disputa contra-hegemônica, de desvendar esses discursos de ultra-direita, estratégias, para a gente poder se unir e agregar os meios de comunicação popular é estratégico para a luta anti-imperialista, não é só a

possibilidade de mostrar o que a gente faz, mas é uma estratégia que vai contribuir para que a gente possa finalmente alcançar o sonho que o Fidel nos propôs, que o Chaves e o Che Guevara nos propuseram e juntar a construção desse novo homem e dessa nova mulher, e a gente não pode deixar de lado os meios de comunicação porque eles são fundamentais para a luta, digamos assim, não só a possibilidade de escrever e contar histórias e contar nossas notícias, mas também construir essas instâncias de formação, isso também acontece muito com a comunicação popular que nos permite chegar à base, à base militante, e aqui essa questão da estratégia tem a ver com pensar que a maioria das organizações na Alba são camponesas, os camponeses não usam a internet, existe aí uma lacuna digital enorme que ainda não foi superada, também não existe nenhuma política nos países da América Latina, nenhuma política de Estado que garanta o acesso a essas novas tecnologias para o setor camponês, então aí os meios de comunicação são os meios populares que estão aí, a gente faz um podcast, a gente faz um áudio whatsapp, então a gente está reconfigurando essas estratégias para que todos os companheiros saibam o que está acontecendo e essa discussão aparece muito em todas as nossas assembleias, na última assembleia continental a gente esteve com um companheiro do Equador que faz parte do movimento e que é membro do movimento. Ele é membro de uma assembleia, é um colega político camponês e a sua declaração foi muito forte sobre esta questão, porque também disse que temos de rever o que está a acontecer com as novas tecnologias, porque hoje em dia estas novas direitas, estes discursos fascistas de extrema-direita, estão a utilizar o twitter, estão a usar os meios digitais para poderem impermeabilizar toda a sociedade e ter mais alcance, aqui na Argentina, infelizmente, temos um presidente agora, Milei, que só trabalha no twitter, o tipo retweeta mais de três mil tweets por dia, está lá o tempo todo e a sua campanha e a sua audiência foram construídas, os seus seguidores foram construídos através do twitter, não podemos tirá-lo da nossa análise da questão das novas tecnologias, mas há também outra realidade dos nossos camaradas camponeses e das nossas bases que fazem parte dos nossos movimentos populares, não somos todos activistas universitários, somos camaradas com um grande número de camaradas de base que não sabem ler ou escrever, por exemplo, que não são alfabetizados e não podemos ir ensiná-los, é lindo o panfleto que carregamos no instagram ou o vídeo ou o reels, toda esta produção de material, mas

não chega aos nossos camaradas, digamos às bases, não chega a eles, por isso há uma discussão para nós sobre como podemos reconfigurar a nossa estratégia para que os nossos camaradas saibam o que se está a passar, que possibilidades têm, quais são os seus direitos, Também fizemos um podcast no ano passado, por exemplo, chamado "sustentar a crise", são oito capítulos, é um programa curto, mas eram oito capítulos de um podcast sobre a perspectiva de gênero para as mulheres camponesas, estabelecemos uma ligação com organizações agrárias aqui na Argentina e as mulheres ficaram contentes porque podíamos descarregá-lo e circulá-lo por whatsapp, ou seja, podiam ouvir o áudio por whatsapp, e como não sabem ler nem escrever tudo temos que enviar em áudio, enviamos um comunicado por exemplo, em Alba Movimientos fazemos muitos comunicados todos os dias, bem há camaradas que não sabem ler, ou seja não recebem o whatsapp se o recebem por whatsapp mas não entendem do que se trata então têm que o ler, Nós lemo-los e fazemo-los circular por áudio e é aí que está a disputa, digamos que é aí que está a importância dos nossos meios de comunicação populares, porque é uma estação de rádio no meio de qualquer cidade pequena, porque é um jornal muito pequeno que tem uma tiragem pequena mas é local, digamos num município num distrito onde as notícias locais são talvez muito importantes, por isso é que os meios de comunicação são importantes, os meios de comunicação social populares e que os protagonistas desses meios de comunicação social populares somos nós, ou seja, os nossos camaradas nos territórios, é isso que é interessante no processo.

**Quais são as ferramentas de comunicação que vocês utilizam?**

Usamos muito o Instagram neste momento porque já identificamos que o nosso público, a nossa militância está no Instagram e também fazemos diferentes medições métricas para saber o que tem mais impacto e também usamos o twitter facebook e o whatsapp, muito whatsapp para partilhar, o telegram também fazemos canais de divulgação do telegram onde a informação circula mas acima de tudo na América do Sul usa-se muito o whatsapp e na Mesoamérica não se usa o Instagram por exemplo, os países do Caribe não usam o Instagram, usam o facebook. Usamos todas as redes, usamos o Youtube, às vezes quando fazemos atividades ou seminários virtuais eles são gravados ou transmitidos no Youtube, portanto usamos todas essas redes, o que não temos ainda são versões impressas de informação, o

mesmo é o Tricontinental, o Tricontinental é um instituto de investigação que faz parte da articulação dos movimentos da Alba e do IP da Assembleia Internacional dos povos e eles fazem produções de cadernos, fazem brochuras, fazem dossiês, fazem parte dessa dinâmica e também imprimem, então na parte mais impressa nós contamos com eles e com as editoras que fazem parte da Alba, bom, Expressão Popular, Batalha de Idéias na Argentina são duas editoras que fazem parte da Alba Movimentos que nascem da Alba e que publicam textos dos nossos companheiros que são mais intelectuais ou que escrevem ou produzem alguns artigos que são publicados lá.

**Sobre o Instagram, como vê o alcance desta rede, tendo em conta que muitas pessoas não têm este acesso, mas também muitos movimentos, muitos jovens estão nesta rede?**

Sim, o Instagram é fundamental, eu diria que de fato quando montamos o calendário temos um calendário, trabalhamos assim, digamos que todas as semanas montamos um calendário de publicações, o Instagram é o que tem maior alcance, Pensamos sempre muito no formato, o nosso público, como a maior parte deles são jovens, é muito útil ter uma publicação em que o título é um gancho ou fazemos algo bastante educativo, por exemplo um carrossel para contar o que aconteceu durante o Caracazo, para contar o que aconteceu com a derrota da Alca e aí contamos o que aconteceu porque também usamos as nossas redes não só para informar o imediato, digamos comunicados de imprensa ou comunicados políticos sobre uma determinada situação, mas também usamos como uma ferramenta educativa porque esses posts que fizemos neste formato mais educativo têm muito alcance. Tiveram muito envolvimento, muito alcance, foram partilhadas muitas vezes, por isso o público do Instagram está muito vivo, por isso funciona muito e também nos permite articular para podermos continuar a construir ligações de comunicação com as equipas de comunicação de outras organizações ou de outras regiões com o secretariado da Alba que nos permite fazer uma ligação com a colam, por exemplo, e publicar ao mesmo tempo, por isso todas as ferramentas tecnológicas como mudam todos os dias têm muitas boas ligações e aí construímos toda esta rede e criamos equipas de trabalho para cada iniciativa ou cada grande atividade, a última foi a de Foz do Iguaçu, o dia latino-americano e caribenho de integração dos povos

levou-nos um ano a trabalhar em toda a estratégia de comunicação nos objetivos políticos da estratégia e também a formar uma equipa, tivemos de reunir uma equipa audiovisual, uma equipa de texto, uma equipa de rede, uma equipa de fotografia e vídeo, éramos uma equipa de comunicação gigante de quase cinquenta pessoas, trabalhamos dois dias seguidos sem parar, trabalhamos durante uma semana inteira a produzir o material, mas foi uma experiência maravilhosa que nos pôs em contacto uns com os outros, permitiu-nos saber como trabalhamos e, depois, foi como abrir diferentes alternativas. Em Foz, por exemplo, conseguimos coordenar com uma equipe de estudantes de cinema da Unila, que para nós é audiovisual, toda a parte audiovisual dentro dos nossos movimentos é fraca porque não temos parceiros que estudem cinema porque são licenciaturas muito caras, ou seja, são licenciaturas que implicam outro tipo de rendimento econômico que os nossos movimentos não têm, a maior parte de nós somos cooperativistas, digamos que somos trabalhadores na fábrica ou na cooperativa e bem, encontramos este grupo de jovens estudantes da Unila que fizeram uns materiais maravilhosos porque são estudantes de cinema, portanto desse encontro na Foz trouxemos algumas propostas que eles começaram a assumir, juntaram-se à campanha de solidariedade para com a Palestina por exemplo e fizeram uns vídeos lindíssimos, portanto isto permite ter uma melhor articulação para que eles saibam o que fazemos nos Movimentos Alba, portanto estamos a trabalhar com diferentes ferramentas, mas a principal hoje são as redes sociais.

**E qual é a importância da comunicação no processo de articulação e mobilização social ?**

A comunicação é fundamental, de fato trabalhamos com três elementos sempre que pensamos em mobilizações, especialmente em processos de mobilização internacional que estão de certa forma ancorados; por exemplo, o dia 30 de março é o Dia da Terra e é também um dia de luta de solidariedade com a Palestina, estamos a organizar uma mobilização mundial, estamos a coordenar tudo isso e a comunicação é fundamental, senão não teríamos como chegar ao Magrebe, por exemplo, com camaradas de outras regiões com quem temos que nos articular e é fundamental porque há aí uma disputa ideológica, porque nós também construímos outros sentidos a partir da nossa linguagem, a linguagem que dizemos também faz

parte da nossa estratégia em Alba Movimientos construímos os nossos próprios símbolos e os nossos próprios signos linguísticos dependendo do que queremos dizer, há palavras que não usamos embora as digamos de uma certa maneira, por exemplo anti-imperialismo é um exemplo que muitas vezes o Instagram e o twitter te proíbem, ou seja te escondem, tu pões anti-imperialismo num título e a tua publicação não aparece em lado nenhum heh, heh, heh, heh, a mesma rede social penaliza-te mas porque o facebook é yankee, e há políticas de privacidade dessas redes e há políticas digamos da execução das mensagens que podem ser transmitidas ou não, que são como mecanismos de sensibilidade, digamos se formos diretos ao assunto; São mecanismos de sensibilidade e nós lutamos contra esses mecanismos porque o Instagram pode esconder uma publicação nossa mas nós já temos o material e vamos fazer circular por outras redes e avisamos aos nossos colegas que isso está acontecendo com o Instagram e porque está acontecendo, digamos por isso que a comunicação é fundamental e também quando trabalhamos com o contrato de imprensa com os meios hegemônicos por exemplo somos muito incisivos como aconteceu agora com a conferência de Foz do Iguaçu houve muita participação dos meios de comunicação mas dos meios de comunicação de massa.nenhum dos meios de comunicação hegemônicos veio fazer a cobertura presencial do evento, mas fizeram cobertura em alguns meios como o globo, saiu alguma cobertura porque havia figuras políticas de referência como a vice-presidenta da Colômbia, Pepe Mujica estava lá, bem frei da CSA estava lá, como havia uma referência, Gleisi Hoffmann do PT estava lá, os meios de comunicação procuram pessoas como aquelas a que chamamos os grandes chefes e as grandes cabeças, pessoas que lideram processos a partir do governo, mas há também toda uma força, todo um trabalho militante por detrás, digamos que somos nós que estamos lá a escrever as farpas, a fazê-las circular por email, a fazê-las circular por todo o lado, a falar com este e com o outro. Eu tive que fazer todo o trabalho de imprensa e nesses dias não parei de falar com os meios de comunicação social, mandei os comunicados de imprensa para mais do que alguns meios de comunicação social, é como se estivéssemos à procura de contactos e com quem falar e bem, isto é um trabalho que tem que ser feito, sinto-me jornalístico, mas também faz parte do trabalho que tem que ser feito, sinto-me jornalístico mas também faz parte do trabalho que tem que ser feito. Também faz

parte da nossa luta e é fundamental se não conseguirmos dar visibilidade ao que fazemos ou tentar colocar estas questões na ordem do dia, é muito difícil e também estamos a lutar contra o sistema capitalista opressor que tem sempre novas formas de se tentar esconder. Os títulos quando têm certas palavras diretamente a publicação é escondida, não se consegue ver, tem de se ir ao site da Alba, não aparece nas páginas dos nossos seguidores, isto acontece-nos a toda a hora, da outra vez por exemplo quando aconteceu na Colômbia, a tentativa de golpe ao Petro.Temos também um blog onde publicamos os comunicados e fica tudo registrado lá porque nos permite divulgar o link e ler as notícias porque isto acontece-nos com as redes sociais porque há muitas penalizações do Instagram para cancelar esse conteúdo e em alguns anos já nos aconteceu, Acho que foi uma publicação sobre a Via Campesina que mostrava animais porque tinha fotos de produtores de ovelhas e cabras e a publicação foi cancelada porque supostamente era abuso de animais, se os fazendeiros criam vacas e as matam e nós as comemos, é muito complexo, é muito complexo, mas estamos lutando contra isso. Todos os dias estamos pensando qual é a melhor forma de distribuir o material, há três elementos para pensar a comunicação da Alba: articulação, distribuição e produção de materiais, e a distribuição é a parte mais complexa.

**Como se desenvolve a comunicação em territórios que não têm tanto acesso aos meios de comunicação digital, como as comunidades indígenas e campesinas?**

Sim, e aí identificamos as necessidades, muitas vezes, por exemplo, acontece-nos com os camaradas da Mesoamérica que o formato digital é inútil, fazemos panfletos, por isso fazemos como fazíamos antes, digamos que agora, por exemplo, aqui na Argentina, os panfletos já não são utilizados, mas aqui na Argentina há zonas onde não há Internet, mas relativamente todas elas estão cobertas graças a uma política estatal que era ligar a igualdade e ligar a rede, que eram políticas do governo kirchnerista que conseguiu dar acesso a todas as comunidades às antenas para poderem ter Internet, depois acontece-nos noutras regiões que, por exemplo, o contacto com os camaradas cubanos já não é utilizado. Noutras regiões que, por exemplo, o contato dos nossos camaradas cubanos, em cuba muitas aplicações estão desatualizadas a única coisa que é utilizada para comunicar via internet é o

Jitsi Meet, temos de fazer uma videochamada para poder incluir os nossos amigos em cuba temos de o fazer via Jitsi Meet, não podemos usar o zoom, não podemos usar o meet, não podemos usar qualquer outra plataforma e circulamos muita informação que fazemos via whatsapp e áudio e parece antiga, mas os dados não são suficientes para descarregar vídeos todos os dias, há muito poucos lugares que têm wifi, não há boa internet onde você pode se conectar e trabalhar com calma, por isso temos muitas dificuldades para se comunicar com Cuba, bem na Venezuela algo semelhante acontece, há áreas onde o wifi funciona quando o contato é mais institucional, digamos, quando os companheiros e companheiras que estão em alguma sala de algum salão do governo e que é claramente um monte de falha wifi, o, no outro dia queríamos fazer uma atividade comunitária, mas não tinham internet na Comuna, então o melhor formato é radial, tem muitas rádios de comunicação popular na região e também na Venezuela eles usam o panfleto, é como se fosse do caribe, digamos que a comunicação de panfletos, eles fazem assembléias lá, a vida da comunidade é bastante dinâmica e eles têm também uma área de comunicação que é a que faz uma assembléia toda semana e lá eles comentam tudo o que aconteceu, tudo o que vai acontecer, actividades e é assim, é oral, é boca a boca.

**E por fim Flor como é para você ser parte da Alba Movimentos?**

Para mim é maravilhoso, às vezes nem acredito, é maravilhoso em termos pessoais por causa da formação política que a plataforma nos dá, a possibilidade de nos encontrarmos com outras organizações, estamos sempre a pensar no que fazer com as iniciativas com vontade de fazer coisas neste contexto que é muito complicado para os movimentos populares, de fato há uma recessão muito grande de militantes, os movimentos populares têm estado em declínio nos últimos dez anos devido ao avanço da direita e porque também perdemos o, não sei se o horizonte, mas tantos anos a querer transformar as coisas e a ver que parece que às vezes não chegamos onde queremos chegar, às vezes cansa-nos muito e dá-nos vontade de parar de procurar basicamente porque às vezes não conseguimos encontrar a saída, o caminho de volta para podermos Eu acho que a Alba, pelo menos para mim, aconteceu com a possibilidade de poder aderir a um projeto coletivo internacional, de perceber que não era só a Argentina que era o problema, que a mesma coisa estava a acontecer no resto dos países da América Latina e das Caraíbas e depois

em termos coletivos os movimentos da Alba é o que fica do legado do Chaves, para além de que o processo na Venezuela está vivo, para mim a Venezuela é o horizonte e é para onde todos os países e todos os governos da América Latina deviam ir, Mas a Alba foi uma tarefa comandada pelo comandante, precisamente por Chaves, e nós assumimo-la pelos movimentos populares e foram os movimentos que foram pioneiros no corpo lá e somos todos trabalhadores nas nossas organizações e para mim isso é muito valioso porque não há o fosso de classe que às vezes acontece com outros estratos ou outras esferas na política onde os códigos são diferentes, mas na Alba podemos ter corpos muito orgânicos e muito democráticos. O nosso mecanismo de assembleias é por excelência, é o melhor, ou seja, fazemos assembleias para tudo, nada é discutido arbitrariamente, essa discussão é coletivizada e para mim essa é a parte mais valiosa do processo e é o que o mantém vivo e esperemos que continuemos neste caminho e que vejamos a Alba por muitos anos, digamos, que continuemos a agregar organizações e que o processo continue a crescer e a crescer. O que há de mais valioso no processo e é isso que o mantém vivo e esperemos que continuemos neste caminho e que a Alba se mantenha por muitos anos, digamos, que as organizações continuem a aderir e que o processo continue a ser reforçado pelo anti-imperialismo, uma vez que as bases mínimas para participar na Alba é ser uma organização anti-imperialista que luta contra os governos norte-americanos que estão por todo o lado, infelizmente, mas esse é o objetivo.

Carlos Mario Marin. Entrevista realizada dia 20 de Abril de 2023

## ENTREVISTA: CARLOS MARIO MARIN - ARTICULACIÓN CONGRESO DE LOS PUEBLOS

**Quais são as principais formas de luta e o objetivo do movimento?**

O Congreso de Los Pueblos é um movimento social e político, podemos dizer que o objetivo é fazer a articulação dos setores populares de Colômbia e da América Latina, pois possuímos uma visão internacionalista, com fraternidade com os povos do mundo, não só da América Latina, defendemos a causa Palestina, de todos os povos que são oprimidos pelas elites e poderes que se servem das pessoas para acumular riqueza e se impor. Então retomando ao tema, o objetivo é gerar tecido social, gerar a unidade das classes populares em Colômbia e outros lugares do mundo através da solidariedade. Com que objetivo? De buscar mudar a realidade que vivemos, pois é uma realidade difícil para os setores populares que é uma realidade de opressão por parte das elites, dos poderes dominantes. Essa elitização dos setores populares, a unidade de ação, a claridade que tem que ser o resultado da politização e da práxis para modificar a realidade e buscar melhores condições de vida, que é o que a gente chama de vida digna para os setores populares. Assim de forma geral é possível explicar o objetivo do Congreso de los Pueblos. As formas de luta são muitas, a primeira parte é gerar unidade e consciência nos setores populares, que por afinidades territoriais ou setoriais ou de identidade de gênero, ou de luta feminista, ou dos setores campesinos, artísticos e qualquer tipo de expressão, onde se possa gerar unidade dos setores populares, fazem parte dessa forma de luta, também se encontra por suposto a formação política, estudo, a formação acadêmica, a formação empírica que por exemplo, do campesinato de nossos países, que não tiveram tanto acesso a educação formal, mas através de seu trabalho, da prática também fazem uso do método cientifico, Porque trabalham, porque testam, porque observam, escrevem, é dizer fazem o exercício de erro e acerto até que consigam entender como funciona a terra, como são as relações do meio ambiente com o ser humanos, e vice versa. Para poder digamos, ter uma relação com a terra onde essa simbiose, onde a terra provê o alimento, provê a

água, prove a natureza, provê o que é bonito dos animais, das aves e das plantas. Mas como se retribui isso que a terra dá, como retribuímos? então está a parte da educação, está a parte da comunicação popular também, uma forma de luta, porque precisamos mostrar o que os setores populares fazem, que também é totalmente válido, fazemos parte da sociedade, e nesse caso da sociedade colombiana. A arte não pode estar por fora, porque a arte faz parte dessa ciência do ser humano, tem algo que me parece muito bonito ressaltar, é o que agente chama de “panela comunitária”, como é compartilhar o alimento, fazer o alimento para as equipes, para os setores que se unificam, porque entendemos que ao redor da panela, do fogo, da comida se foi integrando a sociedade desde o tempo primitivo até a atualidade, e a partir dessa unidade através da comida, da panela e do fogo se dá a conversa e se tecem as confianças, se tecem os carinhos, então isso também faz parte dessas formas de luta e é uma coisa que praticamos muito.

**No que consiste o Plano de Vida Digna Nacional?**

O Plano Nacional de Vida Digna é precisamente essa articulação de conhecimento, de experiências de tradições, de vivências que desde os territórios vamos moldando quando fazemos os encontros de caráter nacional, quando fazemos encontros setoriais e demais, recorrendo todas essas vivências tratando de sistematizá-las para poder gerar precisamente esse conhecimento, de devolver ou compartilhar com outros setores populacionais, com outras regiões, tudo isso com o fim, precisamente de ter claridade de quais são os objetivos, de quais setores populares temos para fazer um trabalho muito mais articulado, mais claro e mais decidido. Tentando exatamente isso, mudar a realidade, modificá-la para buscar com isso a vida digna.

**Como é o processo de construção e a proposta de uma plataforma de mobilização e ação no país?**

Bom, enquanto a essa plataforma de mobilização, e demais, é precisamente isso, a partir dos movimentos de caráter nacional, por exemplo, o movimento campesino, movimento trabalhador e movimento sindical, também existe expressões territoriais, processos que são muito dos territórios, então encontrando os pontos comuns, o que nos une, ali começamos a gerar essa sinergia e começamos a gerar precisamente essa mobilização que nos leva a andar pelo país, andar pelos

territórios, mas também nos leva por exemplo a fazer parte da luta sindical, da luta dos trabalhadores, também das lutas políticas que estão ligadas às eleições, que não é uma ideia unificada, mas é a vontade de muitos setores que participam do Congreso de Los Pueblos, porque entendemos que também dentro da institucionalidade é preciso disputar espaços de poder, para poder precisamente, modificar algumas condições. E isso articulamos com a mobilização na rua, com a mobilização das consciências que tem a ver com a arte, a formação, com a educação, então gostamos do slogan que nós temos “um pé na institucionalidade e milhares nas ruas”, acreditamos que são sinergias que não são espaços de disputas que são divergentes, mas o contrário, convergem para poder fazer parte de várias expressões da sociedade colombiana.

**Estão presentes em outros países?**

Sim, claro! Estamos em outros lugares, em outros países, precisamente porque têm migração de nosso povo, nossos companheiros e companheiras, que fazem parte do Congreso de Los Pueblos, que chegam por questões de trabalho, estudo ou inclusive de viagem, de conhecer o mundo, de internacional com outras culturas quando chegam a outros países, então também continua com a construção do Congreso de Los Pueblos e por suposto conhecemos muitos setores Argentinos, Centro Americanos, Brasileiros, Espanhóis, bom tem europeus em várias partes e muitos estrangeiros conhecem nossa proposta, nossa forma de construir e de dar a disputa com movimentos sociais político como classe popular, pois coincidem com a gente e também se integram a esta proposta de vida digna.

**O movimento utiliza alguma ferramenta de comunicação e como as utilizam?**

Utilizamos na comunicação diferentes mecanismos sempre é muito característico os cartazes e os tecidos, sobretudo desenhadas com uma iconografia muito própria nossa dos setores populares, campesinos e trabalhador, que temos todos os antecedentes de luta então há uma iconografia que vai muito atada ao que é a pintura ao que é a ceiligrafia e as diferentes formas de replicar imagens, que mostram nossa realidade e que mostram nossas bandeiras de luta, então nós a utilizamos. Por suposto que as redes sociais são extremamente necessárias, entendemos o mundo que estamos, evoluímos com os tempos, porque também

evolui as gerações que vão se vinculando ao Congreso de Los Pueblos, então as redes sociais são fundamentais, a comunicação popular como já havíamos falado, melhoramos e avançamos muito na qualidade de produção audiovisual, na fotografia, fundando meios populares e alternativos que fazem parte de todas essas ferramentas da comunicação.

**Qual a importância da comunicação no processo de articulação e mobilização social?**

A importância da comunicação é clara: fundamental. Porque os meios de comunicação desde a invenção da impressão sempre foi publicado o que o dono da gráfica, do meio de comunicação quer, para defender seus interesses e demonstrar suas posturas, com isso através do desenvolvimento desse processo comunicativo foi se concentrado precisamente nas elites, então é totalmente necessário que a gente tenha nossos próprios meios de comunicação para mostrar a realidade dos setores populares. E essa é uma forma de entender que a gente também tem coisas que dizer e mostrar, e que nossas expressões em todos os âmbitos são totalmente válidas porque fazemos parte dessa humanidade, e fazemos parte dessa sociedade colombiana latino-americana.

**Como se desenvolve a comunicação em territórios que não tem tanto acesso aos meios digitais, como as comunidades indígenas e campesinas?**

E é assim então que na sede há mais de dez anos foi se fundando meios alternativos não só na cidade, nas universidades e nos colégios, nos setores sindicais e trabalhistas. Se não também nos setores campesinos, e cada meio desses por suposto tem uma impressão muito própria dependendo do setor do qual se originam.

**E finalmente, como é para você fazer parte do Congreso de Los Pueblos?**

Bom, para mim ser parte do Congreso de Los Pueblos foi uma epifania, porque foi entender, sobretudo aceitar, certo? esse sentimento que a gente sempre leva dentro, desde muito pequeno e diz “faço parte desse setor, dessa família, desse setor campesino, meu avós e meus pais foram campesinos e trabalhadores, sindicalistas, eu também sou. Não é um assunto pejorativo que vai dar vergonha,

como tentaram impor desde a infância, mas é o contrário, é algo que nos enche de orgulho porque fazemos parte desse mundo e entendemos que somos dessa classe social, a classe popular que é a que finalmente tem carregado o mundo o desenvolvimento da humanidade, o desenvolvimento de nossa sociedade. Então essa epifania consiste nisto, em entender o valioso que somos e isso se deu em meu caso, de uma maneira muito forte e contundente fazer parte do Congreso de Los Pueblos, em outros momentos tive a oportunidade de ter diferentes responsabilidades de direção, e em processos locais e nacionais, e também isso me ensinou muito, me permitiu viajar o país e conhecer as realidades dos territórios, das comunidades mais abandonadas do que conhecemos hoje em dia como a Colômbia profunda, mas também ver a generosidade dessas pessoas que vivem na Colômbia profunda, nos territórios mais afastados, mas muitas vezes na mesma cidade que não conhecemos também. E ver como as pessoas apesar das adversidades se juntam para resolver seus problemas, como são generosas, como são criativas, como são felizes apesar dessas adversidades, sempre procurando precisamente condições para ter vida digna. Então creio que a palavra chave para definir para mim o que é ser parte do Congreso de Los Pueblos é precisamente isso, uma epifania.

Julian Alvaran. Entrevista realizada no dia 21 de Abril de 2023.

**ENTREVISTA JULIAN ALVARAN - COMUNICACIÓN POPULAR DE PERIFERIA PRENSA**

Boa tarde meu nome é Julian Alvaran, faço parte da corporação Periferia Prensa Alternativa, é uma corporação onde trabalhamos o tema da comunicação popular aqui na Colômbia, temos o jornal que se chama Periferia Prensa Alternativa o qual é de publicação mensal, o jornal é publicado por meio digital, assim como impresso. Periferia faz parte do movimento social e político chamado Congreso de los Pueblos de extração nacional, e temos desenvolvido encontros a nível internacional assim como em nossa América os quais chamamos de capítulos, dentro do Congreso de los Pueblos eu faço parte da equipe da direção nacional, somos chamados de vocerias!

**Quais são as principais formas de luta e o objetivo do movimento?**

Bom, o Congreso de Los Pueblos nasceu no ano 2010 como um exercício de articulação entre forças das organizações sociais e políticas, as quais estão articuladas e espalhadas em todo o território nacional, com o propósito de reconstruir uma legislação popular que chamamos de mandato desde os territórios. O Congreso de Los Pueblos faz uma análise sobre a existência do Congresso da República como sendo um congresso integrado por políticos e políticas ao serviço dos interesses dos grandes conglomerados econômicos, das oligarquias do país, então a conclusão que o Congreso de Los Pueblos tirou foi que desse congresso não teria como sair uma legislação em favor dos povos, nesse sentido recolhendo a reclamação, indignação e luta das comunidades afro, camponesa, mulheres, população urbana, trabalhadores e trabalhadoras, juventude. Dentro dessa diversidade do movimento social foi que a gente se encontrou no Congreso de Los Pueblos, este tem sido um processo que tem passado por mudanças na sua composição ao longo destes quase 13 anos, desde seu nascimento em outubro de 2010, mas, que na sua essência mantém o propósito no qual consiste em avançar num país que possa brindar vida digna, o qual seria suportado na construção de

poder popular, onde os povos sejam os que organizemos e possamos definir política econômica, social, cultural, ideologicamente como organizarmos, e definimos nossos destinos, esse é nosso propósito como Congreso de Los Pueblos numa perspectiva claramente anticapitalista, temos uma perspectiva de uma sociedade que procura superar o capitalismo dentro da luta de classes imposta pelos que estão acima, esse é nosso propósito a legislação popular, a construção de mandatos que nos permitam exercer poder popular e avançar para a formação de uma sociedade diferente, superadora do capitalismo.

**Em que consiste o Plano de Vida Digna Nacional?**

O que nós temos feito ao longo destes anos é impulsionar o que chamamos de um plano de vida digna nacional, que seja precisamente a proposta programática política das organizações sociais, agrupados no Congreso de Los Pueblos para a vida digna no país, queremos uma sociedade onde o camponês não só tenha acesso a terra, mas também possa definir como organiza seu território igual a população urbana, queremos um país onde a classe trabalhadora não tenha que encher o bolso com a mais valia gerada a uns poucos, mas que também garantisse a existência justa em termos de ingressos, em termos de condições de saúde, educação, moradia, lazer etc., um país onde possamos realmente avançar para uma sociedade em paz, com justiça social, quero dizer a aposta por um plano de vida digna nacional está encaminhado para mudar aquela causas estruturais que tem gerado um conflito armado e histórico no país, as quais têm raízes históricas precisamente pela exclusão, a desigualdade, iniquidade e que enquanto essas causas históricas não forem superadas, dificilmente o conflito armado que temos vivido por mais de seis décadas não terá como se deter, então o plano nacional de vida digna realmente se encaminha para construir uma vida digna suportada na possibilidade de uma paz real, diferente do que aqui na Colômbia é chamado de paz total, nossa luta é mais por uma paz que seja encaminhada a solucionar os fatores que geram a injustiça, a desigualdade e a miséria no nosso pais, isso em essência.

**Como é o processo de construção e proposta de uma plataforma de mobilização e ação no país?**

o Congreso de Los Pueblos se entende precisamente como uma expressão do movimento social e político colombiano, existem muitas outras expressões do movimento social e político, em seu momento o Congreso de Los Pueblos tem recolhido muito mais expressões das que hoje em dia recolhe, isso é uma realidade, e como Congreso de Los Pueblos nos entendemos como uma expressão do movimento social e político, então nossa aposta e por tecer com outras e outros setores do movimento social, um movimento social e político muito mais convergente, muito mais amplo, que podemos chamar de frente social e política, uma frente ampla das classes populares, podemos chamar de muitas formas, com esse propósito o Congreso de Los Pueblos participamos em uma quantidade de cenários de convergência e articulação, na busca de nos juntarmos desde a unidade da ação, mas, também estar juntos desde uma unidade mais programática de propostas. Agora o Congreso de Los Pueblos como movimento social e político vai constituindo com as suas próprias formas organizativas, o CP tem sua máxima instância na coordenação política nacional, onde a gente se encontra com delegados e delegadas do país inteiro, de todos os processos, onde apresentamos as valorações os balanços as discussões políticas, a tomada de decisões, e também traçamos os planos de trabalho. Também temos uma equipe dinamizadora nacional encarregada de dar dinâmica, ou monitorar o plano de trabalho, temos uma equipe de direção e voz um pouco menor, que tenta puxar de uma forma mais concreta o plano ter uma voz como Congreso de Los Pueblos a nível nacional, também temos comissões de trabalho ou equipe dinâmica por eixos de trabalho por exemplo, temos uma comissão de direitos humanos, temos uma equipe dinamizadora de paz, temos uma equipe dinamizadora de mulheres, temos um processo nacional de comunicações com uma equipe dinamizadora na comunicação, e assim por essa linha de trabalho vamos impulsionando esse tipo de comissões e equipes de trabalho, de acordo as necessidades por uma parte, de acordo a ação política do Congreso de Los Pueblos mas, também de acordo as realidades e condições que vamos tendo para construir, porque essa construção não pode ser de maneira mecânica.

**Vocês estão presentes em outros países?**

Sim, temos companheiros e companheiras militantes do Congreso de Los Pueblos em vários países em nossa América, particularmente na Argentina, Brasil, no México, na Venezuela, e também em alguns países da Europa, sei que na Bélgica, França, Espanha, não saberia falar exatamente em quais outros países, mas sei que existe presença como Congreso de Los Pueblos em outros países da nossa América, também alguns companheiros e companheiras um pouco mais dispersos nos Estados Unidos, e digamos que essa dinâmica internacional tem tido diferentes momentos, já tivemos momentos onde conseguimos capítulos em nossa América, na Europa, as dinâmicas organizativas tem fluxos e refluxos mas, em termos gerais há uma presença nossa não só com companheiros e companheiras que estão em outros países mas, também que atuam desde a perspectiva e as definições políticas do Congreso de Los Pueblos nos outros cenários dos respectivos países, onde estão se somando, por exemplo as lutas e as iniciativas no caso do Brasil, onde tivemos uns níveis de articulação importantes com o Movimento Sem Terra na Escola Florestan Fernandes, por exemplo algumas articulações com o Movimento dos Sem Teto também em alguns momentos, e assim que nos identificamos, e participando de cenários de articulação dos movimentos sociais a nível global como o Alba dos movimentos sociais, como o tela que e um articulador ao redor das lutas pelo direito a cidade em nossa America, assim pelo estilo participamos ou nos articulamos com diferentes iniciativas do campo popular em diferentes lugares do mundo.

**Vocês utilizam alguma ferramenta de comunicação? (como cartazes, revistas, redes sociais). Como as utiliza?**

Sim, digamos que em termos de comunicação que é a ênfase do que procuramos conversar, o Congreso de Los Pueblos teve diferentes momentos frente ao tema de comunicações, entre 2010 e 2014 estivemos muito ativos e ativas numa dinâmica mais em função de articular os diferentes processos, ou as dinâmicas de comunicação dos diferentes processos agrupados no Congreso de Los Pueblos, logo digamos, tivemos outros momentos de baixa na dinâmica da comunicação, e estamos desde o ano 2021 em um novo esforço de articulação ao redor das comunicações, e assim como demos o nascimento, ou mais bem digamos uma

dinâmica de comunicações ao redor do que denominamos, processo nacional de comunicacional do Congreso de Los Pueblos, no qual encontramos as equipes, as pessoa que trabalham a comunicação desde as diferentes organizações que fazem parte do Congreso de Los Pueblos. Nós encontramos meios de comunicação que estamos constituídos como meios de comunicação, assim como companheiros e companheiras que dinamizam o escritório de comunicação do Congreso de Los Pueblos, este esforço de juntarmos como processo nacional de comunicações está direcionado a construir uma estratégia de comunicação do Congreso de Los Pueblos, estratégia que se complementa em um enfoque de comunicação popular, é dizer, construir uma comunicação que seja desenvolvida e voltada pelas comunidades, pelos processos organizativos e demais. Isso na sua essência digamos que é o que nos vimos traçando uma estratégia de comunicação do Congreso de Los Pueblos fortalecermos em termos técnicos e políticos, em termos técnicos para o trabalho de comunicação, e em termos políticos já que tem a ver com todo estes enfoque, nosso enfoque não é necessariamente contra-hegemônico é dizer, nossa aposta não e pretender construir um meio digamos, que principalmente não é como construir um meio que faça oposição aos meios corporativos de direita, mas, não negamos esse esforço, é entendido que esse esforço terá que ser produto de uma articulação com muitos mais processos de fora do Congreso de Los Pueblos, e digamos tido a função de fortalecer internamente a comunicação no Congreso de Los pueblos uma comunicação que permita digamos fortalecer a militância da construção política do Congreso de Los Pueblos, mas que hoje tem um desafio principal que é falar ao país, é dizer que o Congreso de Los Pueblos que tem propostas de pais, que tem uma proposta de país para a vida digna, que tem mandatado sobre paz, educação, sobre o minério energético, sobre anti patriarcado, tenhamos a capacidade de dizer ao país que é o que estamos propondo frente a todo esse tipo de elementos, e que possamos converter o Congreso de Los Pueblos num sujeito mais atuante e mais visível na conjuntura e na dinâmica cotidiana da política nacional, esse é digamos um dos grandes desafios que temos neste momento, e nessa linha podemos dizer que seguimos fortalecendo o processo nacional de comunicações, no que te repito participamos companheiras e companheiros ou processos propriamente que dirigem as comunicações das

organizações que nos articulamos no Congreso de Los Pueblos como meios de comunicação ou que são próximos ao Congreso de Los Pueblos em alguns casos.

**Qual é a importância da comunicação no processo de articulação e mobilização social?**

Essa é uma pergunta muito necessária, e que precisa ser uma reflexão permanente para a gente. Tem vários trabalhadores, acreditamos que a comunicação popular cumpre várias funções juntas, e nos ajuda a potenciar a dinâmica organizativa do movimento, sendo uma perspectiva mais clássica que se inicia com o Leninismo, desde o direcionamento político de Vladimir Lenin, pois a comunicação, ele não fala especificamente sobre a comunicação, mas traduzimos a um olhar mais global da comunicação, tem um papel importante na organização dos povos, e na medida em que as pessoas podem se juntar, se organizam precisamente por conta de suas lutas, suas problemáticas, seus horizontes e comunicá-los, ou seja isso permite um nível de organização, permite construir também definitivamente uma identidade, na medida em que nos reconhecemos dentro dessas lutas e dessas problemáticas e horizontes, dos quais estamos falando. E a comunicação Popular joga e é nossa aposta, pois buscamos que seja hegemônica, é dizer à comunicação pequena, desde as áreas rurais, dos bairros, do povo, da cidade, organizações camponesas, estudantis é fundamental e vai poder contar muito melhor sobre as problemáticas, dar conta muito melhor das problemáticas, dos sonhos, das identidades, dos horizontes e das lutas de cada setor. Coisa que visivelmente um grande meio pode fazer, um grande meio pode abordar temas mais nacionais, mais global, e ter um enfoque efetivamente alternativo, mas, pode ficar curto ao dar conta das identidades mais particulares, e esta aposta por uma comunicação desse tipo nos permite abordar a construção de outros valores, de outras perspectivas de mundo, de humanidade, de construção de sociedade. Em últimas a comunicação joga um papel fundamental na construção de uma nova hegemonia, uma hegemonia que nós no processo nacional de comunicação, chamamos uma hegemonia popular, uma que nos permita posicionar sem um exercício impositivo, acrítico e irreflexão como faz os grandes meios, mas sim, crítico, propositivo, reflexivo e outra visão de mundo, uma visão de mundo que corresponda mais com a realidade do povo trabalhador, do povo que realmente constrói a sociedade diariamente.

**Como se desenvolve a comunicação em territórios que não tem tanto acesso aos meios digitais, como as comunidades indígenas e campesinas?**

Pois veja, uma experiência concreta vem sendo desenvolvida pelos companheiros e companheiras da Coordinación Nacional Agraria, eles tem uma revista, se não me engano de caráter mensal, é digital, mas, ela circula pelo WhatsApp, digamos é certo que nem todos tem acesso as redes, mas é um dos suportes digitais, é o que tem maiores acessos pode ter as pessoas e é mais rápido, mais fácil. Eles têm uma revista que se chama colheita circula precisamente através desse meio, e meios de comunicação como o Periferia, como o Trochando sin fronteras, por exemplo, temos o jornal de maneira física, que levamos diretamente às comunidades, aos processos, aos campos, aos bairros por exemplo. Digamos que esses são alguns dos esforços, mas também temos dinâmica de emissoras comunitárias, no caso do centro oriente de Colômbia os companheiros e companheiras do trollando sin fronteras tem dinâmica de emissoras regionais, e em outras regiões dos países, no Santander e norte, na região do Catatumbo também tem dinâmica de emissoras populares, e em outras partes do país digamos que isso não está tão generalizado, mas existe, e ali se move algumas dinâmicas de chegar digamos, de maneira um pouco mais direta. E somado a eles podemos falar de ações já mais específicas da Comunicação Popular que com os megafones e os jornais murais se trabalha diretamente nos processo, inclusive nos exercícios de oficinas, com os processo em si mesmo, todo o tema gráfico, dos grafiteiros, dos cartazes, que está muito ativo hoje em dia, têm dinâmicas muito diversas que seguramente, todavia, nos falta aprofunda muito mais. Que a propósito desta entrevista, e esse estudo que você pretende realizar, é muito importante no sentido que também nos leve a racionalizar melhor o que estamos fazendo ali, mas acredito que é uma dinâmica mais para lá das redes, porque efetivamente se vê hoje um acesso muito massivo ao tema das redes, digamos que é difícil, muita gente tem acesso ao whatsapp, ao facebook, mas não é a todo mundo que chega, e nem todo mundo tem facilidade com as rede, então há que seguir insistindo em outras formas de difundir e gerar comunicação, a parte de todo o tema digital e das redes sociais.

**E finalmente, como é para você fazer parte do Congreso de Los Pueblos?**

Bom, para mim é muito significativo, é um projeto que estou desde o início, desde 2010 na sua criação. Estive em outros momentos distanciado por questões pessoais, mas, significou uma oportunidade de maior crescimento político e espiritual também eu diria, certo? humano em si mesmo, porque com isso os povos lhe permitem conhecer o país e a realidade do país, e não só do campo teórico da reflexão política, mas de viver e compartilhar com companheiros e companheiras em seus processos, em seus territórios, em suas realidades, se juntar as lutas de outros e outras, juntar-se às lutas campesinas, dos indígenas, das mulheres e dos jovens, e demais acredito que foi uma experiência que basicamente para mim significou crescer e me entender como ser humano, agora nos últimos anos assumindo outras funções, eu vivo no triângulo cafeeiro na região de Pereira, Manizales, Armênia. Mas, há um ano venho assumindo tarefas nacionais na equipe de condução e voz, é também um novo caminho que eu espero que saia bem, e que permita ir fortalecendo, e que siga fortalecendo o Congreso de Los Pueblos na medida em que se está convencido de que tem que lutar para transformar essa sociedade regida pelo capitalismo que há tantos anos.